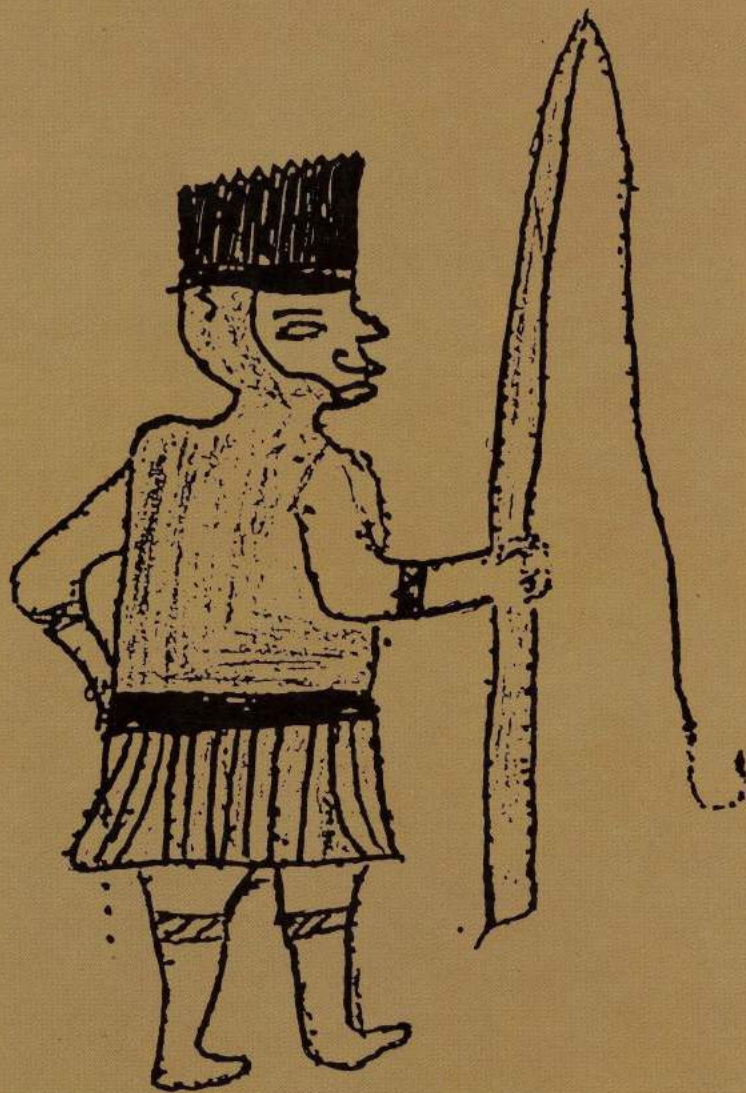


TORÜ DUÛ'ÛGÜ

nosso povo



MUSEU NACIONAL/UFRJ
SEC/MEC/SEPS/FNDE
Memórias Futuras Edições

TORÜ DUÛ'ÛGÜ

nosso povo

Narração Oral de

João Laurentino Souza, Naitanüçü
Ernesto Manoel Santiago, Tchüüreüçü

Transcrição e tradução de

Lucinda Manoel Santiago, Canagüna
Miguel Avelino Firmino, Pegucü
Quintino Emílio Marques, Bewenecü
Reinaldo Otaviano do Carmo, Mapewecü

Ilustrações de

Habitantes das aldeias : Campo Alegre,
Vendaval, Belém do Solimões, Piranha, Bom
Caminho, Porto Cordeirinho, Santo Antonio
e Bom Intento.

Participação de

Conceição Calixtro Vêu
Domingos Joaquim
Isabel Antônio
Jordão Arapaço
Luzia Joaquim
Margarida Inácio
Marta Bonifácio
Zacarias Mariano, de Vendaval

João Rosindo, de São Domingos

Celina Pedroso
Daniel Luciano, de Campo Alegre.

Armando Manoel
Davina
Garcia Saldanha
Guilhermina Pereira
José Guedes Tenazor
Manoel Rita
Oscar Gregório Ramos
Arnaldo Fidelis
Carlos Albino da Silva
Firmino Albino
João José
Moaca Romualdo Ferreira, de Belém do Solimões

Epitácio Gabriel
Nelina Ramos
Samuel Ramos, de Piranha

Elizabeth Perez de Souza
Francisco Julião Ferreira
Horácio Ramos de Souza
Zuleide de Souza Silva, de Bom Caminho

Paulo Moçambique Curico
Roberto Moçambique Almeida, de Porto Cordeirinho.

Adelmo Fernandes, de Bom Intento

Nino Fernandes, de Santo Antônio

Participação especial de

Adércio Custódio, Meta'nüçü e
Pedro Inácio Pinheiro, Ngematüçü

TORÜ DUÛ'ÛGÜ

nosso povo

MUSEU NACIONAL/UFRJ
SEC/MEC/SEPS/FNDE
Memórias Futuras Edições

Rio de Janeiro
fevereiro, 1985

Projeto
TORÜ DUÛ·ÛGÛ

Equipe de pesquisa
Jussara Gomes Gruber, pesquisadora
Vera Navarro Paoliello, pesquisadora
João Pacheco de Oliveira Filho, consultor

Instituição
Museu Nacional/UFRJ
Departamento de Antropologia
Quinta da Boa Vista, s/nº
São Cristóvão
20.942 Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Telefone (021) 264 8262

Órgão Financiador
Secretaria da Cultura/MEC/SEPS/FNDE
Projeto: "Interação entre Educação Básica e os Diferentes
Contextos Culturais Existentes no País"

Com apoio da Oxfam

Gestora dos recursos
Fundação Universitária José Bonifácio

Fotografias de
Jussara Gomes Gruber e
Vera Navarro Paoliello
com revelação e ampliação de
Leonardo Carneiro

Capa, diagramação e arte final de
Jussara Gomes Gruber

Revisão de
Jussara Gomes Gruber e
Vera Navarro Paoliello

Produção gráfica de
Memórias Futuras Edições Ltda.
Responsável: Sandra Siqueira

Copyright 1985 by Indios Ticuna, Alto Solimões
Amazonas, Brasil

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Apresentação | VII |
| TORÛ DUÛ'ÛGÛ | 1 |
| Norü ügü tchiga | 2 |
| Yoi gü arü tchiga | 6 |
| Ngutapa na ai na ngo'ü tchiga | 9 |
| Ningo'õne tchiga | 16 |
| Wone arü ma'üne tchiga | 21 |
| Techi arü ngu'ü tchiga | 23 |
| Yoi pogü'ü tchiga | 29 |
| MATCHI'I TCHIGA | 37 |
| UCAE TCHIGA | 43 |
| MOE TCHIGA | 47 |
| METARE TCHIGA | 57 |
| WÛCÛTCHA TCHIGA | 61 |
| | |
| NOSSO POVO | 65 |
| O início da história | 67 |
| Como nasceram Yoi e seus irmãos | |
| A onça come Ngutapa | 69 |
| Como apareceu o dia | 72 |
| O coração da samaumeira | 74 |
| História de Techí arü ngu'ü | 75 |
| O povo pescado por Yoi | 79 |
| HISTÓRIA DO MATCHI'I | 81 |
| HISTÓRIA DO UCAE | 83 |
| HISTÓRIA DO MOE | 85 |
| HISTÓRIA DO METARE | 90 |
| WÛCÛTCHA | 91 |

APRESENTAÇÃO

Como foi feito o livro

Esse não é um livro sobre índios, escrito por brancos e para brancos. Não foi preparado por uma só pessoa, nem poderia, nem era o que se desejava. Resultou da atividade de alguns brancos e muitos Ticunas, todos trabalhando em equipe, de modo cooperativo e organizado, juntando seus conhecimentos e habilidades para atingir um fim comum.

O que se queria era fazer um livro sobre os Ticuna, para os próprios Ticuna, nas aldeias, com a maior participação possível de todos. Onde colaborassem não apenas os velhos contadores de histórias, os professores e os capitães, mas também muitos outros, homens, mulheres e crianças, lembrando o jeito da vida na aldeia. Que mesmo depois de impresso tivesse no texto, nas fotos e nos desenhos as marcas de todo o pessoal que nele colaborou, onde cada um se reconhecesse mais especialmente em um pedacinho e reconhecesse aos outros em muitos outros pontos, e a todos no livro como uma unidade.

A finalidade era fazer um livro diferente, onde os Ticuna pudessem reencontrar casos e personagens que lhes são familiares e que só eles conhecem. Não como os outros livros que chegam nas escolas ou andam nas mãos de alguns, falando somente das coisas dos brancos, como se só estas coisas tivessem valor, da conquista do Amazonas como se o índio fosse um invasor, um não brasileiro, que atrapalhasse o progresso do país. Esse deveria ser um livro diferente, acabado mas incompleto, carecendo de ser feito novamente e sempre. O texto não é um enigma

que, exterior ao seu mundo, desafia o leitor, ou um guia que o conduz a um mundo desconhecido, mas pré-definido como melhor. Nele habitam muitas vozes, gestos e ações de pessoas que ali não estiveram, parentes, vizinhos e amigos, mas que são indispensáveis para compor uma verdade maior do que está escrito.

Menos que um livro, surdo e seco, o Torü duũ'ũgü é para o leitor Ticuna uma sanfona de recordações, uma caixa de ferramentas, um pedaço de chave. Não é só para ser lido, mas para ser visto, manuseado, discutido. Para fazer rir com as muitas histórias e desenhos. Para corrigir os pontos em que cada um acha que não é bem assim ou que aprendeu de um jeito diferente. Para reescrever as histórias do modo como ouviu ou como se lembra para outros também ficarem sabendo como é no seu pensamento. Mas a sua finalidade é principalmente ajudar a todos a lembrar com mais força de como era essa terra nos tempos em que Yoi e Ipi aqui viviam, quando o povo Magüta era dono dessas matas e igarapés, antes da chegada dos brancos. Para os mais novos entenderem melhor porque têm todos a mesma língua. Porque é preciso continuar unidos como um povo só, para voltar a ser dono de suas terras.

A idéia de fazer um livro assim já tinha sido discutida com alguns capitães e professores das aldeias de Vendaval e Campo Alegre, que animados dispuseram-se a ajudar. Mas o trabalho começou mesmo em 1983, de setembro a dezembro, quando Jussara e Vera voltaram ao Alto Solimões pensando especialmente em dar andamento a esse projeto. Ao chegar nestas aldeias, fizeram uma reunião com toda a comunidade e chegaram a um acordo quanto aos procedimentos. Ficou decidido que as histórias deveriam ser aquelas de antigamente, como surgiram os Ticuna, com Yoi e Ipi. Outras histórias, com outros personagens, também foram incluídas, como a do Matchi'i, do Ucae, do Moe, do Metare e do Wücutcha. As histórias que vêm depois deste tempo, que tratam das relações com os patrões seringalistas, missões religiosas, SPI e FUNAI ficariam para outra publicação. Os participantes dessas reuniões acharam também que o livro deveria ser na língua Ticuna, mas que era necessário ter uma tradução para o português. Tais decisões foram reforçadas depois em outras aldeias e em uma reunião de professores ocorrida em Santa Inês.

Os próprios moradores dessas aldeias indicaram os melhores contadores de histórias que ali se encontravam. Em Vendaval foram ouvidos o João Laurentino, o Domingos Joaquim, o Zacaria Mariano, o Jordão Arapaço, a Marta Bonifácio, a Margarida Inácio, a Conceição Calixtro Véu, a Luzia Joaquim e a Isabel Antônio. Em Campo Alegre os narradores foram Ernesto M. Santiago e João Rosindo.

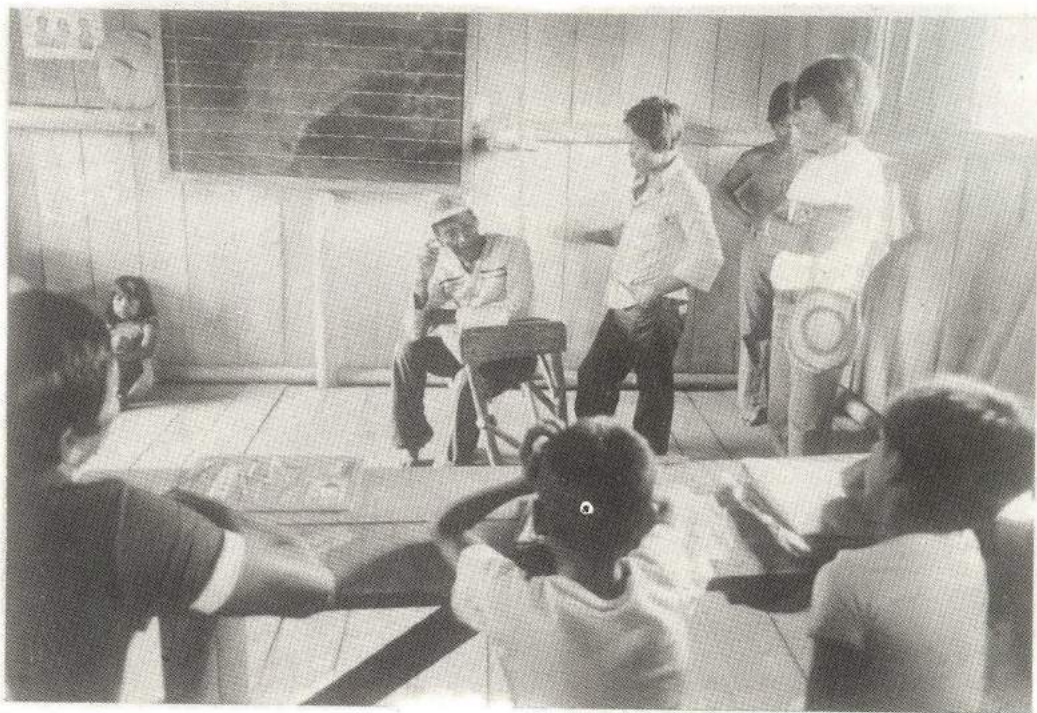
Ao cair da noite, em encontros feitos nas escolas e nas casas de reunião, os velhos contavam suas histórias para um público muito amplo, de diferentes idades, homens e mulheres, todos interessados em ouvir as narrativas. Os relatos foram feitos inteiramente na língua nativa e gravados. Enquanto isso acontecia, eram distribuídos a alguns ouvintes material de desenho e pintura para que registrassem no papel os personagens e os episódios focalizados pelo narrador.



Narrador João Laurentino Souza, Naïtanüçü, Vendaval (foto J. Gruber)



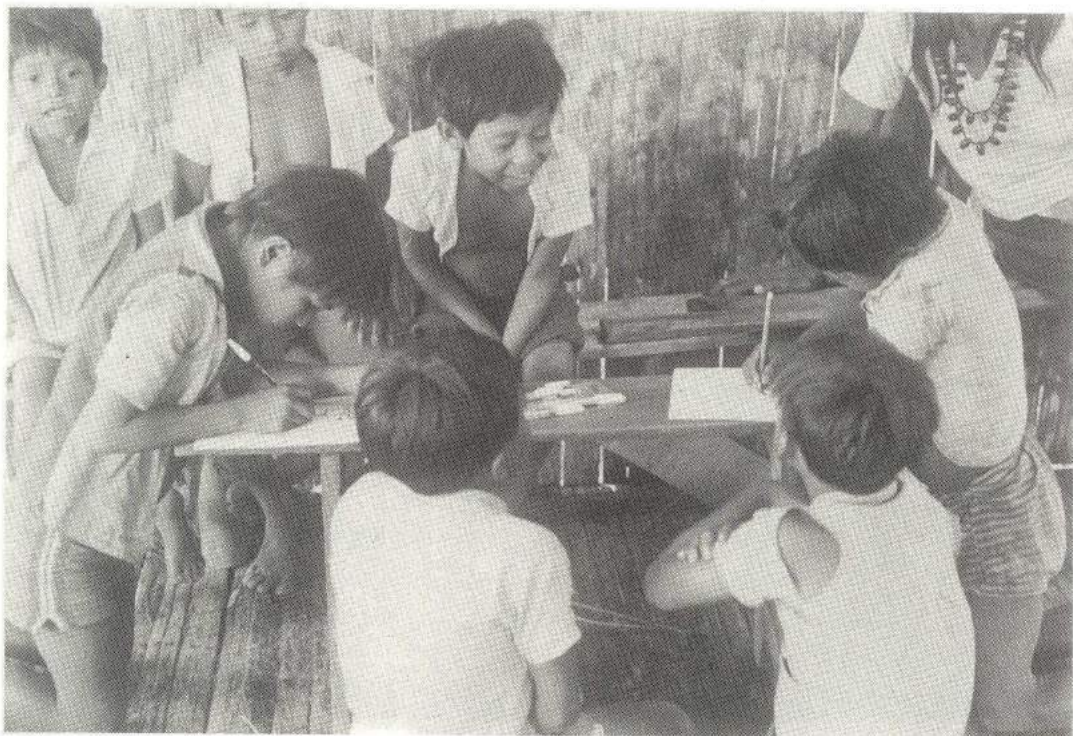
Narrador Ernesto Manoel Santiago, Tchüüreüçü, Campo Alegre (foto J. Gruber)



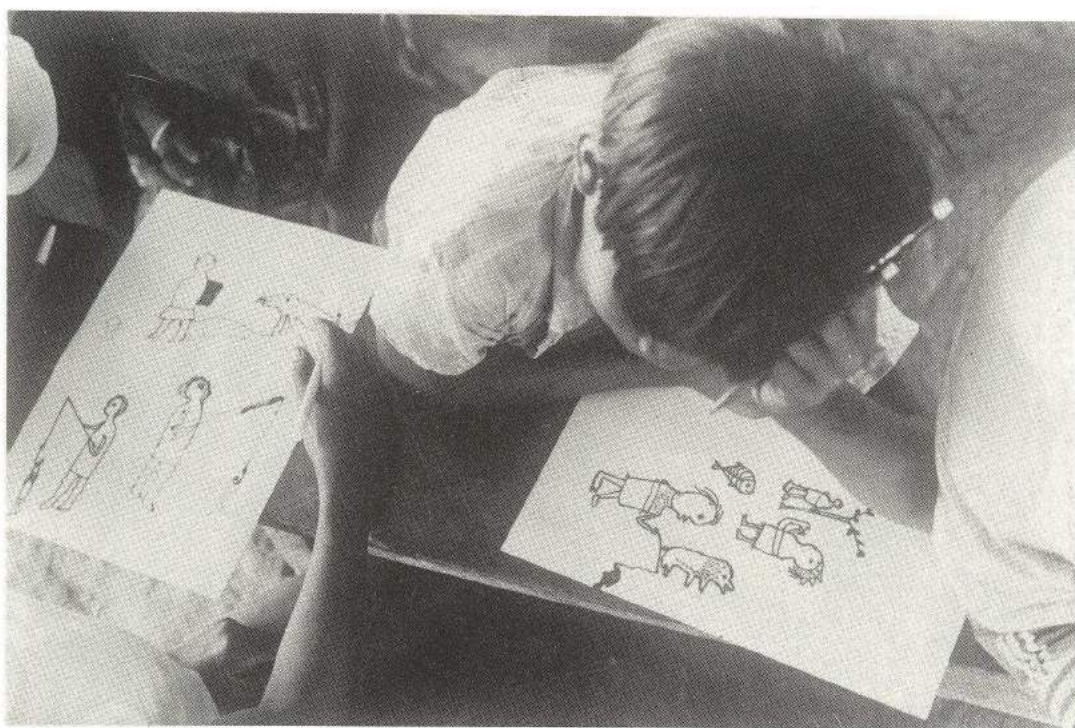
Escola de Vendaal (foto J. Gruber)



Escola de Campo Alegre (foto J. Gruber)



Vendaval (foto J. Gruber)



Belém do Solimões (foto J. Gruber)



Escola de Belém do Solimões (foto J. Gruber)



Belém do Solimões (Foto J. Gruber)



Professores Reinaldo, Quintino e Miguel (foto V. Paoliello)

Uma outra etapa iniciava-se depois. Com a colaboração dos professores Reinaldo Otaviano do Carmo, Quintino Emilio Marques, Miguel Avelino Firmino e Lucinda Manoel Santiago, todas as fitas gravadas foram transcritas e traduzidas para o português. Daí resultaram dois textos, um na língua Ticuna, correspondendo à colocação em forma escrita da versão oral (e segundo os professores minuciosamente corrigida e simplificada), outro correspondendo a uma tradução livre desse primeiro texto para a língua portuguesa.

Posteriormente, ocorreram sucessivas revisões desses dois textos. Outros professores receberam cópias, leram atentamente e fizeram anotações e correções. Em agosto de 1984, Reinaldo, Quintino e Miguel participaram de uma reunião em Cuiabá (MT) sobre educação e, depois, no Rio de Janeiro, procederam a uma revisão de todo o texto em Ticuna. Mais tarde, em dezembro, o capitão Pedro Inácio e o próprio Reinaldo voltaram a reler e corrigir o mesmo texto. Quanto ao texto em português, foi ainda revisado por Jussara e Vera. Nesse caso, o que se pretendia era apenas assegurar a clareza e evitar um uso incorreto do português (problema no emprego de pessoas, tempos de verbos, palavras inadequadas, etc), tendo em vista a perspectiva de utilização do livro nas escolas. Predominou nesta revisão a preocupação em servir-se de um português regional conhecido pelos Ticuna, na medida do possível tentando manter um estilo que fosse compatível com a expressão oral. Esse texto em português teve mais duas revisões, feitas por Glória Bordini e Roberto Flora.

Mas a preparação do livro incluiu ainda outras pessoas e etapas. A maior parte dos desenhos e ilustrações foi obtida em reuniões especialmente promovidas para isso, sendo orientados pelos próprios narradores ou outros velhos mais conhecedores da tradição. Em outras aldeias, como Belém do Solimões, Piranha, Bom Caminho, Bom Intento,

Porto Cordeirinho e Santo Antônio, foram realizadas várias reuniões desse tipo.

Devido ao alto custo da publicação que isso acarretaria, somente uma parte pequena dos quase 300 desenhos recolhidos pode ser aqui reproduzida.

De fato, a participação dos colaboradores Ticuna se estendeu muito além da pesquisa, registro ou correção. As decisões básicas quanto à edição do próprio texto foram tomadas coletivamente, em conversas com os professores e capitães. Para a grafia Ticuna, os três professores já mencionados optaram por adotar o sistema utilizado pelas publicações do SIL, aí introduzindo uma adaptação ao português (o *ch* substituído por *tch*) e modificando a notação utilizada pela glotal (o *x* foi transformado em *ʔ*). Nesse sentido se procurou homogeneizar a grafia adotada com os usos das escolas no Brasil e com a cartilha para alfabetização na língua Ticuna organizada por uma equipe do CIMI-OPAN. As divisões internas à narrativa mítica — apresentada pelos velhos como uma unidade — foram igualmente realizadas pelos professores que elaboraram os títulos de cada uma dessas partes. O nome do livro foi sugerido pelo capitão Adércio C. Manoel, de Campo Alegre. Adércio e Pedro Inácio Pinheiro (capitão de Vendaval) escreveram, conjuntamente, uma mensagem que foi colocada em destaque na contra-capa desse volume, falando a todos os Ticuna sobre a importância do livro. Esses dois capitães, junto com outros líderes do Cajari e de Santa Clara, tiveram oportunidade de visitar a gráfica onde ia ocorrer a montagem final do livro, tendo idéia bastante concreta, portanto, sobre todo o processo de composição e impressão. Alguns meses mais tarde a mesma visita foi realizada por Reinaldo, Quintino e Miguel.

Uma nova relação com a escrita

Desde o princípio se teve em mente que o livro poderia contribuir para a qualidade da atuação educacional desenvolvida junto aos Ticuna. Embora essa não seja sua destinação primária, pretende-se que ele possa ser usado nas escolas como texto básico para leituras tanto na língua Ticuna quanto na língua portuguesa. Pode também ser devidamente completado por um conjunto específico de exercícios, e utilizado pelos professores Ticuna em suas atividades regulares de ensino. Por todas as suas características já mencionadas, é de prever que a sua aceitação pelos alunos seja mais fácil e o aprendizado mais rápido do que em livros inteiramente voltados para outras realidades. Aliás, essa finalidade favoreceu bastante a realização desse projeto e a edição do livro, uma vez que tais recursos procedeu do FNDE, através da Fundação Pró-Memória. Tal projeto foi apoiado por um programa da SEC/MEC, intitulado “Interação entre Educação Básica e os Diferentes Contextos Culturais Existentes no País”, sendo essencial para a sua viabilização a confiança e a cobertura integral dada pela linguísta Ana Suely Cabral, que acompanhou as diferentes etapas do processo.

Para o branco, tudo que possui maior importância deve ter um

registro escrito. Assim acontece com as leis, com os títulos de propriedade, com a história sagrada contida na Bíblia. Além de ser veículo de transmissão de um conhecimento que só poucos detêm em uma forma mais completa e elaborada, o livro Torü duü'ügü contribui para a revalorização pelo Ticuna de sua própria tradição cultural. O livro corresponde a um momento de reconhecimento da importância dessa tradição por instituições encarregadas justamente de divulgar o que os brancos vêem como conhecimentos importantes. A incorporação dos relatos míticos a novos meios de expressão e a outros usos sociais, com a sua colocação em forma escrita, a preparação de um livro onde os autores em certa medida se aproximam e se identificam com os leitores e usuários, a utilização desses personagens e episódios em um processo formal de transmissão de conhecimentos — tudo isso favorece uma reavaliação da importância e das potencialidades que tem o uso da língua e de conhecimentos da tradição nativa. Não só como memória, mas como instrumento de ação prática no momento histórico presente. A narração dos feitos de Yoi e Ipi termina por indicar os fundamentos dos costumes básicos dos Ticuna, mostrando uma história da humanidade que compete em interesse e sofisticação com as descrições bíblicas e, por fim, funciona como verdadeiro documento comprobatório da persistência de sua identidade étnica e da justeza de sua reivindicação territorial.

Essa transposição de narrativas orais para uma forma escrita não deixa de colocar, paralelamente, problemas e dificuldades que devem ser posteriormente estudados com maior atenção. Por ora, deve ser mencionada a questão das diferentes versões que geralmente narradores de diferentes aldeias (ou lugar de origem) dão a um mesmo mito. O texto limitou-se a registrar uma determinada versão, recolhida em Vendaval e depois ligeiramente completada em Campo Alegre, uma vez que os dois relatos foram basicamente coincidentes. A existência de diferenças entre a versão aqui divulgada e aquelas que cada um puder ouvir dos mais velhos em suas aldeias, deve ser um fator de estímulo para que os leitores, auxiliados pelos professores, tentem registrar por si mesmos essas outras versões, pensando depois em compor com esse material novas publicações de um outro tipo.

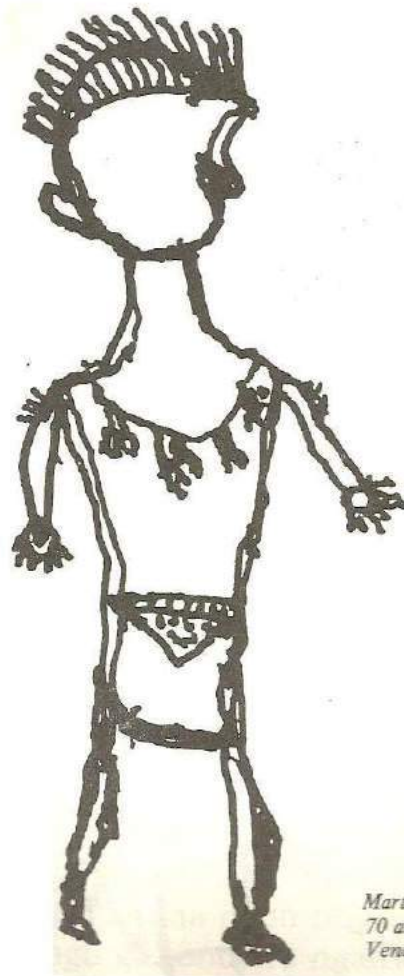
O problema de privilegiar uma versão ao colocá-la por escrito só é possível de ser superado criando-se uma nova relação entre o leitor Ticuna e a palavra impressa. Uma relação que seja fundamentada não apenas na familiaridade de temas ou na sua utilização para se atingir determinados objetivos políticos, mas também na aproximação da escrita e do livro em um instrumental acessível e útil para um posicionamento e interferência sobre a realidade cotidiana.

Nesse sentido o livro Torü duü'ügü dá continuidade à experiência do jornal Magüta, iniciado em novembro de 1981 e atualmente no 14.^o exemplar, feito inteiramente por um grupo de professores e líderes Ticuna. É através de outras experiências semelhantes, a serem desenvolvidas em outras aldeias e com finalidades próprias, que parece possível dar continuidade a essa iniciativa.

João Pacheco

TORÜ DUÛ'ÛGÜ

Nori arü ügü ga ore ga nucüma'ü ga torü ga na nhunhaacü yi'i'ü.



*Marta Bonifácio
70 anos
Vendaval*

Norü ügü tchiga

Nüma ga Ngutapa ga naâne nama'ã ya iĩtchicü, rü nge'eü rü na tauma i ta'acü i nhüma na yema i na i aëürü'ü rü yii'ü ngema na yamareü ga Ngutapa.

I nori'ütchicü, ingeguma, rü norü tchiura ta ngemana yaü, rü ya Baia rü ta cünanangemaü rü norü tchiura rü ta nangemaü, erü nüma ga Baia rü Ngutapa tanü'ü ni'i rü wü'iva na yae.

Nucüma ngeguma rü nüma ga Ngutapa rü na tauüma ga norü bue nu'ü tayema yerü tauguma nügüga nidau, ga namamaã rü na yaemare.

Ngeguma yema namamare i ya'i, rü tauguma i buüã, ga ngĩma ga Mapana, rü yemaca ngitchi naai ga nüma ga Ngutapa.

Inacü i ngeguma i ngema, i Taiwegüne i nori naäne i üüwacü, rü ngema ni'i i nangemagüü erü ngema i nori naü'ü i naäne nua natü i Tonetü.

Erü yeguma arü naäenecü rü wü'i i ngewaca i ya eaneürü'ü ni'i yerü natauma ga nhätü, rü yema nawa nayemagüü ricatama ni'i. Rü yeguma ngemamã ni'i i nangemagü'ü rü marü nhurema ya taunecü na yemagü, rü yegumama ni'i ga tüü nacuaiü ga namã ga Ngutapa, rü yeguma rü na tauma ga to, ga duü'ü nüicagümare ni'i ga nayemagü'ü.

Natürü ga guma Baia rü nü'ü tayema ga bue, rü naäcü nüetcha nüma ga guma.

*Francisco Janudrio, Dematücü
7 anos
Belém do Solimões*





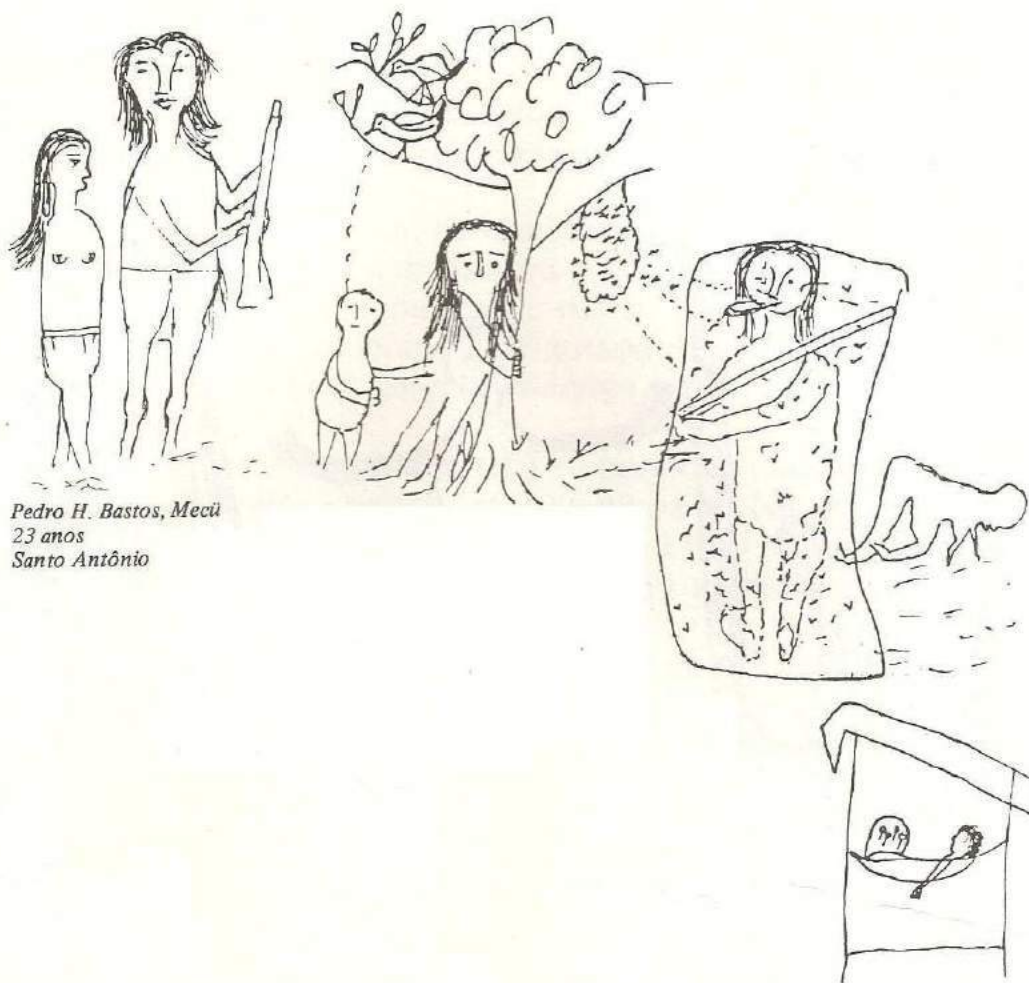
Henrique Anselmo
10 anos
Belém do Solimões

Ngutapa rü tauguma naäcü, rü mu'utchicüma ya tauenecü na ngeacü.

Rü yeguma fenewa tümamãa na u'ü ga namá ga Ngutapa yerü yeguma rü marü nayaanegü ga nañecü, rü yema i na feneeügu ni'í ga tü'ü na cuai'ü ga nama, rü yeguma tü'ü ya na'ü, rü nainewa tü'ü ni'í nai rü ngiparawa rüta, tü'ü ni'í naigü, rü ngitchacü'üwa rüta.

Rü yemawena rü nüma ga Ngutapa rü na üpetü ga na ya feneü. Yerü yegumarü marü auriütchima nguü tinge, rü mae rü tü'ü nawi rü éne, rü tü'ü na ngo ga tümaärü ngaüwa.

Rü yeguma tümaetügu i na rü wagügü i coou rü ngeguma ngina tacagü rü nhätagürü, pa noë pa coou tautchiname'ü ega tchoü icuwëgügu nhätagürü co-co-co-cou nhatagüü, pa noë tauchina meü ega tchoü icuiwëgügu rü tchoü ni'í ma, i ucaüütchi i Ngutapa nhätagürü.



Pedro H. Bastos, Mecú
23 anos
Santo Antônio

Rü yeguma ga noē i coou ta ngica itarü i rü ngiũ ta ngaũ rü cu tucü pa tchauta'ã nhâtagürü.

Rü yeguma ga noē ga coocou rü irü duũ.

Rü yeguma rü tü'ũ i ya wēgü rü ngeguma cuütanütchaũgu rü daani'i ya maē nhanagürü, rü yeguma rüinayau ga maē ga Mapana.

Natürü ga guma maē rü maega rü ngerata ni'i ga naēga, natütü guma maē rü na taütchirema rü natürü yiema i daugu rü na i'ra. Rü yeguma i nayau ga maē, rü ngigürügü taũũ tama ni'i nua cuũna ngēēü ngigürügü.

Rü marü yemawena ga coou rü tüna i igü rü weriũ ti'igüärü.

Rü yeguma ga nüma ga Ngutapa rü marü na taegutchaũ, rü yeguma marü nataegugu rü wowerugu ni'i fetchigü rü yeguma ga ngima ga Mapana rü marü iya nguēē, ga namacüwawa ga naipünewa.

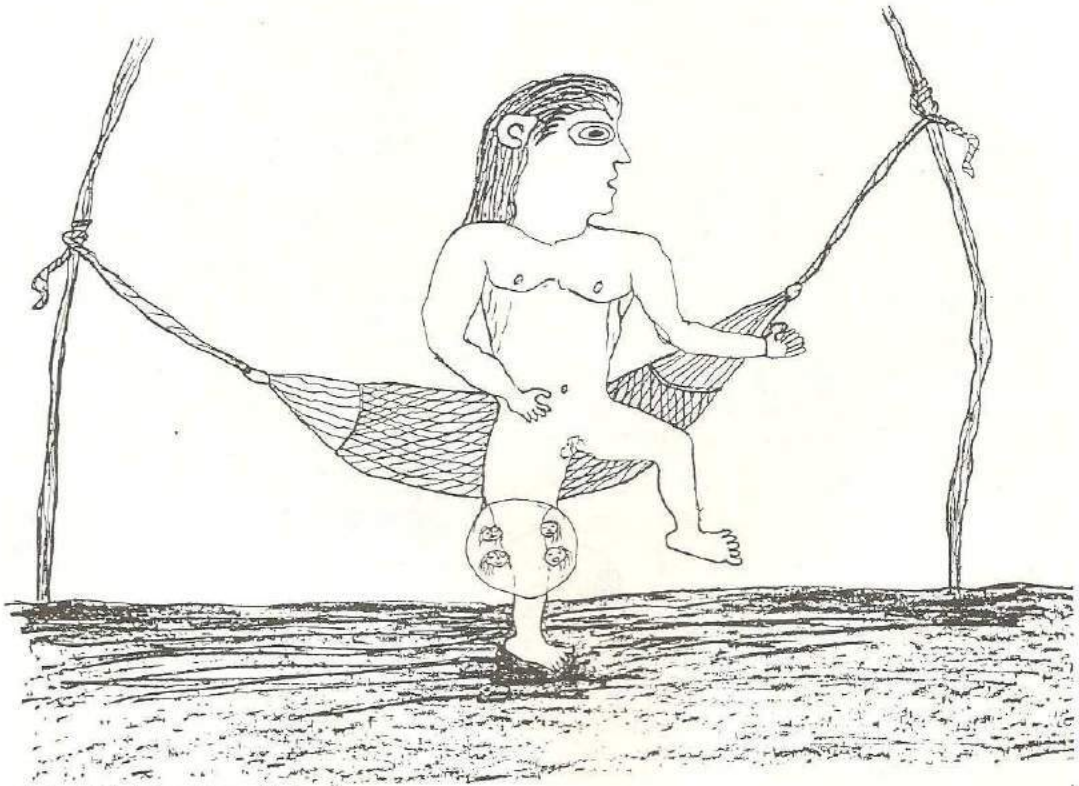
Rü nüma ga Ngutapa rü ni'ĩ woweruetchigü rü ni'ĩ wü'ĩ paratchigü, rü ni'ĩ fenagütchigü, rü nhānagürü, nhūmarütchi nhūnhā i Mapana i mae ngi'ũ wiarü ngauācū rü ēne ngi'ũ ngo arü nga'uācū nhānagürü tcherutcheru-u-u-u...

tcherurutcheruru-u-u-u... nhānagürü.

Rü yeguma ga tūma ga Mapana rü marü nüũ ta inü'ũ rü wüiparagu ni'ĩ ga nüma, rü yeguma marü na ngupetüatchigu rü nügü i'ya caiatchigu, rü yeguma naweama nenanhāga guma maē, rü pe ga naā pü'ügu rü norü naiāpüüguta.

Rü ngü ga ini'ĩ ni'ingu, rü marü tama yema i natchi rü tūma ga norü na'ma ga Mapana, rü tūma i ti'u rü yema yirūma ni'ĩ rü nüna iti'āma ga ipatawa.

Rü yeguma ga nüma rü marü taguma i natchi rü nüma ga naāpüü rü marü manarütchaapüü, rü yemaācū tama ini'iu rü ini waatchigü, rü nhumata inangu ga ipatawa ga nayaanegü.



Pedro I. Pinheiro, Ngematücü
39 anos
Vendaval

Yoi gü arü bu tchiga

Rü yeguma marü inangugu, rü napagu narü yiätchi rü yeguma ya nama ga Mapana rü marü tama nu'ü ta cuatchaü, rü yema gurümare ni'i.

Rü yegumamã marü aurima natchütagu rü nü'ü nangu ga naãpüü rü aürimanarütcha, yerü poraãcü nü'ü nangu.

Rü marü yeguma wüi ga yüü yi'iguwena, rü marü auri nü-ü narütcha ga naãpüü.

Rü yemawena marü mu'üma ga nguneüguwena nü'ü dauü rü marü aurima narü tcha rü na tchicawetaü, rü yeguma nü'ü nadaugü rü yema nü'ü nadau, ga tare ga duü'ü ga naãpüüwa, rü norü naãpüüwa rü ta tare ni'i.

*Manoel Inácio Pinheiro, Dawegocü
19 anos
Vendaval*





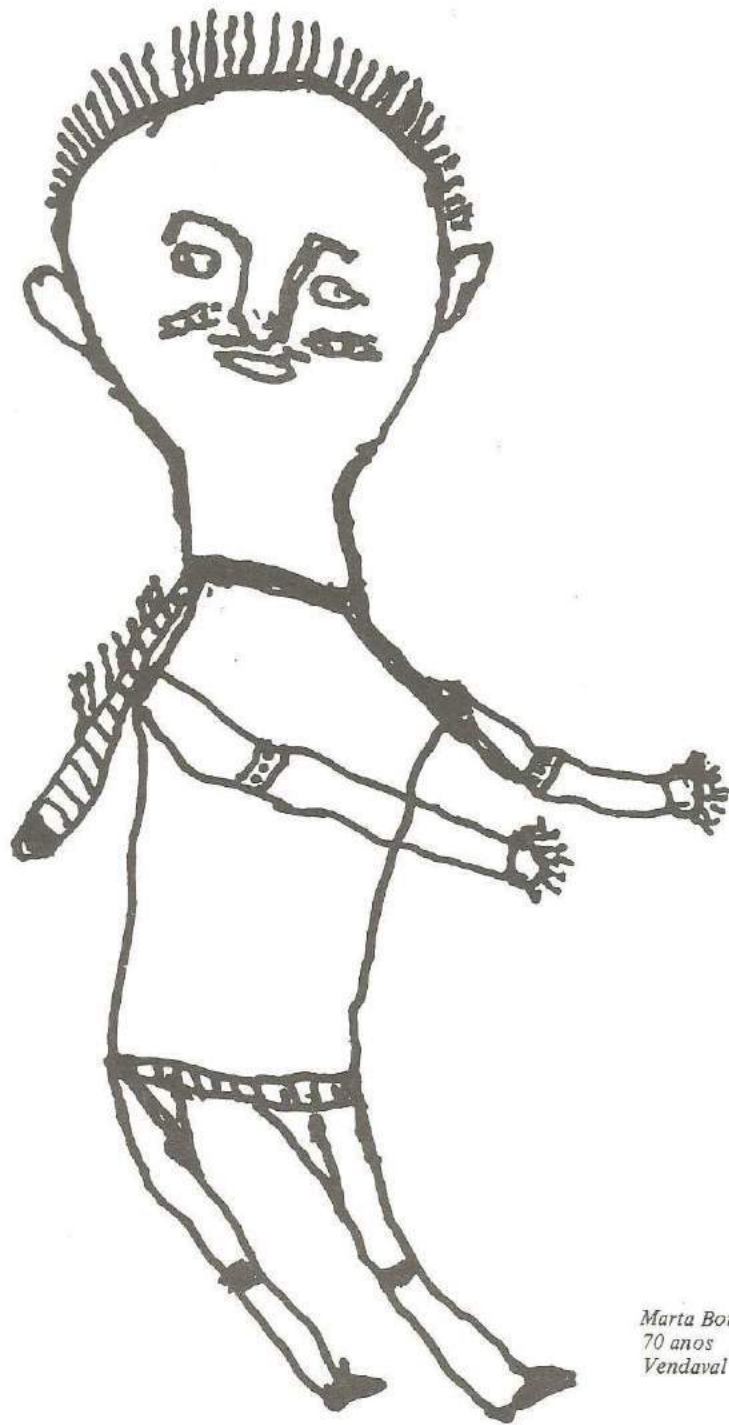
*Pedro I. Pinheiro, Ngematücü
39 anos
Vendaval*

Guũ inguneũgu nü'ũ i ta daũ, rü nü'ũ nadau, ga wüi ga yatü ga norü ie neĩwĩcü ga naãpüüwa, i namücü ga ngecü ga ngirü bureta i ücü.

Rü yegumarü'ũ ta ga norü naiãpüüwata, rü yegumama na tũnaũapü'ũ, rü yemawena itatchoũ'ũ, namaã ga tũmarü ie ga yatüwa, rü ngeũgü rü norü buremaã i na tcho'ũ.

Norü tũgüne ãpüüwa ina tcho'ũ ya Yoi rü na'eya i Mowatchama, rü norü toweãpüüwa ta ina tcho'ũ ya Ipi rü na'eya i Aicüna.

Rü yeguma ga nüma ga Ngutapa rü norü me, rü tauguma ni'ĩ dawe.



*Marta Bonifácio
70 anos
Vendaval*

Ngutapa na ai na ngo'ũ tchiga

Rũ yemawena rũ mucũma ya taunecũguwena rũ marũ nayae ga nane, yerũ yegumaũcũ'ũ rũ paamã tayae, erũ ũ'ũnegũ rũ paatama nayae.

Rũ marũ nayaeguwna rũ fenewa na ĩ, ga nainecũwa, yeguma ga nũma ga tũmanatũ ga Ngutapa rũ fenewa ta ĩ'yane rũ ni'ĩ tchagũe, rũ tchagũewa naũ.

Rũ yema i natchagũeũgũ ni'ĩ ga ai yayaũ'ũ ga nũma ga Ngutapa, yerũ nũmaũ tu'uwa na nga, ga Ngutapa rũ guma tu'u i iyawiitchiyane, naweamane nanhã ga ai rũ tũ ga naya yau, rũ yemaãcũ yi'ĩ.

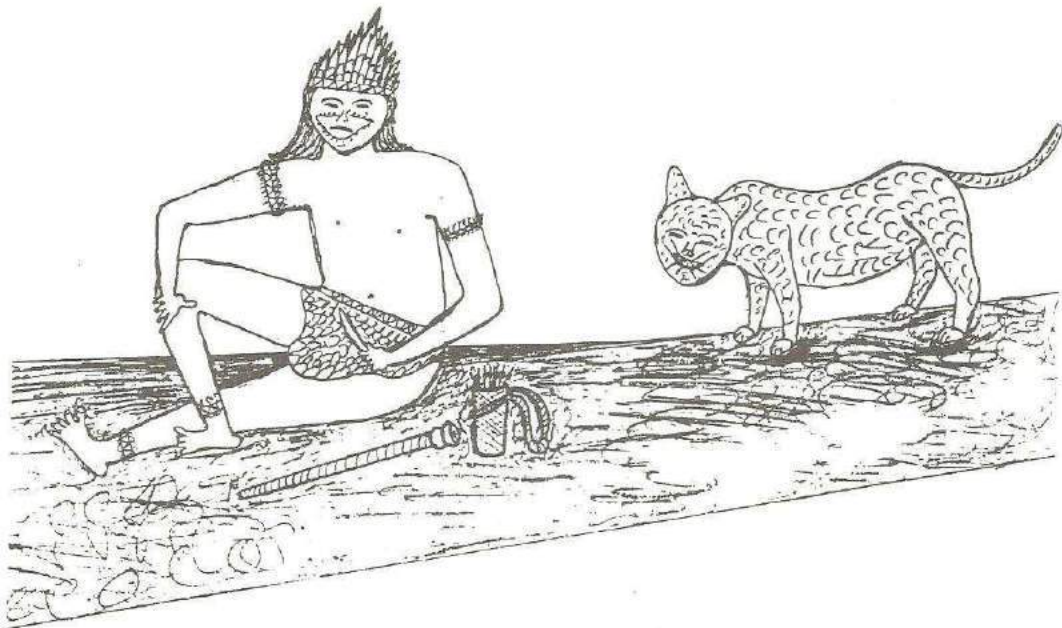
Rũ yeguma yũcũrama i tangugũũ ya naacũã, ga nawena rũ nũma rũ yemama i narũtau, ga tũmanatũ rũ tauguma inangu.

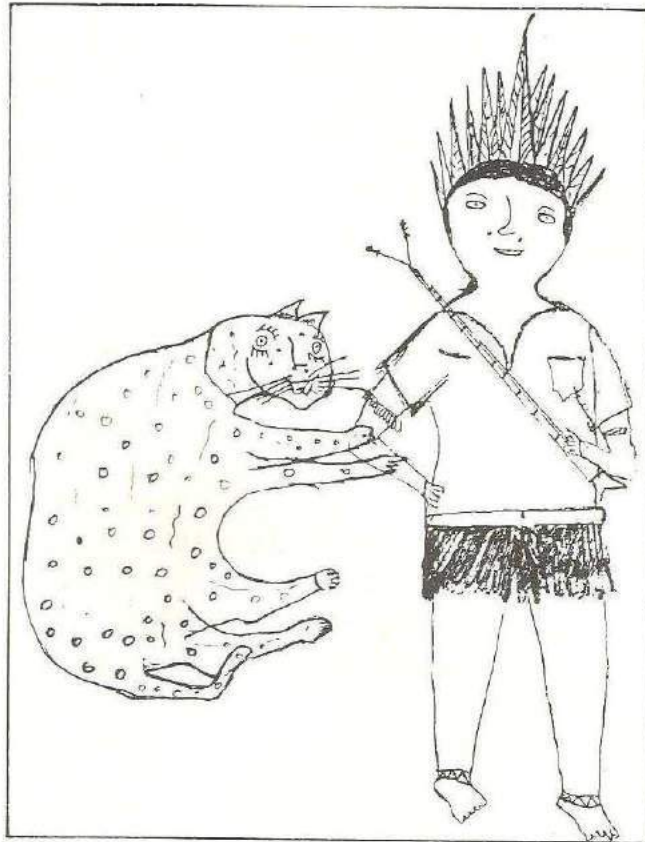
Natũrũ ngima ga nama rũ marũ nũ'ũ i cua, ga na ta'acũ yema nũ'ũ ũpetũũ, gana ai yema na ngo'ũ ga Ngutapa.

Rũ yeguma ga nũmagũ rũ ngĩna nacagũ'ũ, rũ nhãnagũrũ: pa noẽ ngecũ ni'ĩ ya tonatũ nhãnagũrũ?

Rũ i nangaũ rũ ngĩgũrũgũ penatũ, rũ tama nũ'ũ i cuacũ ya penatũ.

*João Juvito Bonifácio, Nguãtchicũ
38 anos
Vendaval*





João Manduca, Mutchiacü
10 anos
Bom Intento

Rü yeguma wenatama inacagü rü ngigürügü?
Tauetchigu auëgu ya penatü, ngiãmaü ga noë namaãnangaü.
Rü wena tama inacagü, pa noë ngecü ni'ĩ ya tonatü nhãtagü'ü
penatü ya tama nü'ü i cuacü ya penatü, rü tama pa noë rü ngecü
ni'ĩ ya tonatü rü nü'ü ta cuatchaü, ya tonatü nataãcü nü'ü
üpetü'ü nhãnagürü, rü tchigupüta nhaü ya penatü ngiãmaü.
Rü tama pa noë rü ngecü ni'ĩ ya tonatü rü nü'ü ta cuatchaü pa
noë nhaü, tauetchigu auëgu ngitchigüama, rü nucüütchima rü
ngiü ta caaügüetchaü, rü yeguma ngiü taü'ü nüna nawa ya
penatü ngiü ga yeguma.

Rü yegumama nü'ü ni cuaãtchieü, rü itama ga yeguma rü
marüna nü'ü na cuagü ga yeguma.

Rü yeguma ga nüma ga Ipi rü nhãnagürü, nhüma i ta
nhuñhagü'ü, nhaü ga Ipi, rü yeguma nhãnagürü pa maĩ, maĩ,
maĩ, meatarütchi naãene arütagu i ya boegugu i taeya yae, nhaü
rü ngeguma tchi ni'ĩ i tüna nanguü ya tanatü nhaü ga nüma ga
Ipi.

Cucugu, nhaãma'ü ga naeneë ga Yoi, rü wena tama, pa maĩ,
maĩ, maĩ meatarütchi ngemaü i wagügu, nhaãma ya Ipi, catürü
nü'ü i ü, nhaü ga yeguma, rü yemama nü'ü naü ga yeguma.

Rü yeguma pa maĩ, maĩ, maĩ, meatarütchi ya puyegu naca ya ai, nhaãma'ũ i yeguma.

Name ni'ĩ nhatagüũ ga yeguma ga naeneẽ ga Yoi, rü yegumatama naca tanangemaũ ga yema puyeruũ rü tama ga taũ rü ira mareütama ga yema puyeũ ga nauũ.

Rü nüma ni'ĩ ga Yoi ga nangemaũ ga yema puyerü'üwa rü nügagutama i nangügü, na'ĩ ga puyeũ.

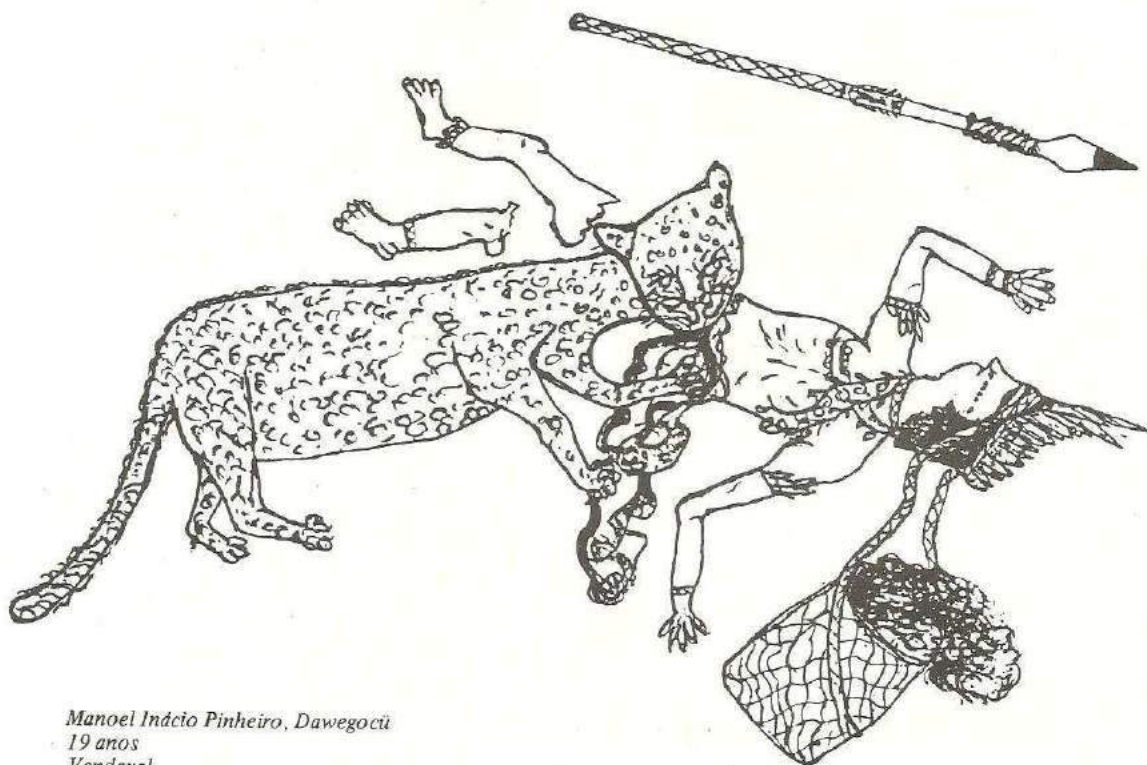
Natürü yema puyeũ rü naira, yerü yematama ni'ĩ ga naãene arü ta, rü nacüwawa rü deani'ĩ rü tocüwawa rü tadeani'ĩ rü guücüwawa ni'ĩ ga deayi'ũ.

Rü yeguma rü marü nü'ũ nangu'ügu ga yema puyeũ, rü nana üa ga natüwaama.

Marü yema gu'ũ nü'ũ megu, yeguma ni'ĩ ga yapuãũ ga naeyayae, ga yema Mowatcha i icüyae, yerü yema iyü ga Yoi naëya ütchi i icü.

Rü yegumawena marü yema nü'ũ ngu'ügu, rü nü'ũ na ü ga naãene arü tagu iya weeguũ ga naëyayae, rü yegumama ni'ĩ ga nü'ũ na ü'ũ ga nanü'ũ na tuũ.

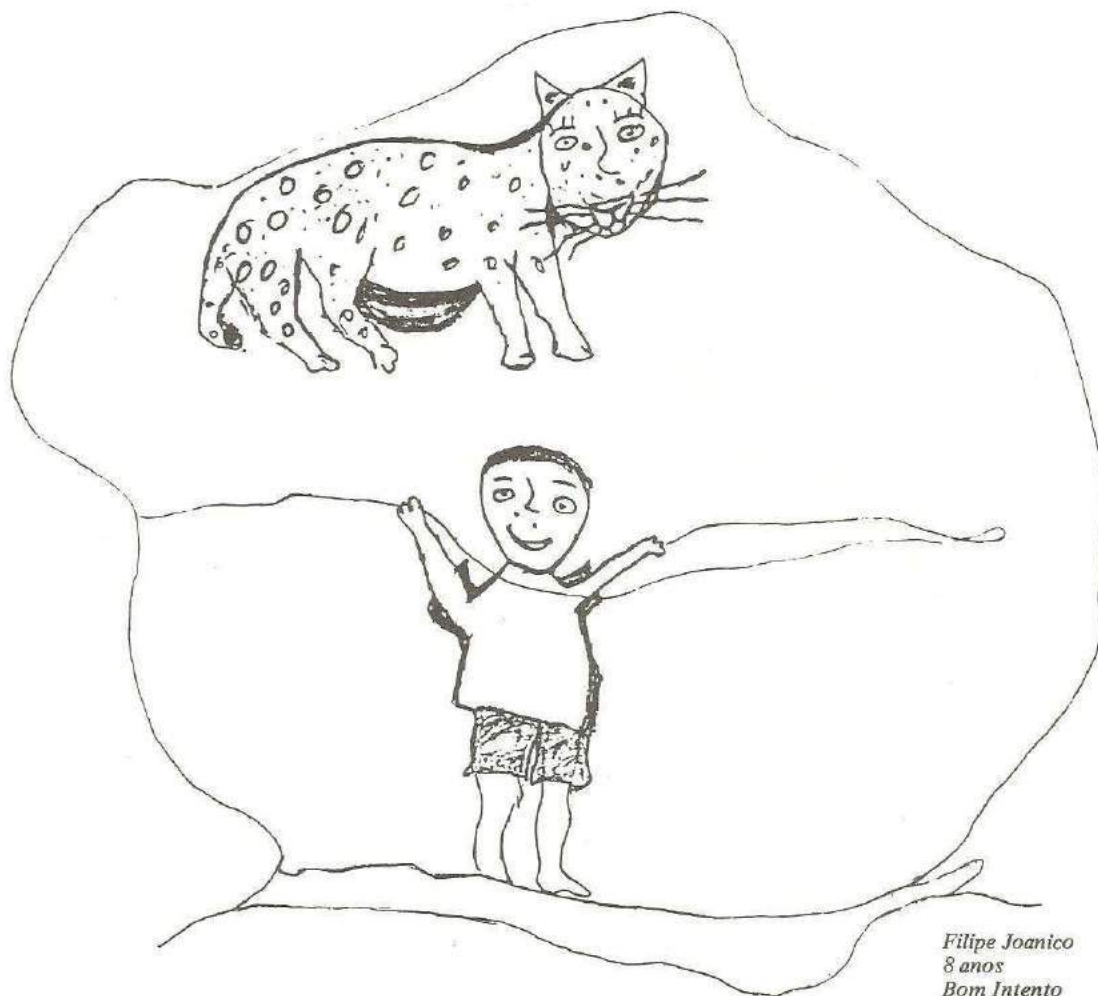
Rü naãene rü i na iraãtchiane rü dea rü naweama ni'ĩ üütchiütchigü rü dautchita rü i ni'ĩ iraãtchitigü rü nüma i ngema aigü rü wüiwa na iãtchiũ.



*Manoel Indcio Pinheiro, Dawegocü
19 anos
Vendaval*



*Manoel Indcio Pinheiro, Dawegocü
19 anos
Vendaval*



*Filipe Joanico
8 anos
Bom Intento*

Rü yegumama nunaü'ü, rü nüma ga guma naeneē rü
tocüwawaama, na'ü rü yema naeya rü tocüwawa coyaü ngema
ngiü ni'i nhuēē, rü yema coyaü e icü rü Aicüna i yi'i
naeya ütchi ya Ipi.

Rü yeguma yemawena, rü norü i'itchi ga ngoogü rü nüira narü
i'itchi ga ngawü, rü cowü rü yawe, rü yema niigue rü yeguma
narü i'itchi ga nagu'ü rü ai ya ngemagü.

Rü yeguma marü yema i guegu, rü nawa nangu ga ai'itchi ga
nanaütchiü rü yeguma ni'i tchopetüetanü, rü marüma mucü
tchopetügu, rü guma meama ngäüwa ücuna na cagü, rü
nhānagürü pa o'i ya ai ngetaüraüta i torü uwanü i nhüma
nhātagürü rü yeguma tüü nangaü go o'i ga ai rü nhānagürü
yearaüta nhānagürü ga yeguma.



João Juvito Bonifácio, Nguatchicü
38 anos
Vendaval

Düca perü inüē rü wiweāma ni'ī fetchigü ga guma ai nhaü ga naga, Ngutapa arü tueri-i-i, dua, dua, dua, durumü, durumü, durumü, nhaü ga naga ga ai, duürü'ü nagu ni'ī fetchigü ya tüe. Rü yeguma ga ai rü na üpetü.

Rü inayangueegü rü ga ai naya yauäcü ga guma ai.

Pa oi ta ta'acü ni'ī i ngema nama i qui fetchigü'ü tau'üma pa tchauta'ã, tau'ü pa tchauta'ã.

Na ane'ütchi rü tama nü'ü ni'ī utcha'ü.

Rü tü ga ta'a yau nuama tana tcha'ütchi rü tana pu'utchi'e'e ta'u ga natüwa na yu'u, tü ga coya iya ya'u yemana.

Yema narü ta'u ga ai.

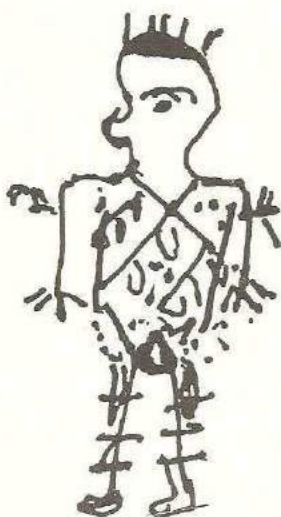
Mai,mai,mai nhaü ga Ipi nhumaita nhu nhagü'ü rü ta'tu rü na'au. Mai,mai,mai nhuma ta nhu nhagü'ü mea ta rü tchi ta'utütchi'ica ingemagu nhaü ga i'e, rü ta'tütchi'ica nangema ya ta'ütchicü rü nü'ü ina ngu ga guma ta'tütchi'i, yeguma ina ngu ga ta'tüchi'i ga ta'tü ga natütchi'ügu tana nha rü irarüwa'ecü i ni'ī e'ätchi.

Maĩ,maĩ,maĩ metchina yu'uca i ngemagutchi, pa yutchi ta'acü pa tchauta'a tama na ocüra'ũ ga Yutchi tautchi name'ũ ega ta'tu i'qui tche'ēegu erü to'eya rü coyaũ aimaã i ya nha ga ai nha name pa tchauta'a gumagü, mecüma iyatche'ēē.

O yemana'u'ã natchi'üwa nayu'u rü yaumare rü yaumare rü na'ü rüta pu, na'ü rüta pu, irarüwa ecü i ni'ĩ tche yerü mana na ya'ũ rü taucürawa na puracü.

Maĩ,maĩ,maĩ meatarü o'i ya Cawa ca i ngemagu name ni'ĩ nhānagürü ga guicata a namema ni'ĩ nhātagü ga naeneē yemanawai tūmacana ngema ga o'i ya Cawa nūma rü wü'i ya o'i ni'ĩ rü wü i du'ü'ü, ni'ĩ natürüta wü'i yewa'e naca ni'ĩ, ngegumamema'ücü ngeguma'ücü yema ta'ngu rü ti'ĩ tucutchi rü rü tumare.

Natchi'üwa na yu'u rü rü tumare rü natchinü rüta naacu rü nayaeü'e rüta naãacu rü ta'acü ga ã ngu nota cüma bai'imare'ũ ga de'a.



*Margarida Inácio, Watatüna
68 anos
Vendaval*

Nü'ũ perü bu'utchimü i de'a pa tchauta'a, ta'acüga ã nü'ũ tarü bu'utchimü'ũ ga ta'tü yemarü ua tatütchine'ēgu nama'ã yana nhu'ũ ga ai nginata yapu'ü ya ai rü ngi'ũ itchiga'ũ rü nhumarü'üta'a ngiyi'ĩ yerü natchiga ni'ĩ ngema'ucü nena ngu rü ngenetanange'ũ marü pa tchauta'a ta'acüga nügü na'ogü rü nge ga de'a ga na'aacu.

Ngeguma ta natchuna'ũ ga ai yeguma tana yau'u'ũ ga gu'üma ga namatchi me'ama nanadegü ga guüma ga tümamatchi nhumata me'ama nagu, marü na gu'gu rü tümatchica nacugü yeguma ina yunagü rü nori rü'üta'a na ma'ü, tau'ũ ipebai'atchi pa tchau'acüa.

Ningo'õne tchiga

Nhamawena rü marü wonewa na da yeguma rü taguma ni'ĩ ngune rü na'ea neetcha yerü naeta rü naane arü tani'ĩ ga natanü ga guma wone yerü dautchita rü na iraecü.

Maĩ,maĩ,maĩ nhuagügutchi i ya ngune'ü, ta'acü ga a nhogüne'tchire nena dau, yeguma inana magü tchairata'a nha'ü ga i'e yeguma enana ma'ü ga i'e.Fü rü rü rü! ē ē ē ē ē!
notacüma tchüta'ürica.

Maĩ,maĩ,maĩ,cuicatürü nhānarügü manhatagü ngune, ngune, ngune ga ni'ĩ ngunema ye'etcha natü rü irarüwa na ngoane yerü ina boogü ga natanüwa ga wone, yemaca pa'atchi ni'ĩ ngume, yeguma marü wü'i arü ngemayi'igu rü marü ni'ĩ etchigü ga naetawa ni'ĩ etchigü erü na ma'ü nhama nai deawa ita'eü rü'ü'ni'ĩ na ya etchigü'ü.

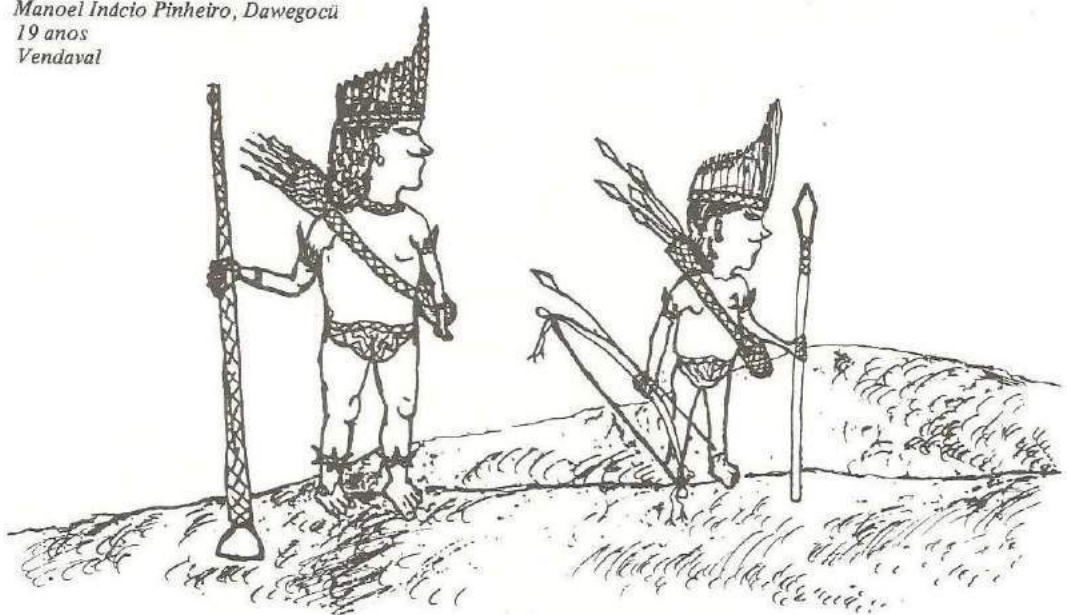
Maĩ,maĩ,maĩ taacüta i'ü i nhuma.

Nagu narü ñnue ga nümagü ga Yoi rü Ipi rü ngema iyaü i puāca, rü ngema ya nüma ya Ipi rü nhānagürü.

Rü ngi'ã ngica ta cagü i ngema puāca rü ngeguma ya Yoi rü nhānagürü ngi'ã, rü ngeguma ina ü'gü i puāca nanatuā'ü ya wone rü düwa iya pamare.

Rü ngeguma iya nhā i ngima i puāca, rü ngeguma ya nüma ya Yoi rü Ipi rü ngema nagu narü ñnue, rü nhānagürü nhunhagügu tchi iya wa'ü ya da'a wone nhānagürü rü ngema inaya u ya tchigu.

*Manoel Indcio Pinheiro, Dawegocü
19 anos
Vendaval*





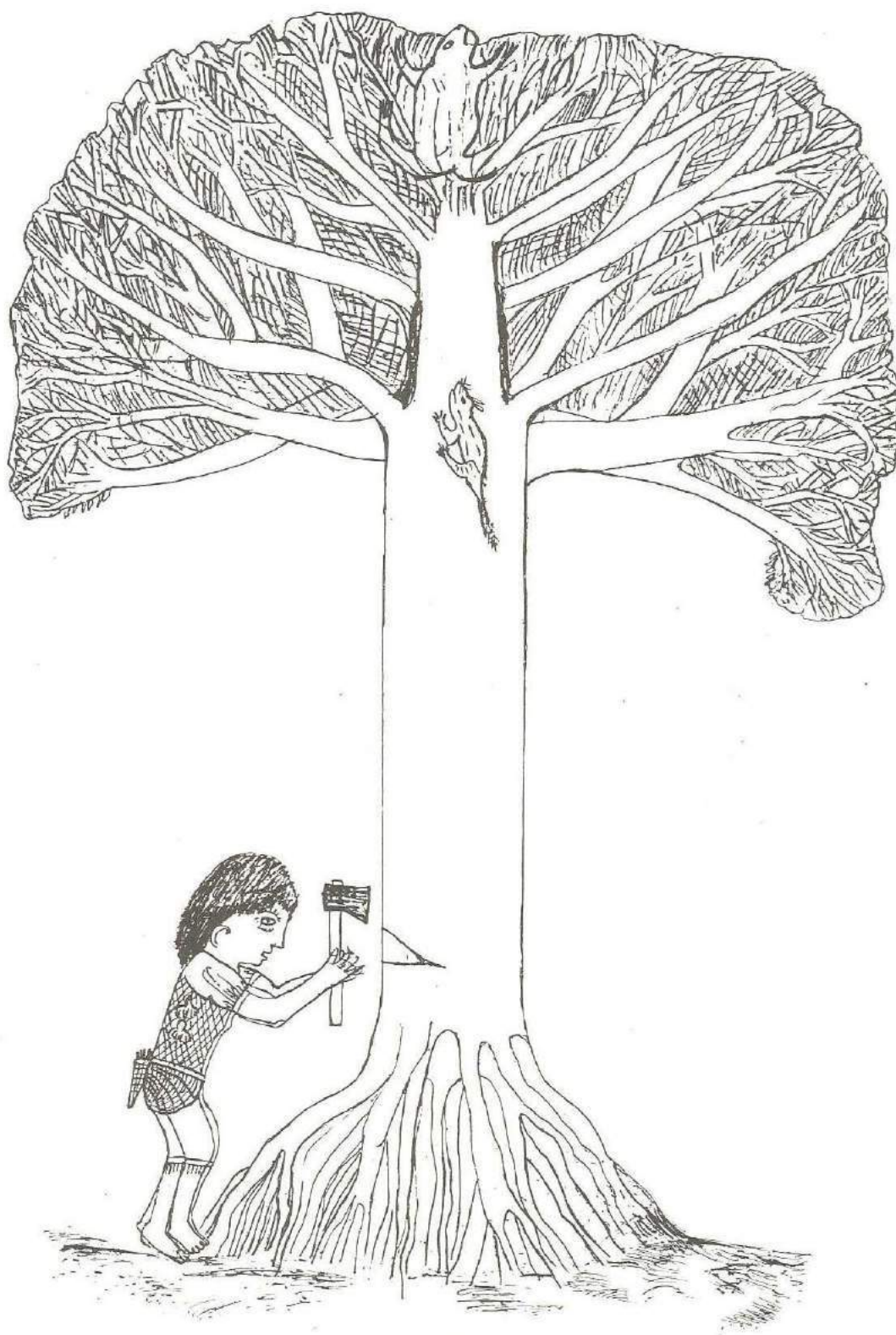
*Samoel Ramos, Vaimecū
39 anos
Piranha*

Rü ngeguma naca naca.

Rü ngeguma ya Ipi rü nügü nanga'u ne, naüpa na ngema nau'ü i namaüwa rü ngema naya na'i naca, ya yima tchigu.

Rü ngema nüma ya Ipi rü ngema naca naya na'i namagu ya nügü nga'unecü, rü ngema naca rü ina tchoenü tchigumaüwa.

Nüma ga tchigu rü ngema nangu naütawa rü yagu nü'ü nadau rü ngema ngau nanacagü ga tchigu, natürü ngema ngau rü tama tchigu'ü nangaü.



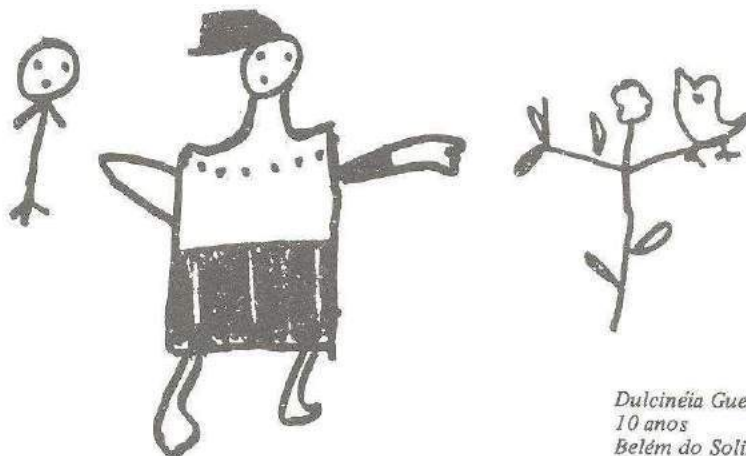
*Ondino Arapaço, Tchocürocü
30 anos
Vendaval*

Ngeguma tchigu rü nhānagürü nü'ũ ga ngau tücü'ũ tau tcho'ũ cungaũ cunawae na cumana'ã tchiwiyau, rü wo nangemanhaũ rü tama nanangaũ, rü ngeguma wena arü nüna na cagü?

Rü bai na nangaũ'ã, rü ngeguma nhānagürü ga tchigu, cu nawa'e na cu'ũ itcha tchoe arü conüãü nhānagürü ya tchigu, rü ngeguma nanangaũ.

Rü ngeguma marü na nüna nanangu'ũ ya napara rü nama ninhã erü ngema ni'ĩ i nü'ũ nacuaũ ya Ipi na tchiguũ ya tchauetcha cü'ũ rü ngema ni'ĩ i Ipi nü'ũ i u'ũ i norü yuema, yima norü peru ya tchigu.

Rü ngeguma nüma nangu, ga napara ya tchigu ga Ipi rü nama ninhã ya napara, rü ngeguma Ipi we narü cagü, rü nhānagürü nga'a'a tauücüta tcho'ũ pe nucaũ ga u'u'u ngeguma peyaanegu, nhānagürü ga nüma ga tchigu, tau'üta tchona peaũ'ü nhānagürü ga tchigu.



*Dulcinéia Guedes
10 anos
Belém do Solimões*

Rü nhānagürü ga Ipi nhūmawaina marü tcha yuema'ã, nhānagürü ya Ipi ngeguma na taegu i na'ēne'ũ tawa, rü nhānagürü pa maĩ,maĩ nhūmawaina marü tchoũ i ngema itchorü yuema.

Rü nüma ga Ipi nanaügü nana tu'a'ũ ya wone rümatu, rümatu baiega rü düwa'ütcha nipamare inarü tomare erü nipa.

Rü ngema na'ēne'eca naca rü nhānagürü pa maĩ,maĩ, cacu'ica na tü'ũ, rü ngeguma õ nhānagürü ga Yoi rü nü'ĩ nanatu'u ga Yoi.

Rü nü'ëtcha tama ni'ĩ ëtchica i nawa ya yima Yoi.

Nü'ĩ arü ni'ĩ ya Ipi inatu'ã ya yima wone, rü ngeguma nipa ga Ipi rü inarüto rü ina dawenü rü tautaerü ni'êtchica ngeguma Ipi rü poraäcü na ta'ã'ëütchima.

Rü Yoi rü wena arü nana'ügü nana tuã'ü ya wone, rü marüma nü'ü na icumagu rü dau'ünadawenü rü nü'ü dau ga wõ'ëtchi'i ga ngema i ngi'cü na'ãne âpetünagu i ngi'cü.

Yoi nü'ü na'inü ga wü'i ga naga ga nhã turu,turu,turu, ngema rü ya'üga ni'ĩ.

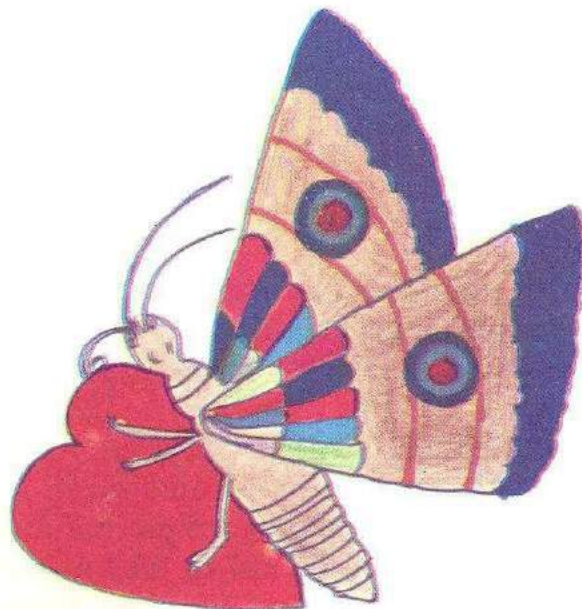
Pa o'i pa ya'ü rü tauchi name'ü ega dau'ü cunhãgu nhãnagürü nü'ü ga ya'ü.

Catüruma nü'ü na'ü na dau'ü cu nhã rü õ'nhãtarügü rü dau'ü ta'nhã pürü'pürü nhãtarügü na dau'üta'nhã.

Nhuma itchoma rü u'nüwa tcha'u natchana güetü'üca ya o'i ya maraecü rü ngema na yau i to inaga rü nhãnagürü

tü,tü,tü,nhãnagürü ga naga ga ta'ine, nüma nanawe na nü'ĩ na inagü'ü ya ta'ine na wõ'ë'ü nagü'etü'üca.

Ta'ine ca naca ga Yoi rü nüna nana'ã ga unü rü wõ'ë'ü naya gü'etü rü ngeguma niwa ya yima wone, rü ngema naya nge ya wõ'ë rü ngeguma nanagü'etü ga dau'üwa rü inarü'ĩ pa'ama natchime'wa na ngu naguma na cainagüâtchi ngemaca ni'ĩ inacaina güre'e'ü, rü Yoi rü na'ëne'ëna naca rü nhüma i nhünhãgü'üta enaina üma'ü nhãnarügü nü'gü rü Ipi nhi'ãma nüna ita mu i taeya, ngi'ëga ga Mowatcha.

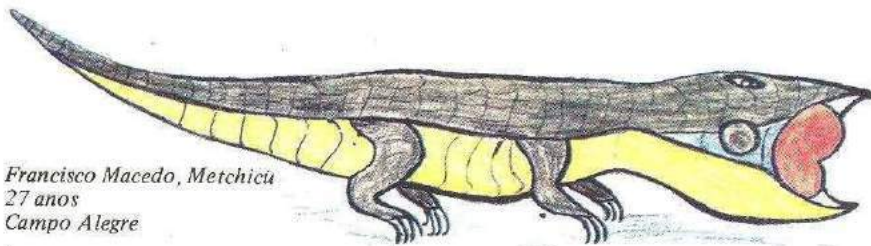


Carlindo Manduca
24 anos
Campo Alegre

Wone arü ma'üne tchiga

Ngema nayawa ya wone rü ni ngo'one rü gu'ügu ta da'u, rü marüma ina'ü ya wone nayawa rü wü'i ya tawemacü ni ngurü inaya dau ya Ipi rütama nama'ü, rü wena'arü inaya dauya Ipi erü nüma nü'ü cuagu rü marü nangau erü marü ningü ya wü'i ya tawemacü.

Wena arü inaya dau ga nata ga wone rü inarü'üta bai nanayu, rü natchime rü narü'ütchime rü inaya dau inata taunayu, rü nata nayunagü rü norü nga'ütagu rü ngema inayau ga cüta,cüta, cüta nhânagürü ga naga, rü Ipi na'êne'ëna naca rü wone rü nama'üne'ã nhânagürü.

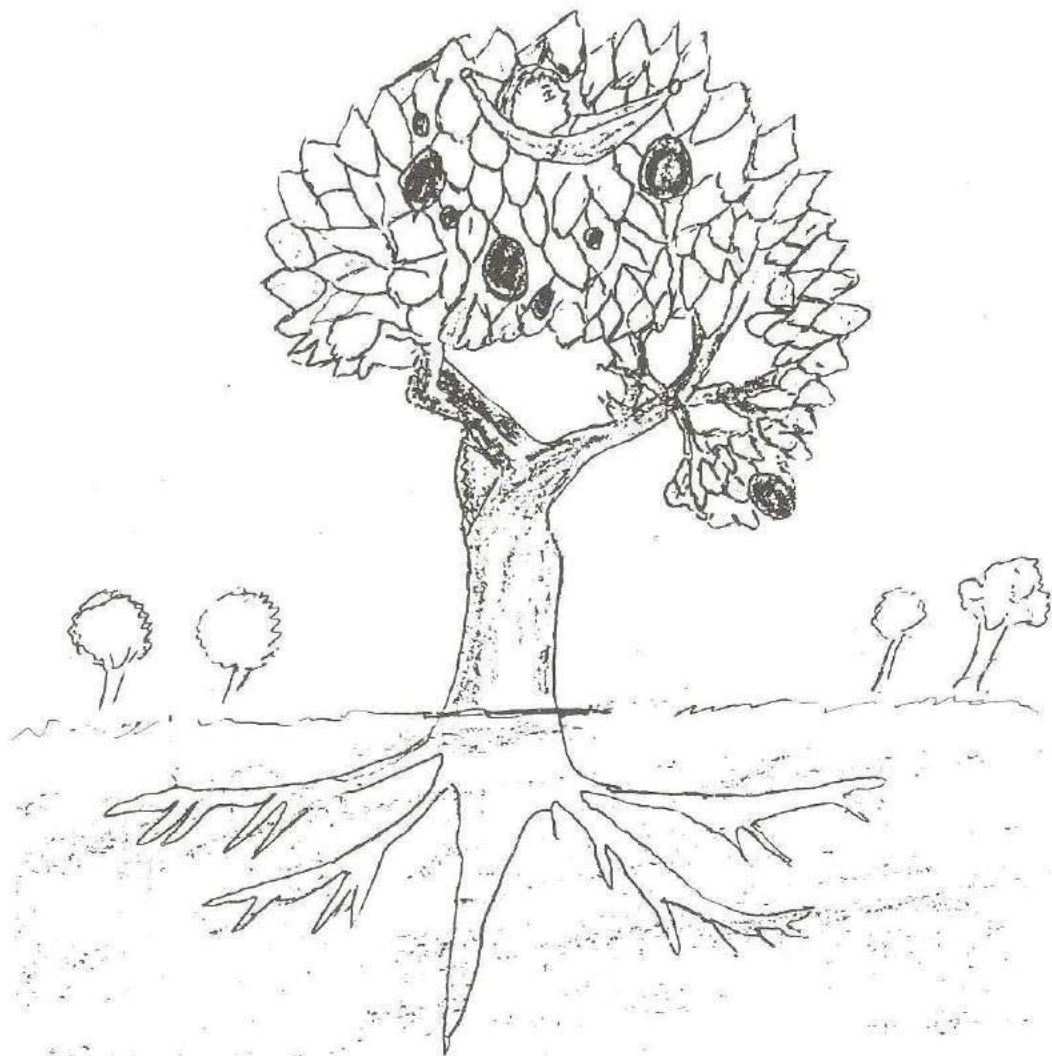
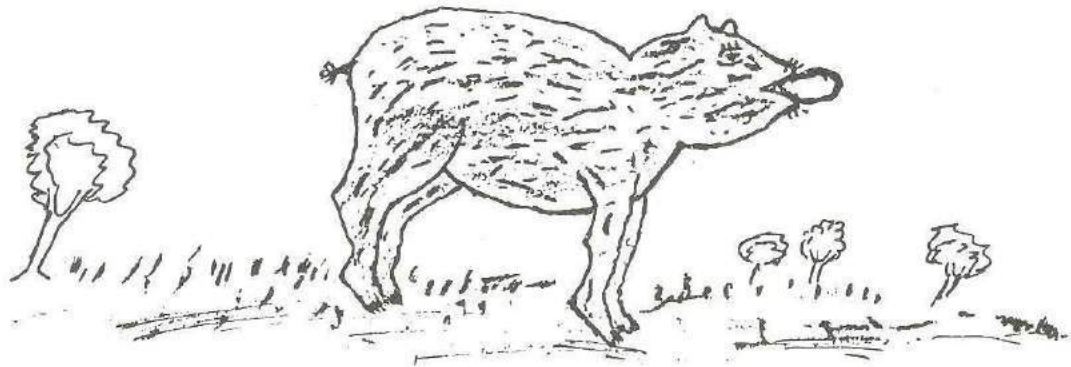


*Francisco Macedo, Metchicu
27 anos
Campo Alegre*

Ipi inana'ügü nana dau'ã'ü ya yima norü ma'üne, marü nüna nangutcha'ügu rü Ipi nhânagürü pa maï,maï tchorütama ni'i ya norü ma'üne nhânagürü ga Ipi, ta'ü pa maï,maï rü na cugu, rü Yoi rü ngema narü tomare rü ngema inadawenü nü'üga Ipi, erü Ipi nüma nanawaeta na gu'ütchima na norü yi'i'ü.

Nhânagürü ga Ipi rü yimatama ni'i ya norü ma'üne nhânagürü rü ngeguma inana'äu'utchi ga guma norü ma'üne, rü ina ne'ëtchi rü yea cü naya ngu, rü ngema ne'inhã ita'a rü iyaga rü ngeguma tü'ü nigutchipa'üta rü ngeguma itana o'otchi rü yea'acü naya ngu, rü ngema nena nhã ya ngauyagü rü nama iyanhã rü ngeguma rü'üta tü'ü nigutchipa'üta, rü ngeguma ngauyagü rü itana o'otchi, rü ngema nenanhã ya püwi rü nama ninhã.

Rü püwi rü tauema nünatangu erü âma'ügu nama nanga'i nutamagu, rü ngeguma Yoi nawe inarü cagü rü nhânagürü pa pü ta'üina norü gu'u'üwa taingo'ü nhânagürü ga Ipi rü püwi rü nü'ü nacua erü nau'üne ya yima püwi, Ipi nhânagürü püwiwe narü cagü pa pü ngema totchita'agu'ama ina to ingema tetchi'nhânagürü ga i'e, rü gu'üguma naya i'ätchiã ngi'ca ga yema tetchi rü gu'üguma naya bi'itchi i ngeta ina uneta'üwa.

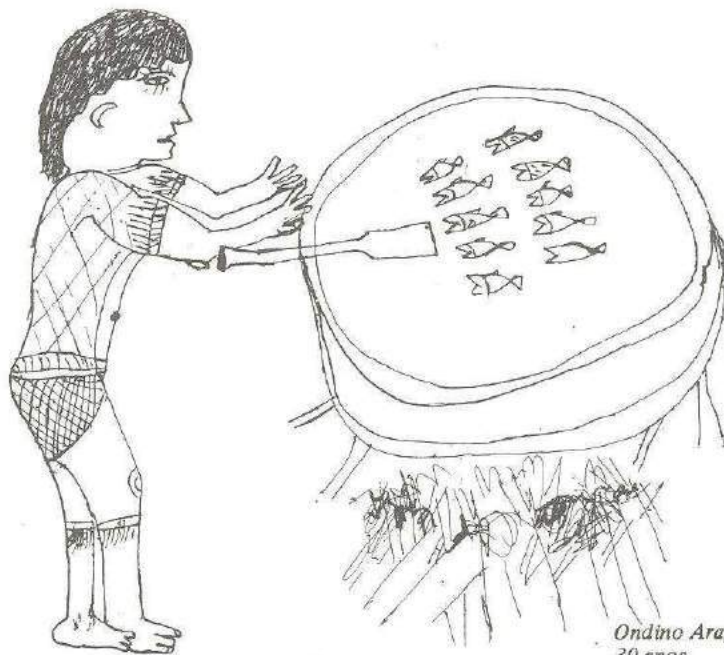


Rainha Genésio Custódio, Tchimatana
22 anos
Campo Grande

Tetchi arü ngu'ü tchiga

Rü marü nangupetü ya wü'i ya ta'unecü, rü iya ga ngema tetchi, rü nüma ya Ipi rü gu'üguma naya bi'itchiane i ngitüüwa i ngeta i na ü'üwa, rü me'āma ngi'ü na ya bi'itchitü'ü, rü marü norü owa nangaga i tetchi rü ngi'ira ngema ingema i dau'üwa, rü ngema iya yu'utchi, rü nhānagürü ga Ipi pa maī tchorü tama yi'ī i ngema tetchi nhānagürü ga Ipi rü nhānagürü ga Yoi bema rü na cugu. Ipi rü tama ngitchaecü tama na pe'ega rü ngitü'ü nicatchigü rü Ipi rü ngema tetchi tchaecü tama na tchibü rü ni'ō'ē i taiya, rü ngeguma Ipi rü naya fene'e rü nawena irü ngu, rü ngīma nanangu rü pacüātchi yi'ī, rü Yoi ngi'nayaga nügü'üta inangema'ē'ē.

Rü ngeguma Yoi ngi'ü nida'i rü norü woweru magu nhi'ü nimucutchi natchawa ya Ipi.



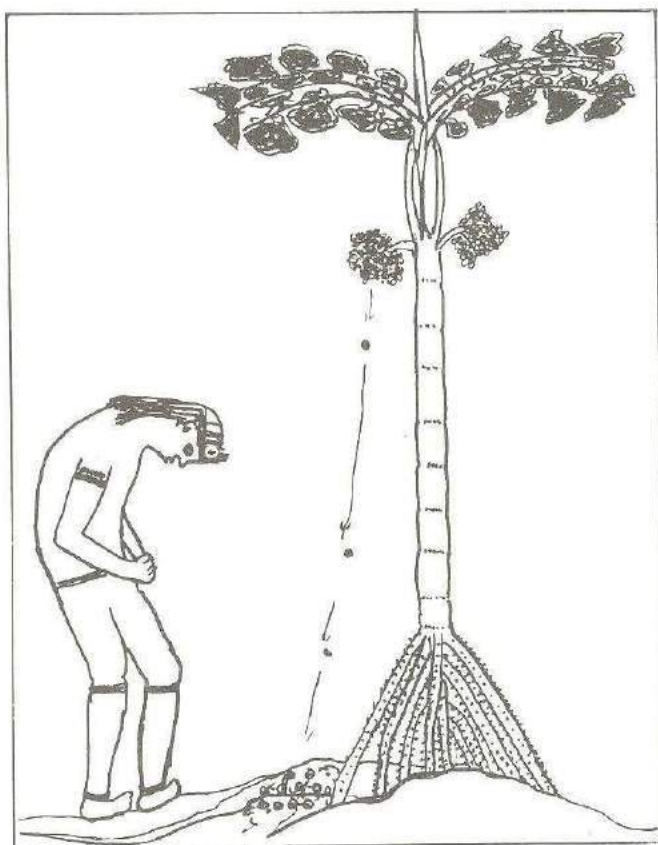
*Ondino Arapaço, Tchocüracü
30 anos
Vendaval*

Ngeguma inangu ga Ipi rü naya iātchi'āē ngīca ga yema Tetchi arü ngu'ü, rü naēne'ēna naca rü nhānagürü cuma i cu ya'u'ü i ngema tetchi, tama nhānagürü ga Yoi, rü Ipi rü tauguma nape ngitchaecü i pacü, marü na tchütagu rü ngaücüwa nangu ngīma ina iāwae rü i cuetcha ngigürügü cuai, cuai, cuai ngigürügü ga ngīma ga nama ga Yoi.

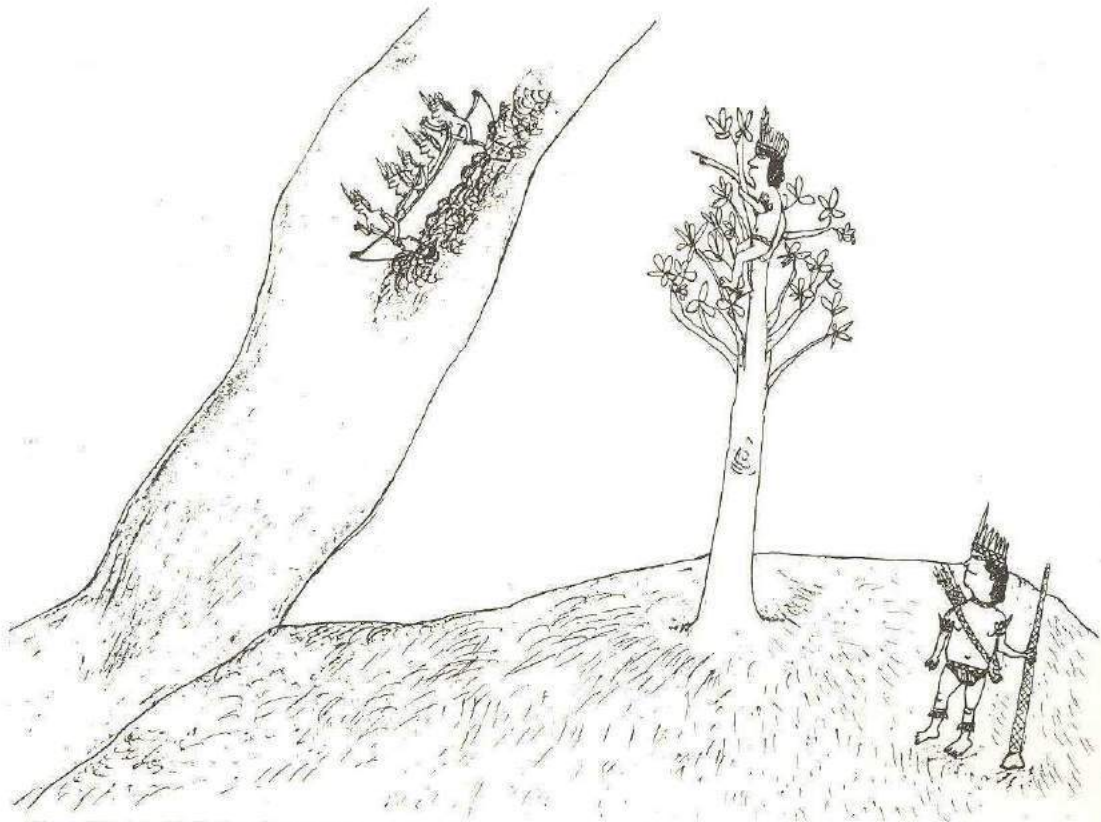
Rü yima Ipi rü Yoi na nacagü rü ta'acü i ngema nama icurü cuna'ü nhānagürü, rü nhānagürü ga Yoi tauüma tcha'a rü tawetchigu tchaugü tcha yinagü'e nhānagürü rü ngeguma ta nü'ĩ nü'ü na'ü rü bai nanacuetcha, düwa yeacü nananhā, ngeguma rüta ya tauta rüta nügü nanayinagü'e rü baiega gana na cuetcha rü düwa nü'ü narü tchaumare.

Nüma ya Ipi rü ngematama narüāu igu rü Yoi rü nü'ĩ naya fene'e i dautchitawa rü nūmarü ngema ngecū ngĩ'ü inaya ngu'e ngematama iwa, nangema, rü ngeguma Ipi nagu narü inü rü nanaünagu ya yapuna rü yicüama ga āicüwa nau i türewa rü woturuma'ā ngĩ'ü nayacu.

Ngeguma düwa āgümücü epücünawa nangu na tchoni ma naiāwae rü ngeguma ina dau ga ngema tchuatüwewa rü nanayau ya woweru, rü ngema ngecū ngema i ngema namawa rü ngeguma nhi'ü napa, rü ngima iyago rü nhätügu iya tchiatchi.



*Quintino E. Marques, Dewenüci
34 anos
Campo Alegre*



*Manoel Indcio Pinheiro, Dawegocü
19 anos
Vendaval*

Rü ngīma rü wü'i i pacūmayi'ī, rü ngeguma ya Ipi rü ngīna
nayu'u rü ngegumatama ngīma nangeã'ē rü ngigu nidau rü i a'ācü
rü marü taucürüwa wowerumagu ngi'ũ nimucutchi erü i a'ācü
marü.

Natürü mu'ũ i ngune'ũ nangupetü rü ena naīmewa rü tamaēpü
ya tawemacü rü ngeguma ina ngu nana bu'ũ i ngema bu'ũ, rü
nori ya Ipi rü Yoi nanaca?

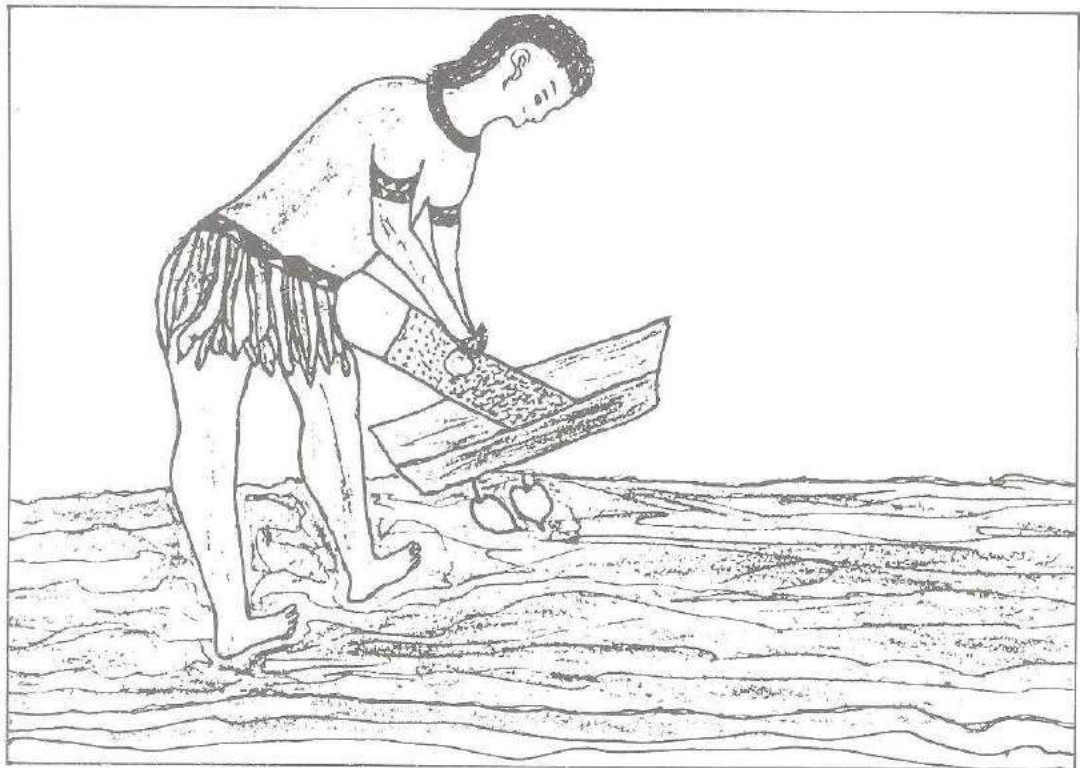
Rü nhānagürü nhūnhagü'ũta i nhūma erü marü na butchaũ i
ngema bu'ũ nhānagürü ga Ipi rü Yoi nananga'ũ, ēcü cumata ene
nawai nhānagürü rü ngeguma õ nhānagürü ga Ipi, rü e'dau'ũ na'ī
ga Ipi.

Natürü nhūma rü cumatatama ni'ī i tü'ũ wētucu'ũ ya yema bu'e
erü cuacüti'ī rü tama tchauacüti'ī ngemaca na me nacuna tüna
cudau tchoma rü tama tü'ũ tchacuatcha'ũ nhānagürü ga Yoi rü
ngeguma nūma nenadau ga e ga Ipi rü naca rü natau'u yücürama

ga nü'ũ nenadau'ũ ga yima e notürü nüma rü naca rü na tchie erü tchirimare ni'ĩ ga naena nüna aũ ga yema mugü rü Ipi rü nagu nio'õẽ ga da'u, yema etanüwa nü'ũ nadau ya tarecũ ga e arü õ nhānagürü ga Yoi catürüma iyadau ya yima tare ya e nhānagürü ga Yoi.

Ngeguma yima e rü nori rü nangaicama i natanü, rü ngegumata'a naya cawe ya Ipi rü nüna iya cuacatchigü rü ngĩmata nanato'ũ rü wi'guta na'ānetüwe waniu, ngeguma Ipi na ĩnagü rü ngaünewa na yema ga wü'i ga cora arü aücü ga ngā'ünewa rü ngeguma ngema rü to'ũ'ũ naĩpetü.

Marü yeama dau'üwa nangugu rü yeguma nü'ũ nada'u ga Awane ga yema tchāüeta'ũ, rü nhānagürü ga nümatama pa maĩ,maĩ yea i Awane i yea tchāüē'taũ'ũ, rü nau'aẽ ta tü'ũ nidaigu nhānagürü ga Ipi ngeguma Yoi nananga'ũ, rü cugumare nhānagürü.



Gerônimo Manoel, Ngerecũ
26 anos
Campo Alegre



Manoel Antonio, Dauremüci
18 anos
Vendaval

Rü ngeguma inarü i ga Ipi, tou'ü ga ina i'ü rü nana nge ga norü e na'ama rü ina ieguatchi ama ga yima cora tou'ü rü yima norü e rü deaü naya ngu'utchi'e'e nü'ü ga guma norü e, rü inarüngue, rü nhānagürü pa maī, maī tchomarü tchayatüreca ni'i ngetama itchana cawe'ü ya yima e nhānagürü ga Ipi.

Ipi rü Yoi nanaca nangetara tayi'ü ina ücü'ü nanawaiā'ü ya yima e rü Yoi rü nhānagürü yearatanhānagürü, rü ngeguma inana ügü ga Ipi nanawai'a'ü.

Yeguma ga Ipi rü marü nügü nawai rü marüma natau i ngema Yoi ütawa rü ngeguma ngi'üna mu, nanadegü'ā üca ingema etchire, rü ngeguma i na degü meāma rü taü'ma i natütchi i ngu'e'erü norü ore'ni'i ga Yoi, ngema etchire nawa güeü rü Evare ni'i i natü.



Arnaldo Sifanus, Buereücü
9 anos
Belém do Solimões



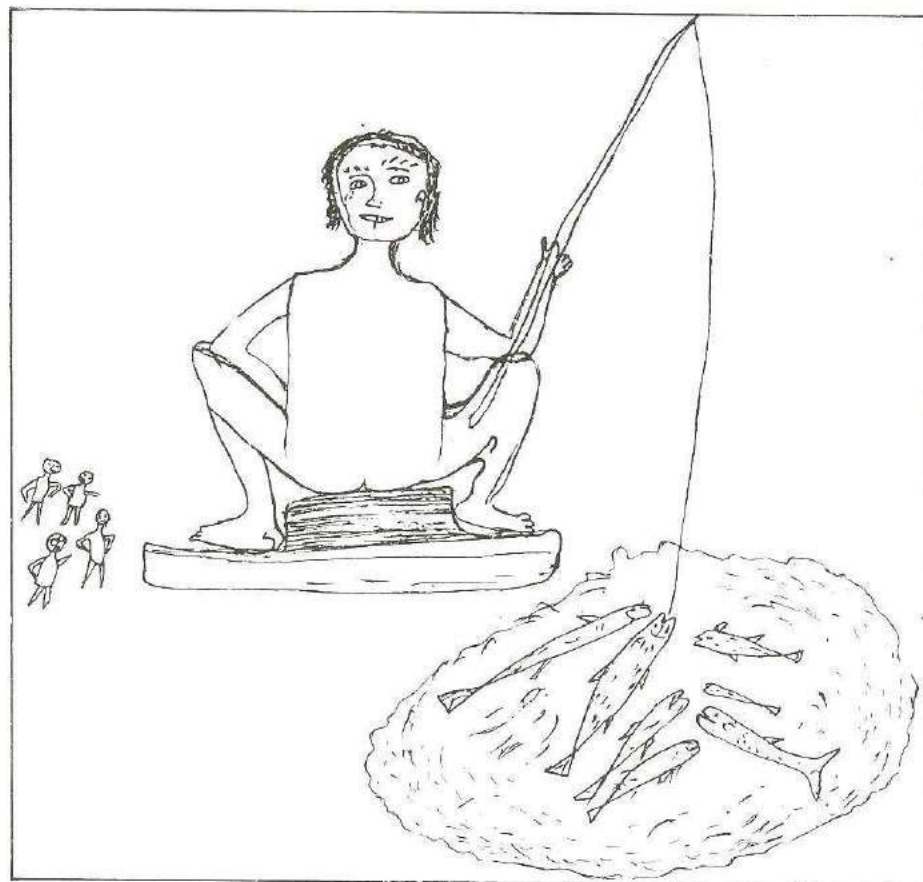
*Evaristo Armando, Dociracü
11 anos
Belém do Solimões*

Yoi pogü'ü tchiga

Ngeguma nhīma ga Yoi nūma rü türewa iya güe i ngema etchire, rü ngeguma tawama natchagü ga yema.

Wü'i ga nguneü nagu irü'inü ga Yoi nama nanagu nawiyae'ü ga nhā'ü a patchaune, nhūnhägügutchi ga yeguma cunepü numagu rü'ü yi'ü, rü i nga'ē me'ā, erü yeguma na numagu ga cunepü, rü yauanewa nangugu ü'ā're'egü ni'ī ya ngunüriyana õ'õ ngīgürügü ga yema nama ga Yoi, yema ni'ī na na'ācūma'ā nana wawarina'ēü, yerü ngi'ü nawomü'e'e yana fenewa nauneta'ü ecürü nü'gü ni da'i rü ngema catapüne narü puātchi rü yema ina inü, ga na nhūnhā'ācū iya ore cü'ü, marü nü'ü na inü rü ngeguma nhānagürü ga Yoi, õ'rü marü name rü da'aya powopaweru rü nü'ü ya yauātchi rü naca napowa'e ya cute nhānagürü ya Yoi nhī'ü.

Nhūgu ga yeguma nūma tūrewa ina co'otchigu ga norū puye ga Yoi rū nama, rū yemagu na tcho'ū ga tchoni ga etchire. Ngeguma Yoi rū norū powobū tana dau nanapowae ū ca naca ga tchoni ni'ira nū'ūna'ū ga awū arū o rū nama'ā napowae rū tau'ūma nū'ū mea ina ngu'utchiga Yoi nanapowae'ū nama'ā ga awū. Rū nūma rū awū arū owa nau norū powobū'ū, rū ngeguma nama na powae rū tau'ūma duu'ū'ū nū'ū ya ngu'utchi, rū ngawū rū ngu'ū, rū gu'ūma ga na'eūgū. Ngeguma nū'ū nau ga tūe ga na nama napowae'ū rū duū'ū nū'ū ina ngu'ū ga wi'itchita ngema ni'ī i mi'u ga duū'ūgū.

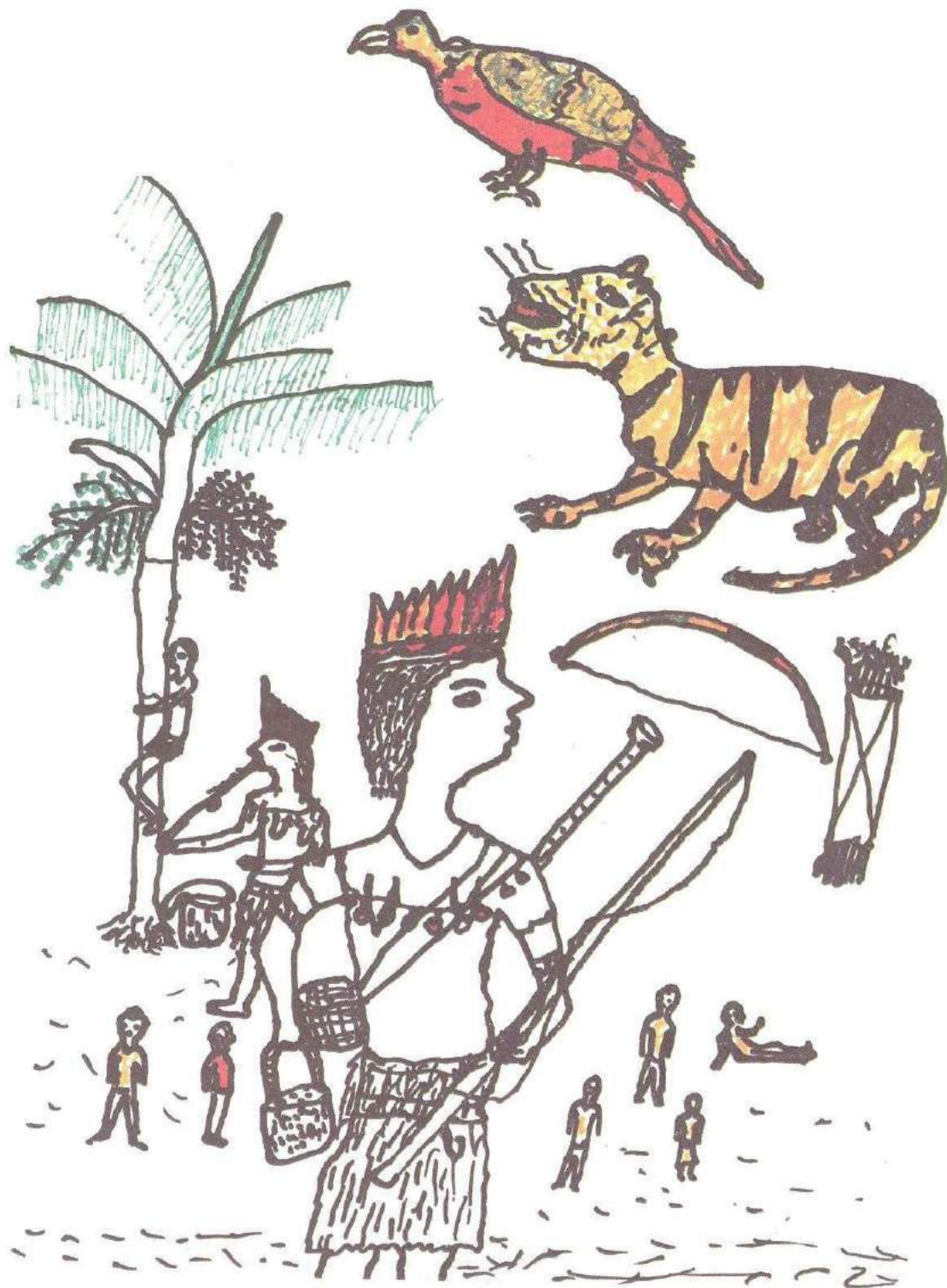


Carlos Magno, Metchiacu
9 anos
Bom Intento



Carlindo Manduca
24 anos
Campo Alegre

Rü ñgema naene'ê rü na tautama ga yema natanüwa tchoni rü nü'i catama ni'igü ga tchonigü rü ngeguma inangu ga Ipi rü Yoi naca napowae rü tama nü'ü na nawae ga norü powobü. Ngeguma nhigürü ga Tetchi arü ngu'ü, rü ngema nü'ü iya yauãtchi ya powopaweru, rü naca iya powae rü nüma ya Ipi rü norü ta nawemüägu ya po'owa nüma ya Ipi rü naca nayunagü rü dau'ü naya yau. Ngema marü dautchitawa nangugu narü duü'üãtchi ga Ipi rü ngeguma tama nide'a, rü nhānagürü ye a ne tchau'üwa rü namu'utchi ga duü'ü rü uiru rü gu'ü, rü Yoi nana ngā'ü rü nhānagürü rü nhūmatana powae i curü duü'ü nhānagürü ga Yoi, rü curü duü'ü pa Ipi rü peruana gü tani'ĩ.



Pedro Zaguri, Daucuracü
10 anos
Belém do Solimões



*Daniel Luciano Custódio, Ueü
30 anos
Campo Alegre*

Rü Yoi nana pogü ga etchire rü ngema ni'í ga wawegü i'igü'ü i nhüma, Yoi pogü'ü rü yemagü ti'igü.

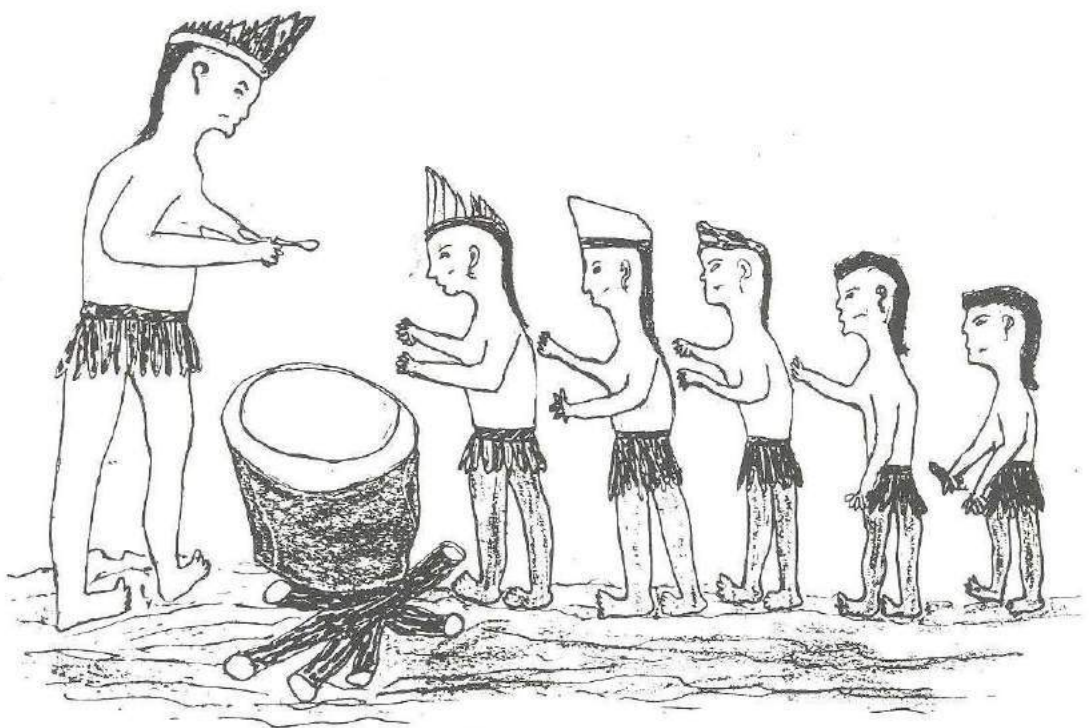
Yeguma na marü wü'iwa na nana yemagü, rü nüma ga Ipi rü tama nü'ü nocua tchina nhüguäcü nana caieguäü ga na'äne nama'a ga Ipi rü yema nangü'ü rü marü dauque arü na'äne ni'í ga nawa na yema'ü.

Rü yema nana yü'üeüwena rü na igü rü Yoi rü üacüne uwa nau.

Rü tawa'ama nau ga Ipi rü üacü irü ücü'üwa ni'í mau.

Rü dauquena äma nau.

Yema yü'üwena rü marü na tau ya Yoi rü Ipi erü marü na igu i nuä Evarewa.



*Gilson Manoel, Ngetecü
26 anos
Campo Alegre*

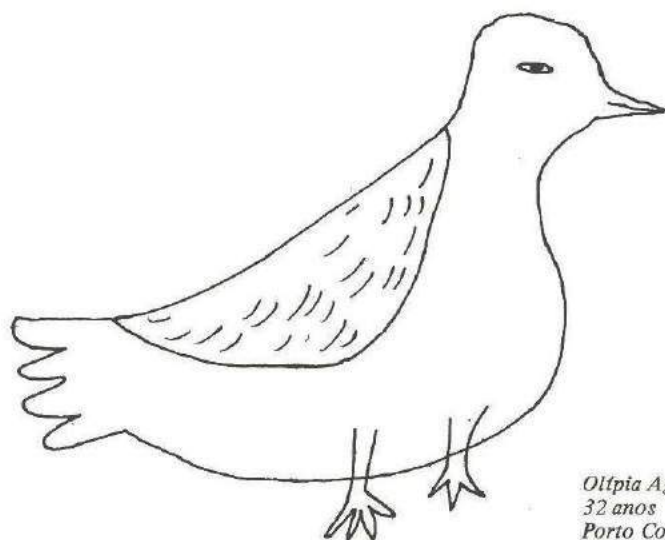
Wü'i ga ngune'ügu Yoi nagu narü inü nhūnhacü na āca'āü ga wü'itchigü.

Natürü marü nü'ü na cua ga na ta'a cügu ta nanaüca'ā ga yema wü'itchigü, rü ngeguma nhānagürü ga Ipi pa maī, maī maī ngiācü ngiri ngi'ü netima rü ngeguma ngema nü'ü ta cua i na āca'ā nhānagürü, rü ngeguma Yoi rü Ipi rü ngica nadau ga ngiri rü ngiü nadau rü ngiü nima.

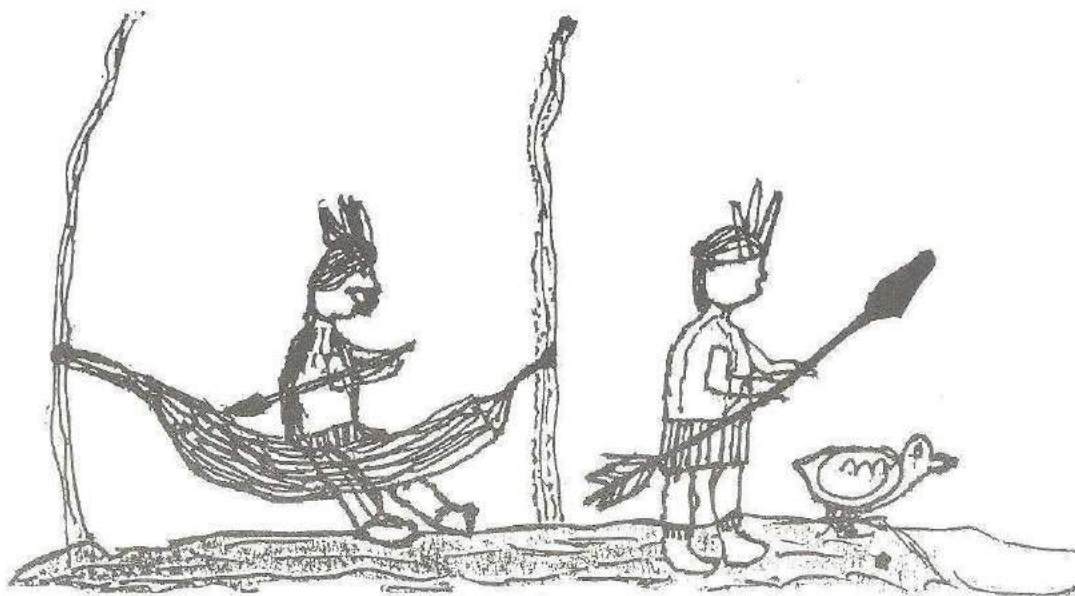
Rü ngeguma ngi'ü na tcheü'gü ngema ngiri, rü ngi'ü na muranatchi, rü ngeguma ya do'ca gu rü namegu gana ngē'e'ü rü naya gauē'e ga yema natü'ü, na taya agü'üca.

Rü yegüma wü'itchigü nana'ā ga yema cuyera rü nü'ü ta'ü.

Ngema nü'ira nü'ü aneta'ü rü ngema ni'i i aica'ā, rü yücüama ga naiyü'üca'ā, ngema wena ga nai rü ngunüca'ā Yoi nuna naya ātchigü ga wü'itchigü ga yema nü'ü aneta'ü nhūmata na gu ga gu'ü ga na'aca'ā.



Olívia Aguilar Mendes
32 anos
Porto Cordeirinho



Paulo Fidélis
10 anos
Belém do Solimões

MATCHI'I TCHIGA

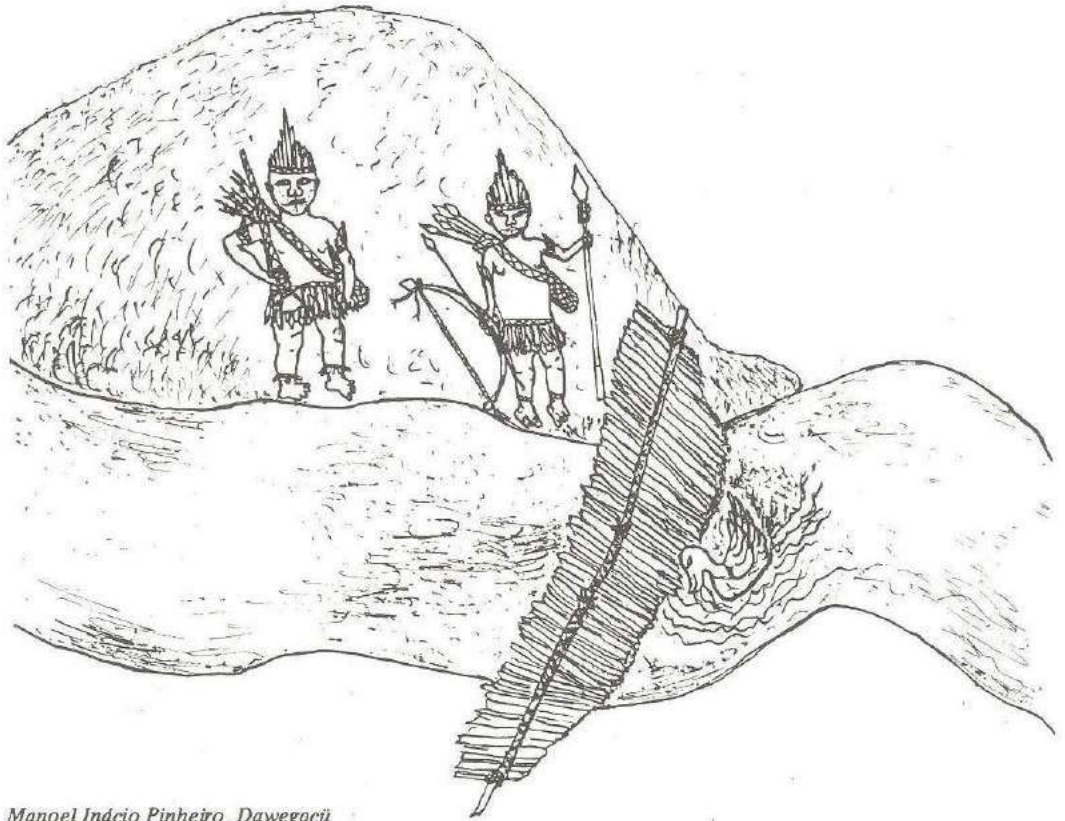
Duüü ga pogü'ü rü taucürüwa tügüma'a ti de'a ga tüma'eyama'ã rü Matchi'i rü tü'ü natchi rü ta yu wüi'icana tü'ü na ngema ga tüma'arü na pü ga na ta ya puye ga yema dea rü tüma ga Pupunari rü yema ti'ica'ü rü yema pupupu nhatagürü ga Pupunari, yerü taya büna'eê ga yema napü. Rü yeguma nhânagürü ga Ipi pa maĩ, maĩ ngema ni'i i weri rü i ni'i caü'ü, rü ngiã iti dau rü guema ya noê rü ngema ita ä'ü natapügü, rü ngiã taya yau rü ta yama nha'ü ga Ipi, rü ngeguma inga'ü ga no'ê ga Pupunari, uca'üütchi rü nhema ni'i rü petchigagu i ni'i ca'ü'ü i dau'üwa Yoi tchigagu rü Ipi tchigagu rü Aicüna gu rü Mowatcha gu, düca irü inü nhatagü yeguma inarü inü ga Yoi tau'üma na'üma na'inü yerü ngoo nana potatchi'ëgü rü yemaca ti'i ngautchi'ë, yeguma marü Pupunari tü'ü cuai'amatchiëgu rü nü'ü ta inü ga yema Matchi'i ga nhumarütchi nhunhi i Aicüna nha tü, tü, tü, tü, tü nha ga naga.

Yerü norü rü dawüamüma'ã tarü potamatchiegü, rü yeguma ga nüma ga Yoi rü na Aicüna nhānarügü ngeguma ngiã itaadau nhatarügü ga Pupunari, inhuma rü ta wü'i weri üpe'ütchi'i'ē yemaãcü nama'ã dau'üta i yeguma ngema ta ngugügu rü poraãcü napu.

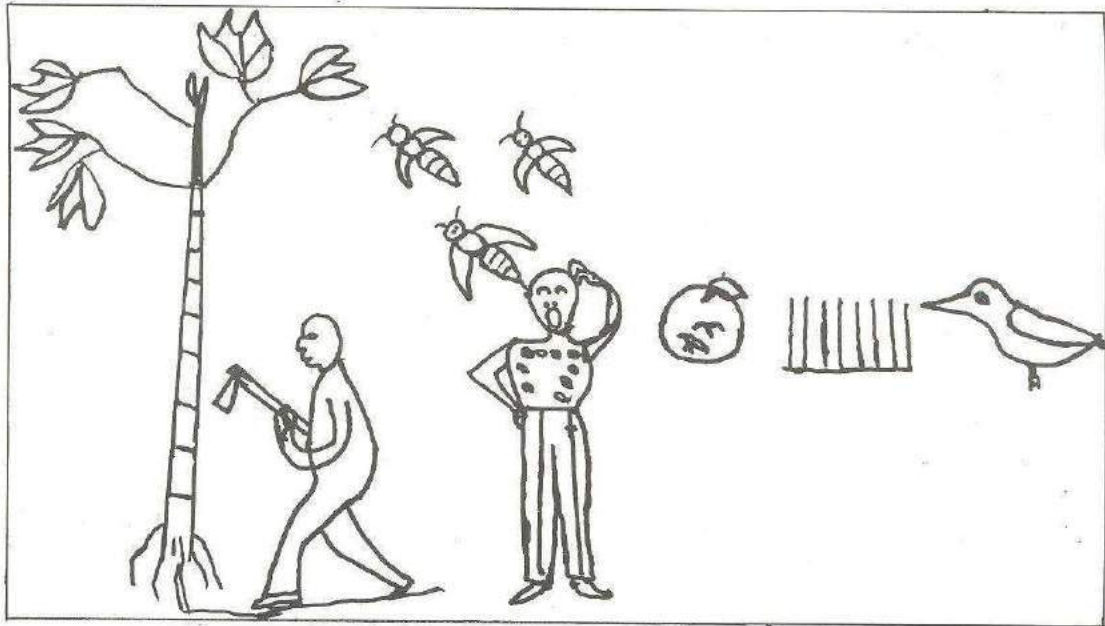
Rü yeguma tü'ü na daugu ga noē ga Pupunari rü nhanarügü, Yoi mugata'a, Ipi muga.

Tama nhatarügü tchorü yirutiacümare nhatagü'ü ya noē ya Pupunari.

Yoi mugataani'i nhānarügüama tama nhatarügü yeguma ü'üetügu itanapa'ü ga yema tümaãrü weriacü yema pagü, yeguma nüma ga Matchi'i rü yeacüna na puracü to'ica yeni'i ügümü rü nhānarügü petüatü de'ü nhānarügü ga na yea ca'ü'ü, yeguma marü nünata'i'nügu rü yeguma wena na yaca'ü, ngü'ü



*Manoel Indcio Pinheiro, Dawegocü
19 anos
Vendaval*



Cazuza Silva, Tchomücü
60 anos
Belém do Solimões

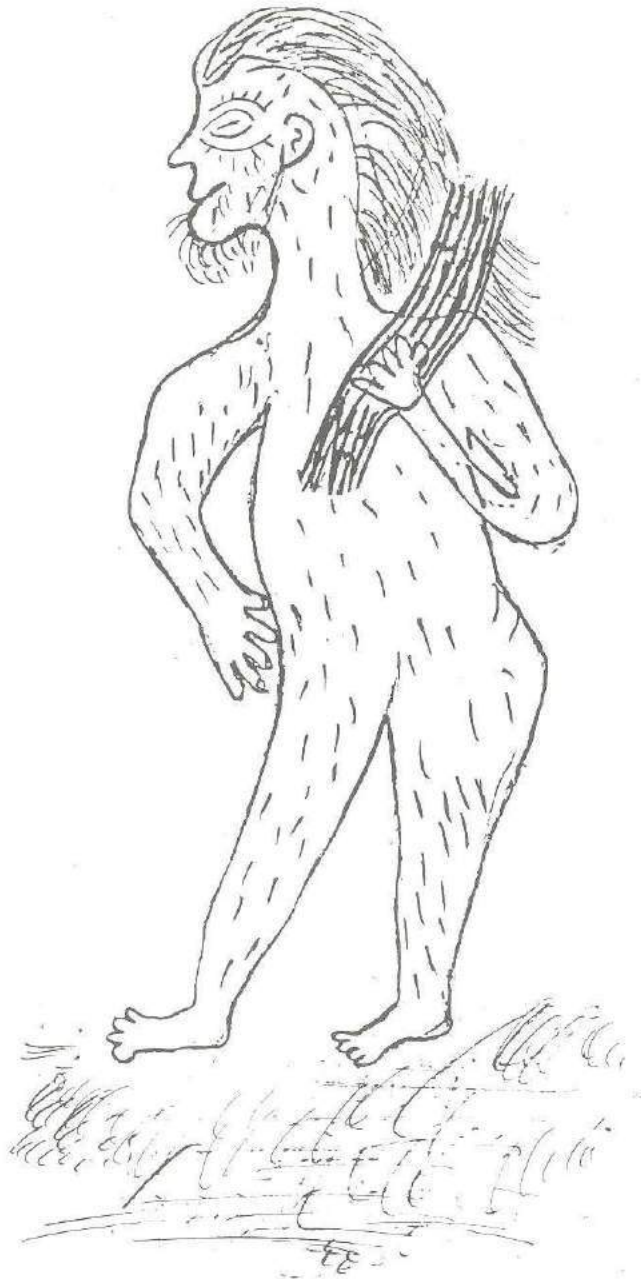
petüätü perü ĩ'gü'ü ngu'ü, baiga nü'ü rü ngu'ü' yerü marü nūna ta ĩnü ga Yoi, natürü marü nangu'petügu ga wü'imepü ga ngune'ü rü nūma ta'a dau'ü na ĩ marü tama norirü'ü mea nü'ü ina ngutchi rü düwa poraacü na taiya, rü taiya maã na tura rü marü inaya ngu'ü'ü, rü yeguma nhānarügü nhuacü ta'ü tchauca i dau rü nütchama nha'ügu na inü'ü ga naa'ēwa, rü yeguma paa norü taü necügu ni'ĩ ügütchigü yeguma ngema nü'ü na dau ga taü ga yema dau'üne rü paata nhānarügü rü naca yema na nha rü natchawa ni'ĩ tchügücü'ü rü düwa na taegumare rü wenaärü nügü ĩni'ĩ dau rü natchicawataa na yema ga guma ta'ü, rü nügü yeni ĩ nha rü naacawe ga taü rü wü ĩ ga ma'ē'üni ĩ rü naetü na gümü rü nawe nangegü, rü poraacü na na tchia'üne rü namaã i ni'ĩ caiegutchigü, rü yeguma ina yugü ga nūmagü ga Yoi gü na yamaaüca ga yema Matchi'i yegumarü na yugu rü ü'ü maã taa gu ga nūma ga guma Matchi'i, marü yema na ya gu.



Tito Elmos José
Vendaval



Marciano Pereira
43 anos
Belém do Solimões



Tito Elmos José
Vendaval

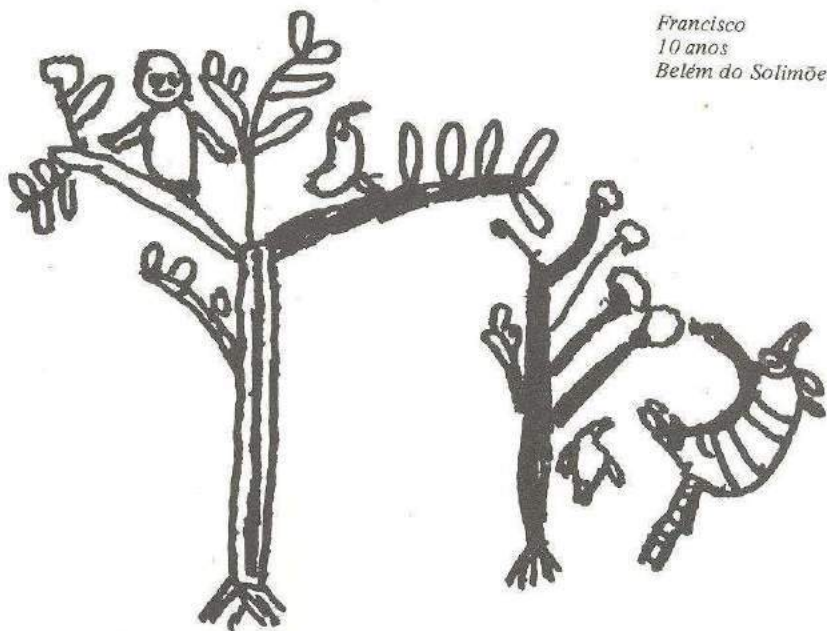
UCAE TCHIGA

Tare ga nügüene'ê Yoi rü Ipi rü yeguma namaã nayarü'ĩ ga Ucae arü tainü a taacüta i inhoa norü tainü i ütchigü'ũ nhãnarügü ga Ipi rü yeguma nü'ũ na cu'u rü wê ga nana âwa na wêatchi numa rü wü'i ga cowü'ũ yema narü tu.

Rü yeguma ãnaadau ga Ucae ga norü tainü rü wü'i ga cowü yema narü tu, marü naae'ũ ya tchorü tainü nha'ũ rü paa inaawêgü rü tama nü'ũ ini'ĩ wêgu, rü paama norü nacünüwa na'ũ tchitchire ta nadau rü yeguma nü'ũ na gauneta nhumata natchacü'ũ gu nana gauane yemaacüni'ĩ, rü yeguma poraãcü nü'ũ na gauneta rü yenaangu yeguma ga norü cowü rü yena yunagü rü ni'ĩ nha rü napeegu na ya ngu rü tau'ũ'ũ nü'ũ nadau.

Wenaarü fenewa na'ĩ rü yeguma Ucae arü tainü mã yeguma Ucae arü tainü mã inarü'ĩ rü yeguma nüna na nai, cü wê ga nanawa nawaatchi, Ucae yenaadau ga norü tainü guma ga cowü rü yema curü tu.

Yeguma rü marü inaya nge ga norü poeru'ũ rü nüna nanacuaica rü marü wü'i ga pecarica inaya ngu wegani nha, norü tareãru nhaëni'ĩ ga yema.

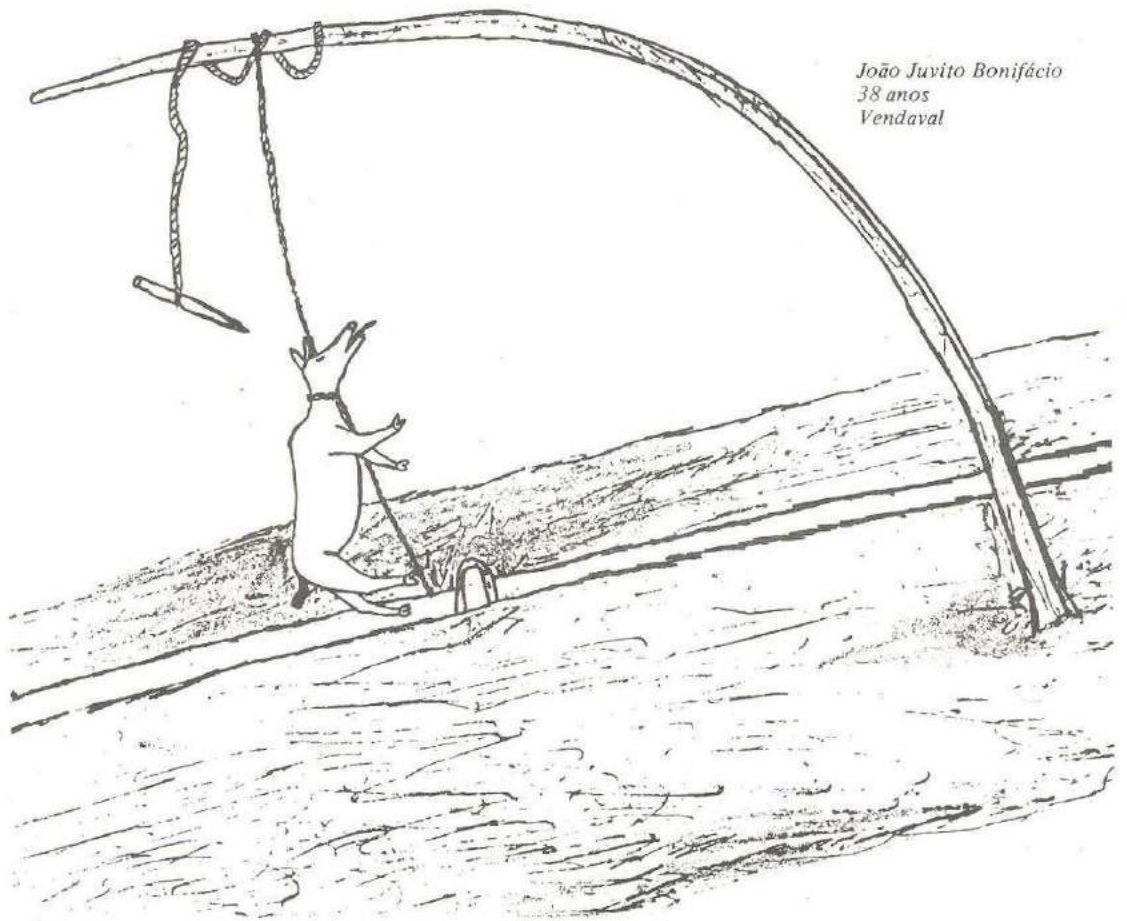


*Francisco
10 anos
Belém do Solimões*

To ga nguneügu fenewa na'i yegumawa'i ni'i ga i'e üyama'ü ga Ucae cowü'ü tü'ü ni'i ma rü tü'ü na tchuna gu'üma meama nade ga tümaünüta rü na yema ga to ga ngoo ga Deatchametü ga naega, rü yeguma marü tchamarü'ü wai türü cu tchiriri'tae nha'ü tama nhama'ü numacü ya naene'ë ya Yoi nhaama'ü ga yema Deatchametü yeguma na yema ga to ga ngoo ga naega ga Ngētacatchi pa Ngētacatchi marücawai tchamarü'ü cu tchiritae tama rü nūmacü ya naene'ë ya Yātachiwe rü yeguma marü nügü naya ira'āgu ga na'ünü ta ga guma cowü rü torüta yeacü namaā narü ca'ü ga wü'itchigü, nūma ga Ucae rü nūna'ütchi na'ü rü nūma ga Yoi rü ngürüatchi naweama nena'ü rü nūna cuaica rü pa nha'ü ga nacawe.

Rü yeguma ga yema to rü yeacüna nica rü nhānagürü ü'ü ya Yātatchiwe ya norü eyu nee ya daecü nha'ü gana yema nacagü'ü.

Rü yema togü rü ni'i bumü erü na Baiatchi'e ga na marü na yu'ü ga Ucae, rü yeguma yema na nha ga Yoi naca ga naene'ë



João Juvito Bonifácio
38 anos
Vendaval



Manoel Antonio, Dauremucu
18 anos
Vendaval

Matchi'i rü taüma na tautchica ga norü na'ünüta ga ira'ütaa na tau rü yeguma nana tchuna rü norü tü'egutadaw rü meama nanade rü yeguma nü'ü na cu'u rü inayunagü rü narü me ga Ipi, maī, maī, maī tchotcho'ü icu baigü cuguta nhatagü'ü ga Yoi nüma rü tama nü'ü nacuaega namarü Ucae na ngo'ü.

Rü na woegu rü natchi'üwa na'i rü yeguma yema nü'ü na inü ga wü'i ga woweruga, taacüni'i nhānarügü ga Ipi, rü yeguma nü'i ina inü ga nüma ga Yoi naitchitchi'i ni'i rü yeguma nhānarügü, maī, maī, maī tchairataa ni'i i naca tcha batae rü yeguma norü düarü tucügü mena'ā ni'i ga norü bata.

Ta üpetüama ga guema naitchi rü yema nagu ti cua ga tüma arü woweru ngegumatchi wocu arü tucügümaā tcho'ücü bata'ügu rica tchi ni'i itcha yu'ü nha'ü yema ta wiyae'ü rü tchautawe na pegü'ü, nhatagü'ü ngema nha'ü yeguma, maī, maī, maī nhumatawai, yaguā wocu arü tügücü nana ü'nagü ina inü'ü tcheruru marü tūmatawe na ngu, maī, maī, maī marü nha'ü onhatchaü'ü, ngi'ü na tchatchuna rü poraarü itchi'üa paama natamügu ngi-ü na nagü rü yegumataa ni'i tchuru ga ü'ü'e tüwa poraācu ni'i tcheü rü nügü ni'i wemecü'ü ga nüma ga Ipi rü yeguma nhānagürü maī, maī, maī tchii'a erü ta yemana yeguata'a ni'i a tche'ü tchitā'ü'ümare'ü, rü yeguma ga naene'e natchiata'ü'gu cu nhānarügü rü yeguma inayunagü rü nori rü'ü narüme: ngema ya gu.



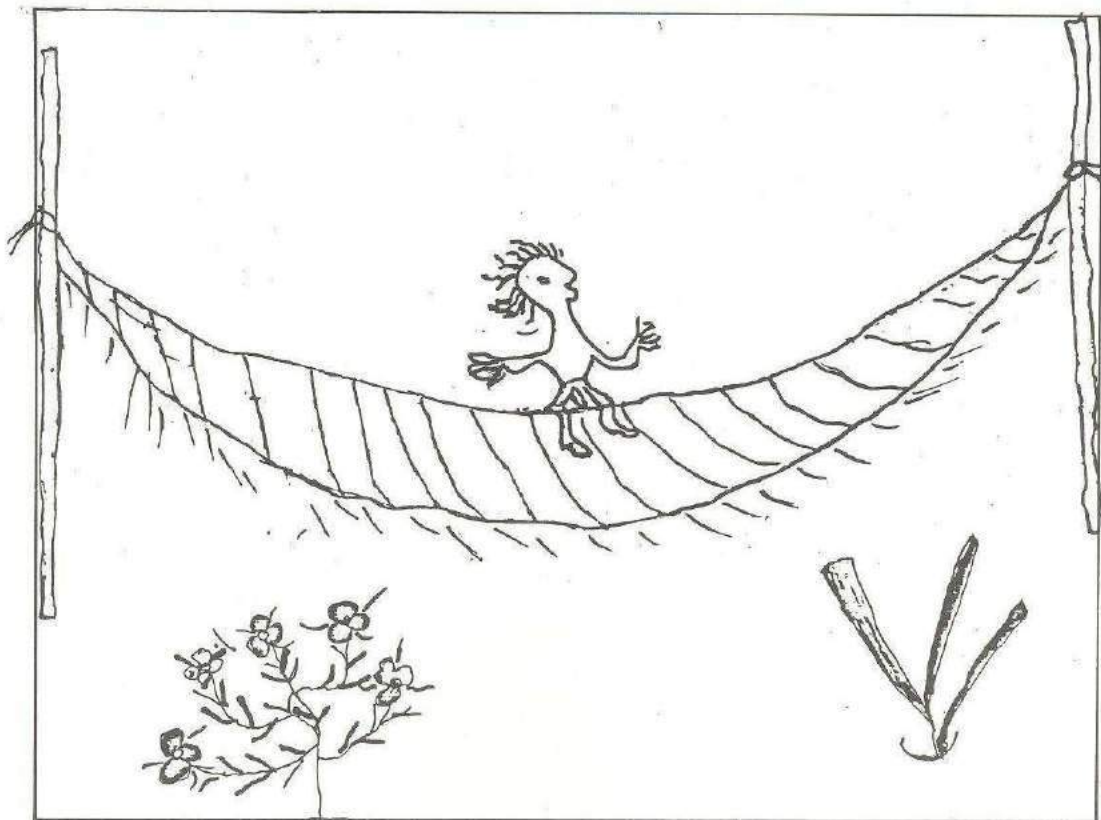
*Tito Elmos José
Vendaval*

MOE TCHIGA

Yegua fenewanaū ga Moe natürü yema fenewa nü'ū na inü'ū rü nūna na tchogü rü nhānarügü a pa weri nhuacü tchauca curü duū pa weri nha'ū yema weri rü poāca ni'i ga naega, rü yeguma irü du'ū naca ga Moe, rü nūna ica, toacü pa Moe ngirürügü, rü yeguma nhānarügü cumaā tcha āmatcha'ū rü napatawa ngi'ū na ga, ta yema ga nae ga Moe, ngeta ne icuga i tchaunea yea nhānarügü yea nainecüwa nhānarügü rü moā'cü rü nhatarügü ngi'ū tūmanca'i tücü i tchaunea eca i ya tocücutü tchigü rü yeguma tūma rü nü'ū ta inü rü naca ta nu rü pa mo nhuma rü ta cuna tchiū nhatarügü yema nūna ti'ū.

Wenaāraū tomaā naāma yegua ga barü maā naama'ū yeguma dautchitawa na'ūgu rü tūmamaūgu na wiya'ū ga nūma yemaācü nü'ū ta'acü, wena yema na'ūgu rü ta autcha'ū yeguma tü'ū i ni ga, rü napatawa tü'ū naga rü nhatarügü ga nae ngeta arü wena

*Núria Careca, Pucarána
40 anos
Belém do Solimões*



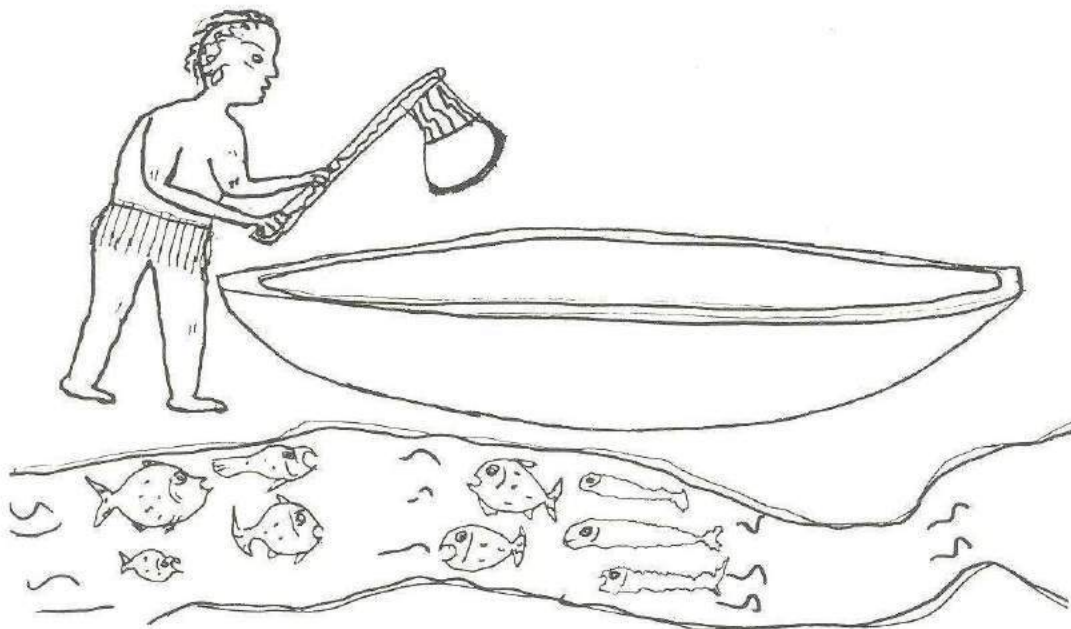


*Camilo dos Santos, Tumancü
22 anos
Bom Caminho*

cu ama pa mo yeama nha'ũ ga Moe tũcũ i na meetchi'ũ i tchaunea erũ i nutanũpara, nhatagu'ũ ga nae ga Moe nha'ã waina i poraãcũ ngi'ũ tcha ngetcha'ũcũ nhatagu'ũ nũma ga Moe rũ fenewa na'ũ'ũ rũ werimaã na aeũ, ngima ga nama rũ paama i ya begũ rũ ina nagũ natũrũ tama ina ngõ ga yema õna.

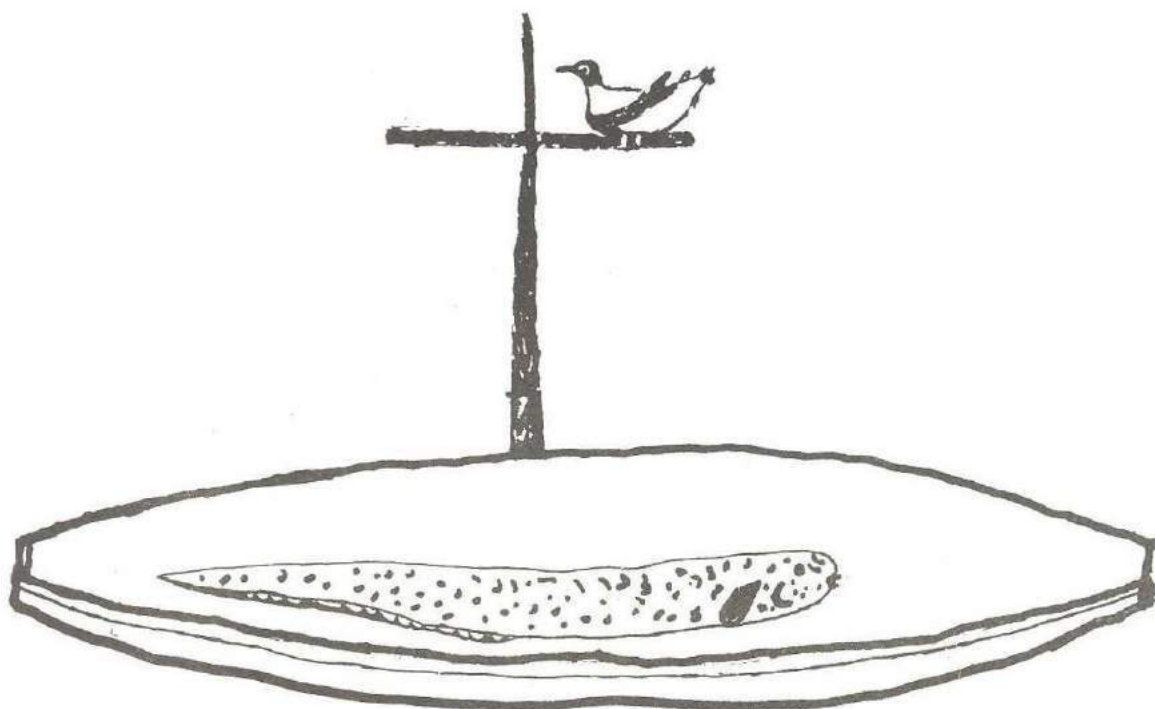
Rũ yeguma nagutarũi'nũ tũcũ'ũ itchaunea ngeca tama na tchibũtcha'ũ'ũ nhatarũgũ, nhuma ta tũrũ yema tũma arũ tucupi ne ta ũtchiũ rũ mee maã ta na ũe'ũ rũ tũmaca yema ta na'ũ rũ ewũ natchiũwa tana wo rũ paacaturũ tchorũ ngetchara ne tcha nge nhatagu'ũ ga nama ga Moe.

Yema naca ti ũ ga tũma arũ tucupi rũ tũgũca ne i fi'itchi nai rũ ta'a ngecutchi meama bũ ga me'ẽ, wẽã wẽã we ga natũwa ta yu'u, natũrũ ta yema ga ũca ga tũma'ũtaũ tũma rũ marũ tana caitchi na barũ ti'i, rũ naca ta ca ga ũ'ca rũ nhatarũgũ ũwi, ũwi, ũwi nuã na ga, ya tchaune, tchaune, tchaune, yeguma yema nana ga rũ nama'ã ti ũ.

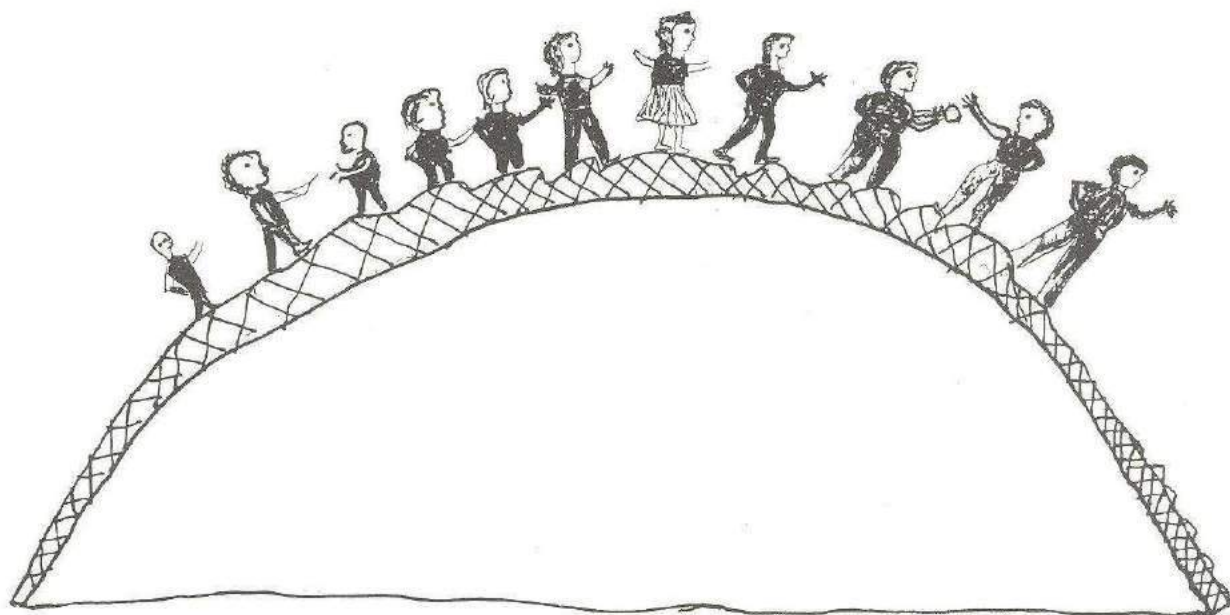


Miguel A. Firmino, Tegupawe'ecũ
39 anos
Campo Alegre

Wena arü buree maã naama'ü ga Moe, rü dauchtawa na'ügu yema nü'ü na dau'ü ga buree ga yema itchutcha rü yeguma nhānarügü nhuacü cu duü rü tchi cumaã tcha ama nha'ü yemana naca irü du'ü rü napatawa ngi'ü naga, pa mo ngetane icu ga itchaunea i meetchicü memana cu meetchi ngemaca nai'ica inge ma'ã cu ãma'ü, rü pamaãcü rü ngicaewa ngi'ü ta mu rü pururema'ã ngi'uta mu rü yeguma ngicaewa i ü ga ngima rü marü buree'ü yema i ngicaerü yeguma ngiwe ta tarü ü ga ngië rü puturerica yema i'ü rü yeguma rü nhatarügü ega tama i ogu rü nhatarügü yema ti dünecü'ü, rü dü ga ngi'ü ti düepawe'e. Yemana tama paata taegu yerü ta ane, marü na tchütagu ita ngu rü yema ti ca pa üwi, üwi, üwi, nuanaga ya tchaune, tchaune, rü tchana wāi rü wāi, yemana tüna nana mu ga tümare we ga ti ü. Wena arü na ama ga Moe yeguma atamaã, namawa nü'ü nadau ga yema weri rü nüna natchogü nhūacü cu duü'ü rü cumaã tcha ama nhānagürü yeguma naca tarü duü'ü rü napatawa tü'ü naga



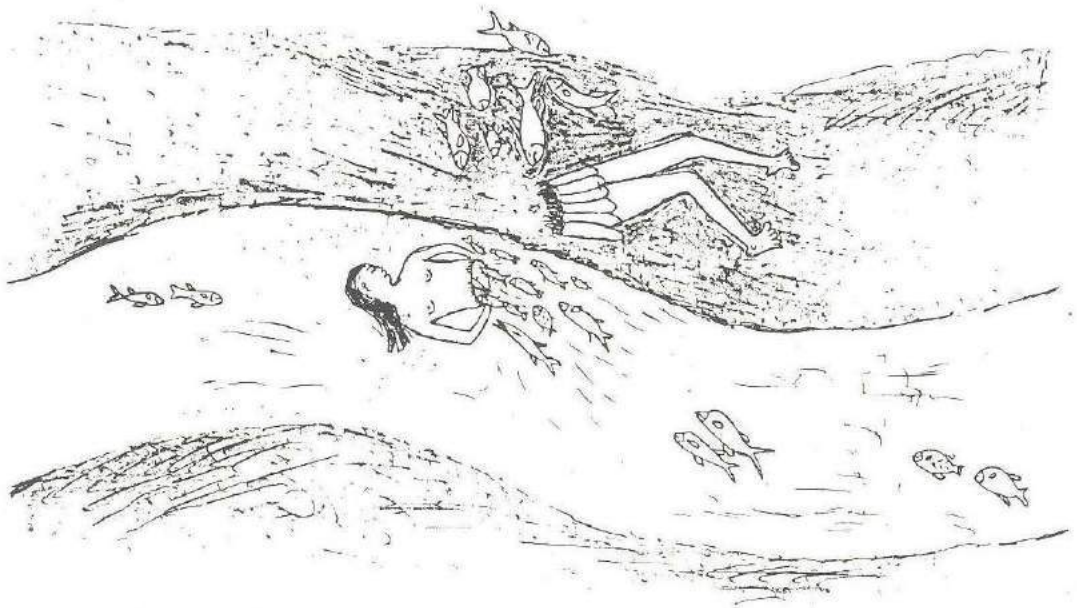
*Galia Natividade, Megatanücü
26 anos
Campo Alegre*



Galicia Natividade, Megatanücü
 26 anos
 Campo Alegre

ga Moe marü muûra ga ngunegu ta yema pa tchaunea daa ya tchawü rü na ücutchi'ü, tüma rü puracüwa ta ü rü yauanecü i ta ngu rü natanügu ti ngu ga guma tchawü yeguma ta nu rü nhatarügü, õotchicü i tchaunea nhatagürü natürü ngima rü marütchire tare ga barü ngi'ü i üägu yemaca i nu ga ngima rü i ya nha rü weri'ü i ya goe rü naitanügu ta arü wa rü, yegumaama nü'ü ta dau ga na marü tchire tare ga barü ngi'ü aacutchire'ü rü yeguma nagu tarü inü, rü paama tümaca ti tchoetanücü'ü, pa tchaunea na taegu nhatagü'üta rü ngigürügü cuica na querotchi'ü cuica na querotchi'ü nhatagü'ü ga guema ga âta.

Paicüre ma'ã naãma ga Moe rü nüma ga Moe rü üwe'üwana'ü rü nüma ga yema Paicüre rü nhānarügü tchama pa mo rü tata powoewatcha'ü nanhanerügü nhumata nayauane rü yegumama ita ngu rü tchonimaã ita ngu rü Moe rü ta ina ngu, natürü gu'üguma yema'ü ta wagü rü yeguma düwa tüma arü amacü tü'ü nangügü rü yeguma powoewa ta ügu rü tümawenarü'ü yeguma



João Juvito Bonifácio, Nguatchicü
38 anos
Vendaval

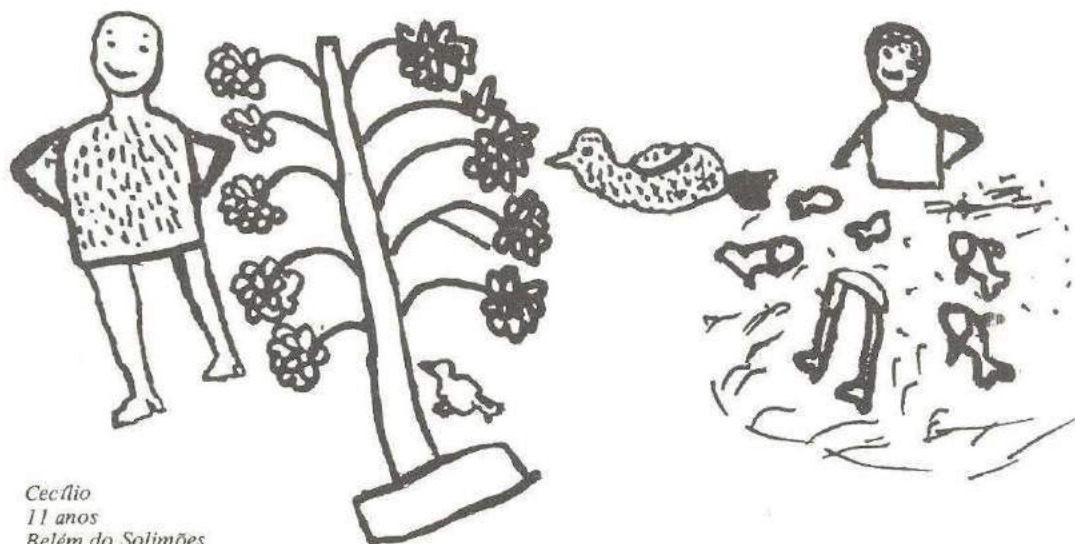
yema na ngu ga guma tuma aru amacü rü bema yema tü'ü na dauenü tuma rü tügü ti tchuye yema tuma arü totchipee rü dautchitawa nanada rü yema tumaeru rü natütchi'üwa na yema rü tuma'arü tü'e rü natütchi'ügu na ngüre'e ga tuma'unüta yemawa ni'i tchotcha ga tchoni rü yeguma tü'ü ni'i fiematacü rü yicüama rü ita'üatchi ga tuma rü namawa netacaetchigü norü tchare na yau rü yema tumaaca na baibetchigü pa tchauma ena cu'ü ni'i ma ya Moe ngu êcu tcho'ü na painagü nhatagü'ü nü'ü ga tuma'arü amacü rü yeguma tumaama'ã ina ü'atchi rü na'atügu ta canagü rü tumaama'ã ina'arü ü'ü'ü.

Rü nagu narü inü ga nana yema'ü ga wü'i ga nai ga gotüne rü guma pünewa tuma'ã na ü rü yema tumaama'ã i ni goequatchigü'ü na tarü totchipee'üca rü marü irarüwa narü to, yeguma naeneë nana daupa'ü rü marü tama narü totchigü ga natchipee.

Rü nama'ã na taegu rü düwa na na i atchiãe, rü natüwa namaã na yu'u rü yema namaã narü bai na i na ngu'üca natürü tama i na ngutcha'ü, rü ai'ü ina gootchi rü tumaamaã nana nhaane natürü tama yena nuesta, rü wena arü natüwa tuma ma'ã na yu'u, rü

natügu tümamaã na nga'i nai'tatü'üwa na gopetü, bai na ita ngu, rü yeguma naeneē nūna nanaã ga wü'i ga utchumatchicüra ga napüta ma ngau rü nhānarügü ngi'ã pa Paicüre rü tchoniwatai rü yeguma ita i'atchi rü nhānarügü tü'ü numa rü aū ta utchuma cu'ü na ngō tcho'ü nharügü tama õ nhānarügü rü yeguma tümama tama inarü bai.

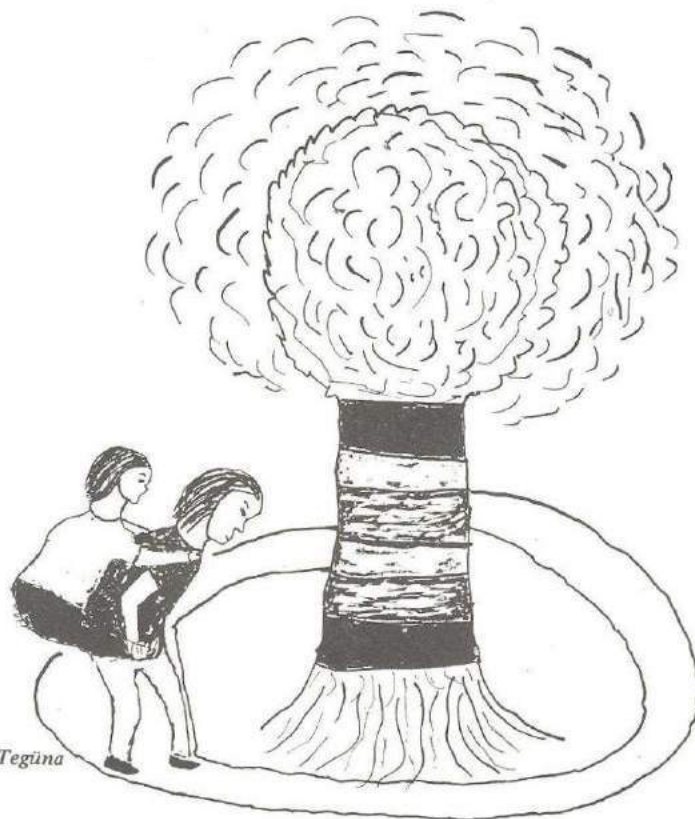
Rü yeguma marü natütamana tūnamaã na ngu rü tü'ü na wütchametü namaã ga guma norü utchumapüta natürü tama i na nguega, natürü marü tchire tana pi, nhumarütchina nhu'ūnhacu erü tama nua dautchitagu curü aütcha'ü rü wenaã rü tümamaã ni yu'u rü tümamaã i narü bai rü poraãcü wütanaü tüatchametüwa rü yeguma rü marü poraãcü naya pi, pa Paicüre ecü i na ü'e marü poraãcü'ütchi tcho'ü cuna pitchametü rü õ nhānarügü rü yema na ina ü'e, naānacüwa ta rü to rü yeguma tūna ni yu'u rü tchoni ta naärü ya'a rü tü'ü nana woo'ü rü ta ya ngōcu tanü nua mea tcho'ü na ngu'ēē rü nhuma rü ta nucütama i tcha ngu nhānarügü, tü'ü rü õ nhatarügü rü yema ta na ngu'ēē, nūma rü woema ni'i nha ga nūma to arü poeguātchiwa yenaayuātchi yemaãcü ni nha



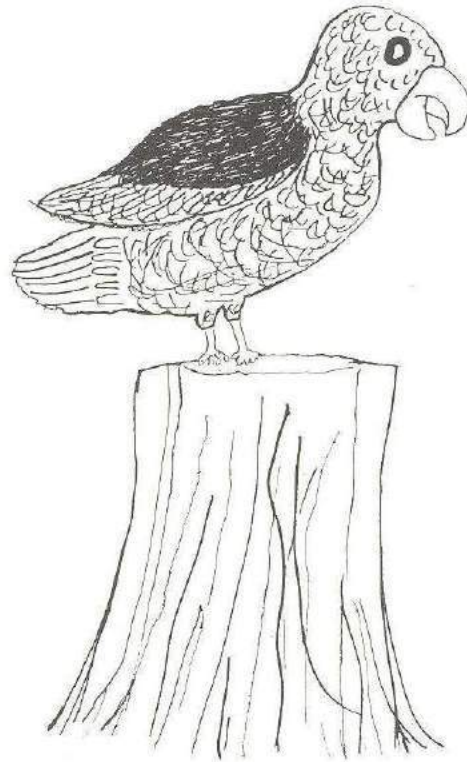
Cecílio
11 anos
Belém do Solimões

ga Moe rü marü wü'i ga yü'ü ngupetügu tü'ü i ni dau rü yeguma rü marü wü'i ya natcha'ü ni'i, rü yeguma marü wü'i ga tauwemacü ngupetügu rü wena arü tü'ü i ni dau rü marü ta na i'itchi ga na wü'i ga Powaru ti i rü yeguma nü'ü tadaugu ga guma Moe rü ti goe rü nhatarügu ngeguma tchaucacu ngetcha'ügu rü tchama rü ta Paruwa tcha ü nha'ümaã i taa caegü yema ya cua marü.

Yima ngema rü ü'üne ya arupane ta cutüü ega tchauca cu ngetcha'ügu, ngi'ü nü'ü ga Moe ga nama õ nha'ü ga Moe rü nana'ü ga guma arupane ga yema natü'anacüwa rü ü'üne natürü yema natütchi rü tchoni'ü i na ya yi'i'ü, yeguma marü nü'ü ya ngutcha'ügu yeguma nana dauüpa'ü ga norü yoe, yeguma rü marü ira'ü nü'ü inaya'ü nana guma'ü, natürü nüma ga Moe rü gu'üguma tchonimaã ina ngau'ü ga Moe yeguma ga norü yoe nhunharügu ya Moe eca gu'üguma tchonimaã ina nguu'ü tü nana ngearü powoã tchire, nha'ü ga guma norü yoe yeguma wenaarüma nana dau'ü yeguma ina dauenü yemana yatchenecü'ü rü tchoni'ü inayayi'ü yeguma, marü nü'ü nadaugu rü tama marü tchoni'ü inaayi'ü ga natütchi.

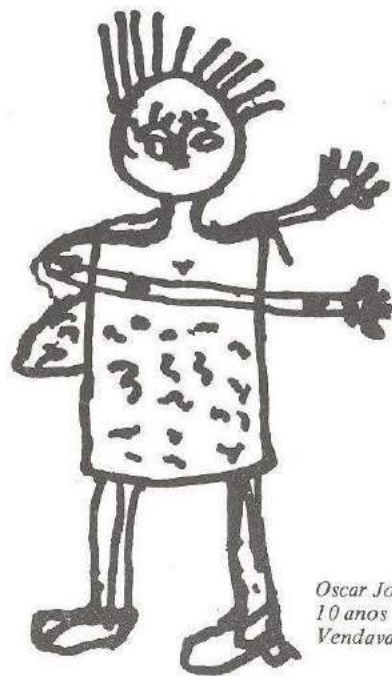


Marilza Firmino, Tegüna
26 anos
Campo Alegre



*Renata Firmino, Megana
19 anos
Campo Alegre*

Yeguma Moe nü'ũ nadau ga guma norü yoe rü yeguma naca naca rü nuana'ũ nhanarü nü'ũ yeguma ngema ta'ũ ngiã tana ngüegu ya tchawe'ũ nhānarügü tü'ũ, cuma ta i naanacüwa cu'üü nha'ũ tü'ũ ga norü yoe, rü yeguma nana ngüegu rü tumaetüwa na rü ngaatchi yegumawai ni'i ga tana ütanüa'ũ gana yema nü'ũ ta dauwenü'ũ yeguma aitata'ũ Moe tcha ingana'ũ Moe tcha ingana'ũ nhatagu'ũ Moe rü nanu rü tama tü'ũ ni'i ngana'ũ nhumawai ni'i i nü'ũ cucua'ũ erü nori tcho'ũ cu dau'üpa'unha'ũ pa Moe tcho'ũ i ngana'ũ Moe rü tama tü'ũ ni'i ngana'ũ yeguma ga tüma rü marü Yewae'ũ ti'i ga tüma marü ngema tarü wōna'ũ Yewae'ũ, yeguma ga Moe rü nhānarügü pa õ ngeguma tchauca cu ngetcha'ügu rü ngema taa ni'i i tcha'üü Paruwa tau ngema tchigü rü Cuyaruwa ta ni'i i tchau'ũ, o'ena nhatagü ga nae marü ta nü'ũ tchacua nhatagü rü inana'ügü gana ya'üü ga Moe nüma rü wü'i ga weri'ũ ni'i rü tüetügu na tu, ga nüma rü munane ni'i ngeguma marü nataawa na ngugu nüma ga nawe'ũ nüwa nori rü'ũ nai'ũ inarü'ũ ngema ni'ittoni i taguma ya gu'eü guma nataawa nayema ga wü'i ga dautchita ga nawa na ngu'ũ, marü nüma ga Moe rü tauü nü'ũ tacua na ngeta na'ũ'ũ bemana Paruwa na'ũ yema ya cua'ũ ga Moe tchiga.



Oscar João
10 anos
Vendaval

METARE TCHIGA

Na yema ga wü'i ga yatü ga naega ga Witchicü natürü nüma nü'ü i yema ga wü'i ga naäcü ga guāma ngima'ā ya āmagü'ügü rü nhānarügü pa tchauacü tchanawae na fenecu'ü'ü nama'ā ya tcheāte, toma rü ta düwa ta'ī, rü yeguma ina i'atchi rü yema na ngugü napūnewa ga dü, rü nhānarügü paa o'ü nena dau nhānarügü tü'ü ga naāte, rü yeguma ta'ī'nagü rü marü narawa ta ngugu tü'ü nhānarügü pa tcheate cugūna'ā na nga ya o'ü rü ō nhatarügü rü yeguma nü'ü na tchaneta ga o'ü rü tarü ngu rü ta yu, yeguma tūnana yu'u rü tü'ü na'ngo rü coema'ā tü'ü na'übü'ü ga naāte.

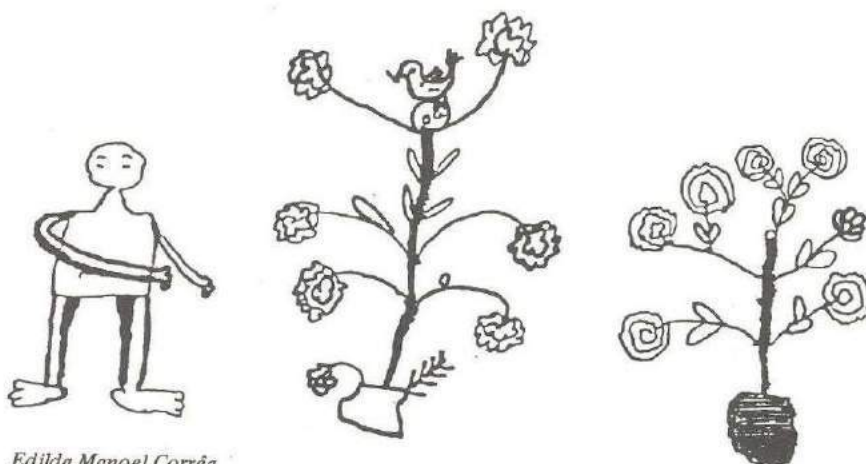
Ga yema Witchicü, natürü marü tü'ü na dai ga wü'imepü ga naāte yema na'acü rü i'patawa tama i ngema natürü marü nü'ü icua ga gu'ūma.

Yeguawai ni'ī ga Metare ga nha'ü tchamawa'i ta ni'ī i nü'ü tcha ā'ma'ü ya Witchicü nha'ü ga Metare, nhuma i cu'ü tcha'a āma'ü pa Witchicü nha'ü yeguma ō nha'ü ga nüma ga Witchicü tchama



Francisco
10 anos
Belém do Solimões

rü tama tchatchuacü rü nhaāma, yegumataa pa tchauacü paa nacaē, rü coe nena'ü nhararügü, rü o ngirügü rü yeguma paama ngi'ü name, rü nüma ga Witchicü rü nhānarügü tü'ü ga naāte ngia pa tchau'āte rü düwa ta'i nhānarügü yeguma marü napūnewa tangugügu rü nhama ni'i i dü, nhānarügü nhuma rü ta paa o'ü ne gudau, natürü nuama rü tautama ngema cu'ü nhānarügü tü'ü natürü yema paa itaaü üeguama, yeguma yema namaā i tarü ü ga natchinaā rü natchipeeru, yeguma dau'u na'i

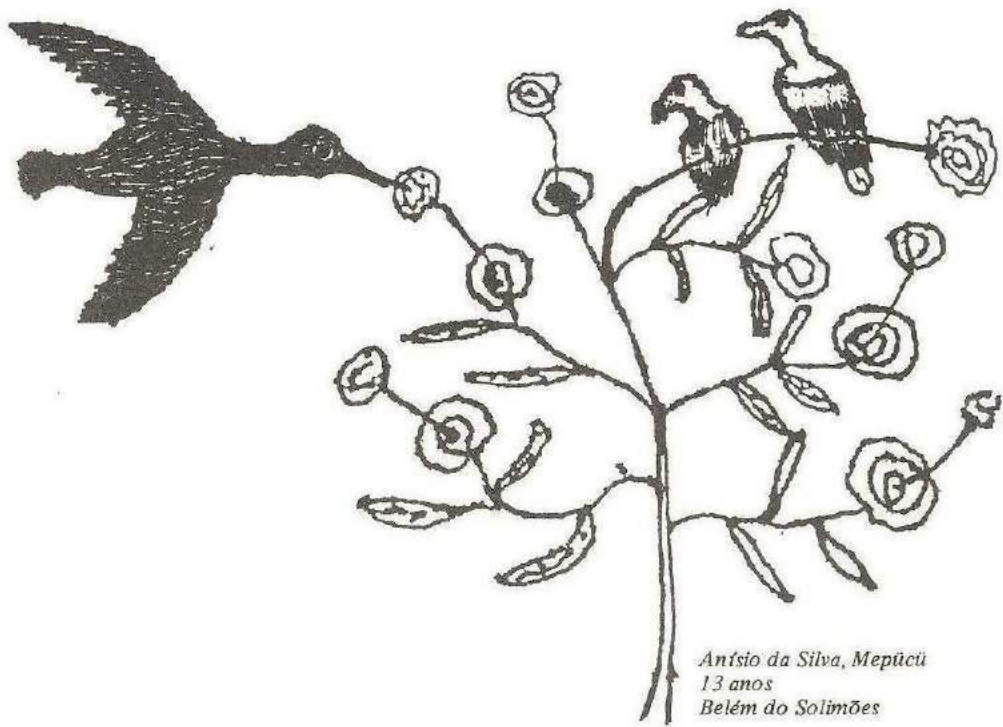


*Edilda Manoel Corrêa
15 anos
Belém do Solimões*

rü marü dau'üwa nangu rü nhānarügü patchauāte mea cuguna'a nanga ya o'ü rü yeguma ngürügü tü'ü nacua'ēē rü'ü natchaneta ga o'ü rü tama narü ngu rü ni'i goeāma rü barü'ü ni'i nha ga nüma rü tama na yu, rü tu'ē, tu'ē, tu'ē, nhararügü rü nai tanügu naārü wa, a nha'ü nhuma rü tcha nha'ē itchawemü rü tcho'ü na ngebü'ü yatchorü co'e rü ya nhamare'ü ga yeguma, nhānarügü ga barü, bururu, türürü nügü na ngēcü'ü nügü nangē cü'ü nhaümama ni'i ca ga barü yeguma ga nüma rü nhānarügü ngeta acü na, i natchitaa'ü nuacüna, yemana nügüparawa ta ni'i wi wena arü ni'i ca ga barü bururu rütücürü nügü nangēcü'ü yeguma ga nüma wenaārü nügüparamatchiwa ta ni'i wi norü naiparawa yeguvena na tchomagü, yeguma norü naperemawa ta ni'i wi nhumata norü naiperemawa na ngu yema wena ga norü natanecawa ta ni'i yemawena ga nhumata norü ma'ünewa na ngu tchiga na yu, rü yeguma inarü ga Metare rü oōne naetü na nha.



João Juvito Bonifácio, Nguatchicú
38 anos
Vendaval

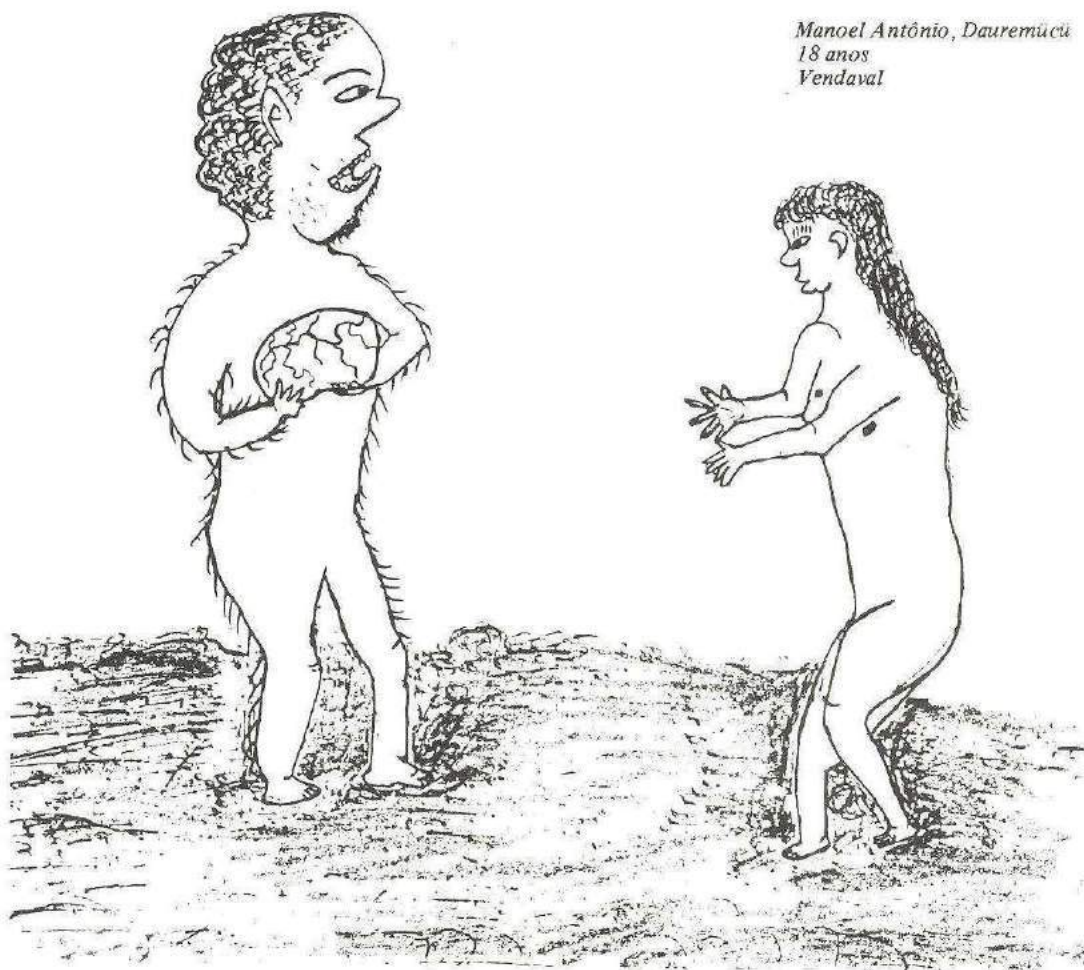


Antsio da Silva, Mepücü
13 anos
Belém do Solimões

WÛCÛTCHA TCHIGA

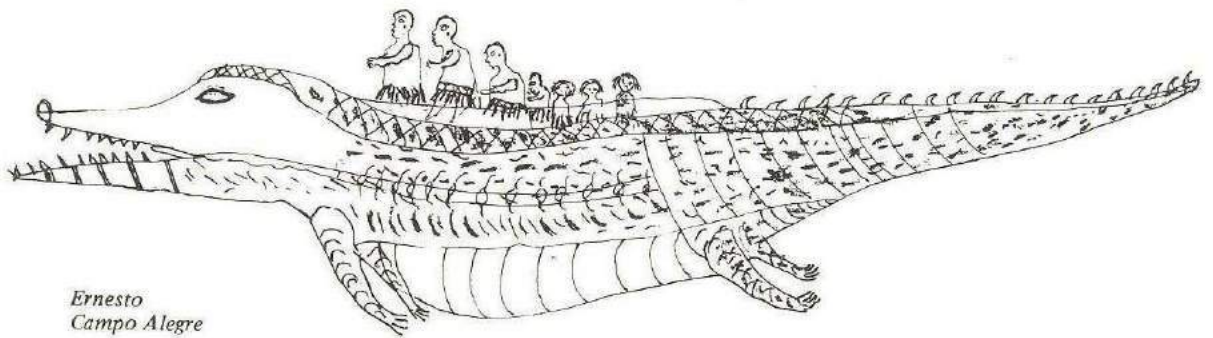
WÛcÛtcha rÛ fenewa na'Û rÛ nhâtarÛgÛ ga na'ecÛ nÛ'Û pa tchauta'ã coya tchara'Û tcho'Û nenadau rÛ nata'u i nhuma pa no, ya natchara'Û rÛ bawe'ica i nhuma ina nugÛcÛ rÛ ã nhânarÛgÛ rÛ du'Û'ẽ tÛ'Ûnenanadau ga yeguma rÛ marÛ tÛ'Û ni'Û yau ga wÛ'i ga du'Û'ẽ rÛ tÛ'Û ini'Û nge rÛ na'ecÛ rÛ tÛ'Ûta'tchuna.

RÛ ta ã'tchara'Û rÛ tanade ga tÛma tchara'Û rÛ Û'Û'etÛgu ta ngaweta'Û ga tÛma'arÛ natchara'Û rÛ yeguma ga WÛcÛtcha rÛ fene'e wana'u rÛ bu'ÛgÛ rÛ nawena tÛ'Û ni'Û ma ga nae'cÛ ga WÛcÛtcha rÛ tÛ'Û natchuna rÛ tÛma'ÛnÛta rÛ norÛ fene'e ma'Ûgu nana'Û rÛ ga tÛma'ÛnÛta ta rÛ tÛregu nana'Û rÛ nÛma rÛ marÛ aitcha'Û naitanÛgu na tugÛ rÛ inangu ga WÛcÛtcha rÛ na'ecÛ nana cagÛ pa no'o ngÛ'Û nhânarÛgÛ ga namawa rÛ yemananha rÛ tata'u ga yema rÛ wena pa no'o nhânarÛgÛ ye'erawa ngÛ'Û nhatarÛgÛ rÛ ini'Û'u rÛ nÛ'Û na'inÛ ga yema weri dau'Ûwa a'e'Û



*Manoel Antônio, DauremÛcÛ
18 anos
Vendaval*

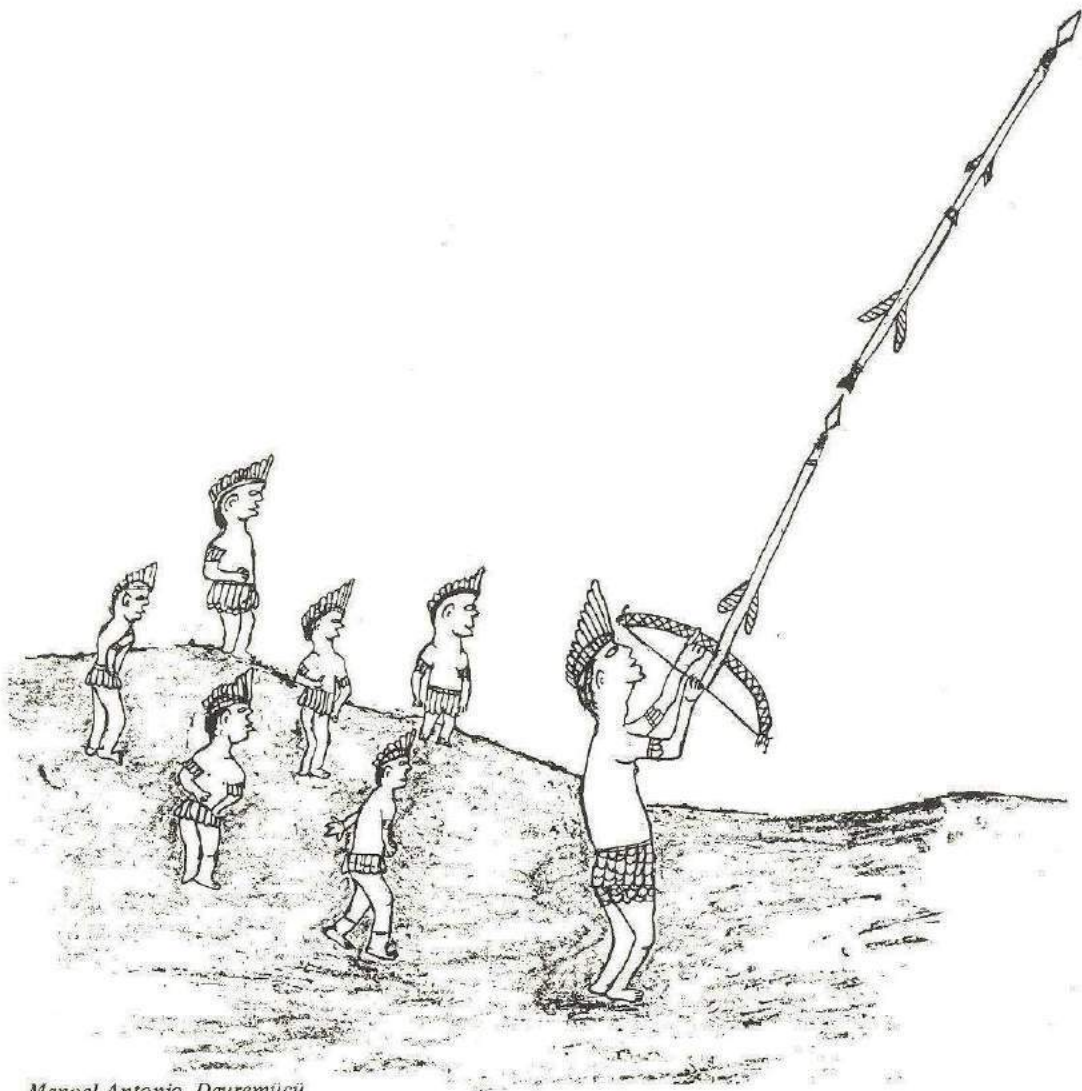
nhumawa'ini'i i nawa cuya dau'ü erü to'ü cu tacu'e rü yeguma
 nü'ü na'inügü rü ngematamani'i nhānarügü rü norü i'e nayayau
 ga yeguma rü tü'ü na fegü rü nhumata na gu ga norü otchagu rü
 mo'ü rü ta tüü na fegü rü taguma nü'ü tangu'ü düwa ta'uguma
 fenewa na'u, tūmatcha'ecü rü düwa norü cowü rü ni'i
 putchara'ü düwa ta'uguma tūmatcha'ecü rü düwa norü cowü rü
 ni'i putchara'ü düwa ta'uguma tūmatcha'ecü natchibü rü düwa
 ini'i tchü'a cü'ü mare tchi'ümare rü yeguma itarüngagü rü ta ya
 ma rü na yu rü tana ya'u ga norütügü netchacü'ü ngeguma ti'i
 bumü rü tatü'ütarü bu'utchimü rü yeguma yema
 ti'itcha'ätchi'tanü rü yeguma tūmaca yema ne'itcha ga noē ga
 coya rü ngica taca pa no'o tautchi na me'e ega ye'acutügu to'ü
 cuya mugügu õ pa tchauta'a rü tama i õ yerü nūma rü na taiya.
 Yeguma pa'a nügü ni'i ucu'e'gü rü tau'üta'a yata'ama pe ngaga



Ernesto
 Campo Alegre

yemagana nügü ya'ücuā'ü tchamai ta yainü nhānarügü ga
 wü'itchigü tchamai ta purünü ngigurügu tchamaita tetenü
 nhānarügü. na'anacüwa iwe'e rü yema ipuneta rü ngiree'ü rü ina
 wūnagü'ē'ē ga ngire'ü rü yeguma ti'i tcho'ü rü tūmama'a i ya āe
 yeguma nga'ütüwa nangügu rü ni'i nai pa tchauta'a nhu'acane ya
 tchau'ü tchi'ünema rü ye'erawa nangu rü wenaara' a a ni'i nai
 nhu'acane yatchau'ü nhānarügü tchi'ünema pa no ya cu'ü rü
 ye'erawa tangugügu ni'i nai pa tchauta'a nhu'acane ya tchau'ü
 pa tchauta'a yi'inema yegumata'a i wa'eguatchi weri'ü ti'i bumü
 rü wü'i ga tūma'eya rü purünü'ü iyi'i rü ngitü'ü ni'i nha rü ngi'ü
 ni'i yau rü i yu rü yeguma marü dautchitawa.

Tangugügu rü wü'iwa ta yemagügu rü nagutarü inü'e
 nhu'ünhagügutchi i ngi'i i dau'ü ita'eya metchina cawa ca i



Manoel Antonio, Dauremücü
18 anos
Vendaval

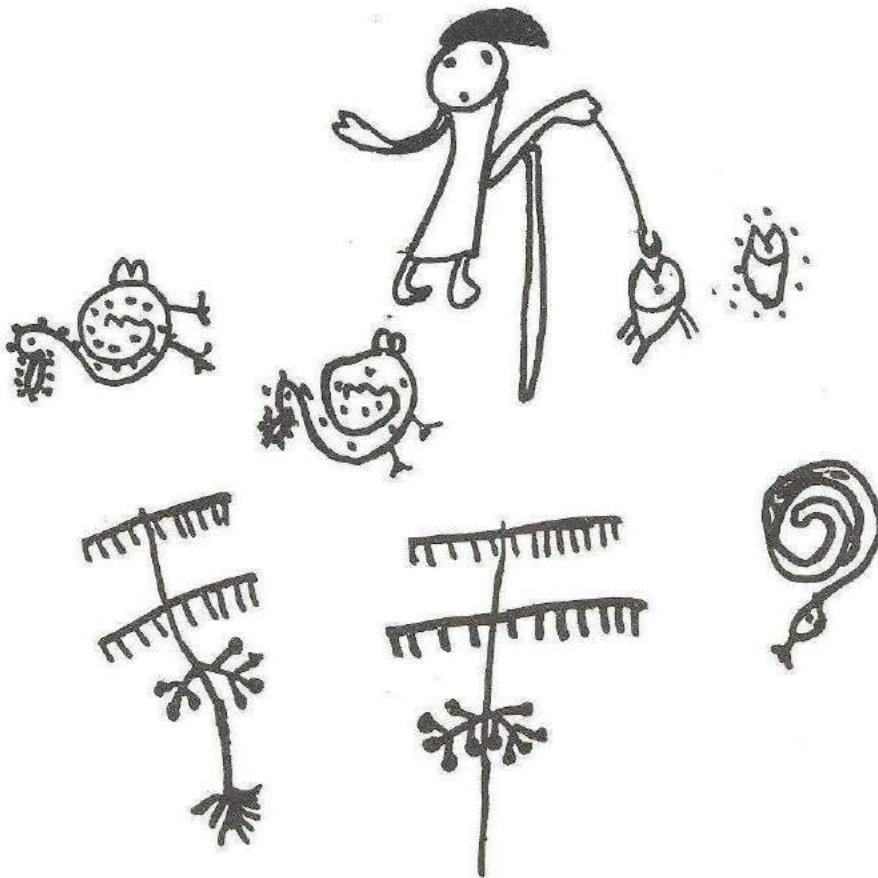
ngemagu rü yeguma pa'a naca tangema rü yeguma yema nangügu
ga cawa rü nü'ü natu'u ga tatü rü inaya tche rü yeguma ta
pa'a'äe ga na ngica ta dau'ü rü yema rü tatü tchine'egu ngima'ã
ya nhu'ü rü yeguma pa'a ngi'ü ta yau ga tüma'eya tüma'ütawa i
yema rü ngi'i ti'i ma ga coya rü ngitchicüra rü tana yau
nhu'acüta dau'üwa i ngugü'ü nhānarügü ga yeguma.

Rü yemawena rü wü'i ga nane nayau rü dau nanamagü rü
nanamafe nhumata nhatüwa nangu rü yeguma nawa dauü na igü
nhumata yemaacü dauüwa nangugü.

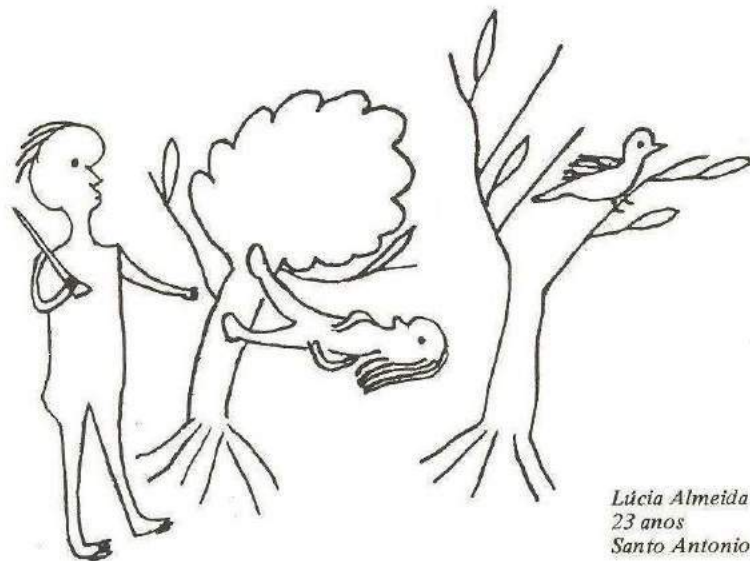
Rü yeguma e'taü ni'igü ga yema naimewa rü tare ga buügü.
Coya tchicüra rüta e'ta'ü nai'rü rü dau'üwa na ngemagü, rü
Wücütcha tchinaã rü e'taü ni'i, rü naimewa rü tare ya e'tamaã
wü'iwa na ngemagü i dauüwa.

NOSSO POVO

Aqui começa a história do tempo dos antigos



*Dulcinéia Guedes
10 anos
Belém do Solimões*



*Lúcia Almeida Vasques
23 anos
Santo Antonio*

O início da história

Antes do mundo existir, Ngutapa já existia. Ele não teve pai nem mãe. Mapana, a mulher de Ngutapa, se criou junto com ele. No mesmo lugar viviam também Baia e sua mulher. Baia era parente de Ngutapa. No lugar onde esses quatro se criaram é onde ficava a montanha Taiwegüne. É no igarapé Tonetü. Naquele tempo, a terra ainda estava se formando. O mato era baixinho e o rio ainda tinha pouca água. Lá eles viviam.

Passaram-se muitos anos. Ngutapa e Mapana nunca habitaram juntos. Nunca tiveram filhos.

Um dia, quando o mato já estava crescido, Ngutapa foi caçar com Mapana. No caminho eles começaram a brigar. Ngutapa agarrou sua mulher e lhe deu uma surra. Depois disso, amarrou Mapana num pau, de braços e pernas abertos. Deixou ela ali e seguiu para caçar no mato. Vieram as cabas e as formigas e morderam a sua periquita. Ela sofreu muito. Então apareceu o pássaro cancã e se sentou no alto do pau onde ela estava amarrada. Mapana disse para o cancã:

— Vovó, pode me desamarrar?

O pássaro gritou:

— Co, co, co, cou!

— Vovó, venha me desamarrar. Aquele desgraçado me prendeu aqui para me matar — ela falou de novo.

O cancã se transformou em gente e, chegando mais perto, perguntou:

— O que lhe aconteceu, minha neta? Se você quiser se vingar de Ngutapa, está aqui a caba.

Ela pegou a caba e guardou.

A casa de caba era muito grande, mas parecia pequena. O Cancã falou ainda:

— Você não pode ficar aí. Tem que esperar o seu marido num lugar onde ele não possa ver.

Depois disso, o cancã se transformou em pássaro e foi embora.

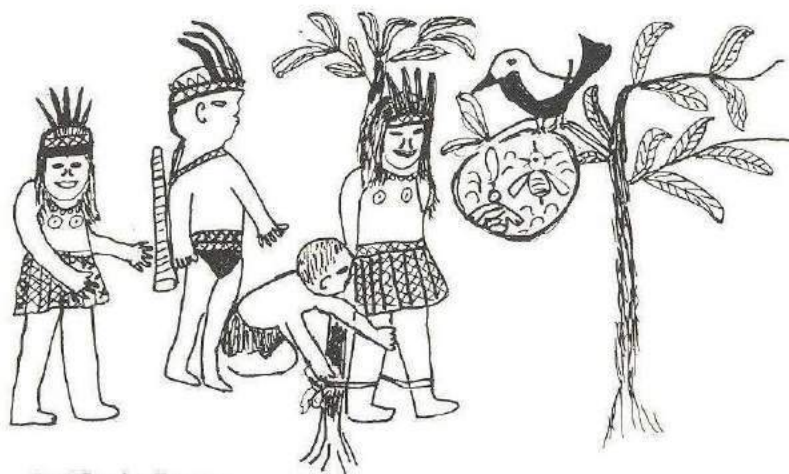
Demorou um pouco e Ngutapa voltou da caçada. Vinha tocando flauta e pulava numa perna e noutra, cantando:

— Por onde anda Mapana?! As cabas e as formigas morderam a periquita dela! Tcheruru tcheruru-u-u-u... Tcheruru tcheruru-u-u-u... — assim dizia.

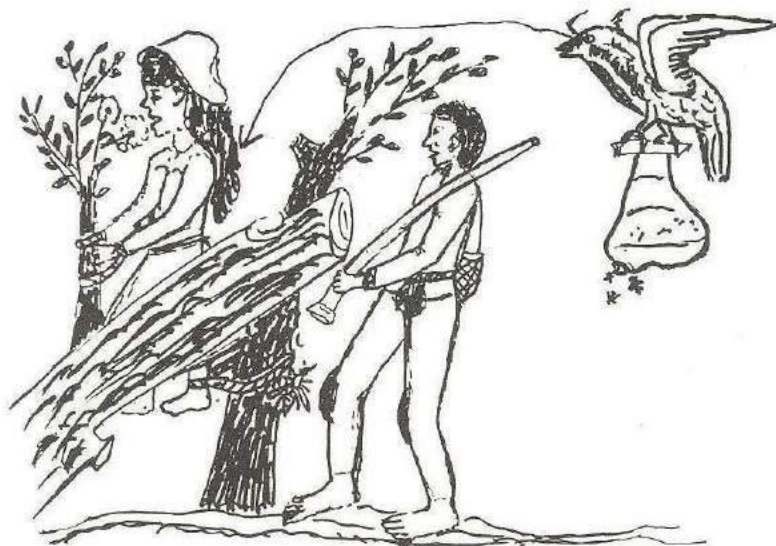
Mapana estava escondida num tronco de árvore, esperando Ngutapa passar. Escutou esse canto e se preparou. Quando ele chegou, ela jogou a casa de caba em cima dele e acertou-lhe os dois joelhos. Ngutapa caiu e não se levantou mais. Mapana deixou ele ali mesmo e foi embora.

Ngutapa foi se arrastando até em casa.

Desde que as cabas ferraram, seus joelhos começaram a inchar.



José Guedes Tenazor
35 anos
Belém do Solimões



Firmino Albino, Yane'ëtüçü
20 anos
Belém do Solimões

Como nasceram Yoi e seus irmãos

Quando Ngutapa chegou em casa, foi logo se deitar na rede. Mapana viu o marido chegar, mas nem ligou. Não queria mais saber dele. Quando anoiteceu, Ngutapa começou a sentir muita dor nos joelhos. Sofreu muito e chorou.

Depois de uma semana, os joelhos cresceram. Começaram a ficar transparentes e aparecia o que tinha lá dentro. Ele olhou e num dos joelhos viu duas pessoas. No outro viu outras duas pessoas.

No dia seguinte, Ngutapa já podia enxergar num joelho um rapaz fazendo sua zarabatana e uma moça tecendo um *buré*. E no outro joelho a mesma coisa.

Depois disso, passou mais um dia e os joelhos se abriram. Ngutapa olhou e de seus joelhos saíram dois homens com suas zarabatanas e duas mulheres com seus cestos. Do joelho direito, pulou Yoi e sua irmã Mowatcha e do esquerdo Ipi e sua irmã Aicüna.

Aí Ngutapa ficou bom. Não sentiu mais dor.

A onça come Ngutapa

Passaram-se alguns anos. Naquele tempo, as pessoas imortais (*ii-üine*) cresciam muito depressa. Por isso, os filhos de Ngutapa logo ficaram grandes.

Um dia, Ngutapa saiu para pescar com timbó e Yoi e Ipi foram caçar no mato.

Enquanto Ngutapa pescava, um espinho entrou em seu pé. Estava tirando esse espinho, quando uma onça chegou por trás e o engoliu.

Quando Yoi e Ipi voltaram da caçada, não encontraram o pai em casa. Eles não sabiam o que tinha acontecido e ficaram preocupados. Então perguntaram para Mapana:

— Vovó, onde está nosso pai?

Ela disfarçou e respondeu outra coisa:

— Vassoura rodou.

E eles de novo:

— Cadê nosso pai? Nós queremos saber o que aconteceu com ele.

— O dente de cotia rói — ela disse.

— Mas onde está nosso pai?

— Vassoura rodou — falou Mapana novamente.

Depois deles insistirem muito, ela acabou contando:

— A cinza (*tau'ü*) caiu em cima do pai de vocês.

Com essas palavras, Yoi e Ipi entenderam que a onça havia comido Ngutapa.

tirar um cabelo de nossa irmã e com ele dar uma volta ao redor do mundo todo.

— Calma lá — disse Yoi.

Yoi pensava mais para resolver as coisas.

Ipi insistia:

— Irmão, irmão, vamos tentar fazer isso?

Mas antes Ipi resolveu fazer uma cerca e Yoi concordou. Yoi pensou nas estacas e elas apareceram. Depois de aprontarem tudo, a cerca, a porta, eles tiraram um fio de cabelo de Mowatcha (Mowatcha era a irmã que saiu do mesmo Joelho que Yoi). Com esse fio, eles deram a volta no mundo e juntaram as duas pontas na porta da cerca. Aí foram puxando as pontas do cabelo e apertando o mundo. As águas vieram atrás, como uma alagação.

Depois disso, Yoi ficou de um lado da porta e Ipi, com sua irmã Aicüna, do outro lado (Aicüna era a irmã que saiu do mesmo Joelho que Ipi).

Os bichos começaram a passar. Primeiro os caititus. Depois os veados. E depois outros veados. Depois vieram as queixadas e as onças vermelhas. Só no fim começaram a passar as onças mesmo. Yoi desconfiou que entre essas onças estaria aquela que havia comido Ngutapa. E perguntou a uma delas:

— Vovó, você pode me dizer onde está aquela nossa inimiga?

A onça respondeu:

— Ela está lá no final.

Mandou Yoi escutar uma voz que vinha lá de trás, gritando. Era a onça que vinha soprando no bucho de Ngutapa. Falava:

— *Arütü e'ri düa, düa, durumü, durumü!*

Por essa voz, eles descobriram que aquela era a onça que tinha engolido o seu pai. E, quando ela chegou mais perto, lhe perguntaram:

— Vovó, o que você vinha falando?

A onça não quis responder, mas de dentro dela veio aquela voz que dizia:

— Nada, nada, nada, meu neto. Nada, nada, nada, meu neto.

Yoi, Ipi e sua irmã Aicüna já estavam preparados para pegar a onça.

Aicüna tinha se transformado em jacaré.

Eles levaram a onça para a beira do rio, mas ela escapou e pulou na água.

Então o jacaré carregou a onça para o fundo e desapareceu:

Ipi falou:

— Irmão, irmão, irmão, o que nós vamos fazer agora para achar o jacaré?

O rio está muito grande, muito cheio. Vamos convidar o cupim para secar essa água?

Chamaram o cupim e ele logo apareceu. Ele era bem alto, mas o tamanho certo ninguém sabe qual é. Mas o cupim só conseguiu secar um pouco da água. Aí Ipi falou:

— Irmão, irmão quem nós vamos convidar agora?

E resolveram convidar a cigarra. Ipi perguntou a ela:

— Será que você pode secar a água pra nós? A nossa irmã virada em

jacaré está lá no fundo com a onça.

A cigarra tentou secar o rio, jogando a água para fora, mas estava com caganeira e não pôde trabalhar muito. Cada vez que fazia força para tirar água, saía cocô: pôu! pôu! pôu! Assim o trabalho não rendeu e o rio secou só mais um pedacinho. Aí Ipi resolveu:

— Irmão, irmão, vamos então convidar o Cawa?

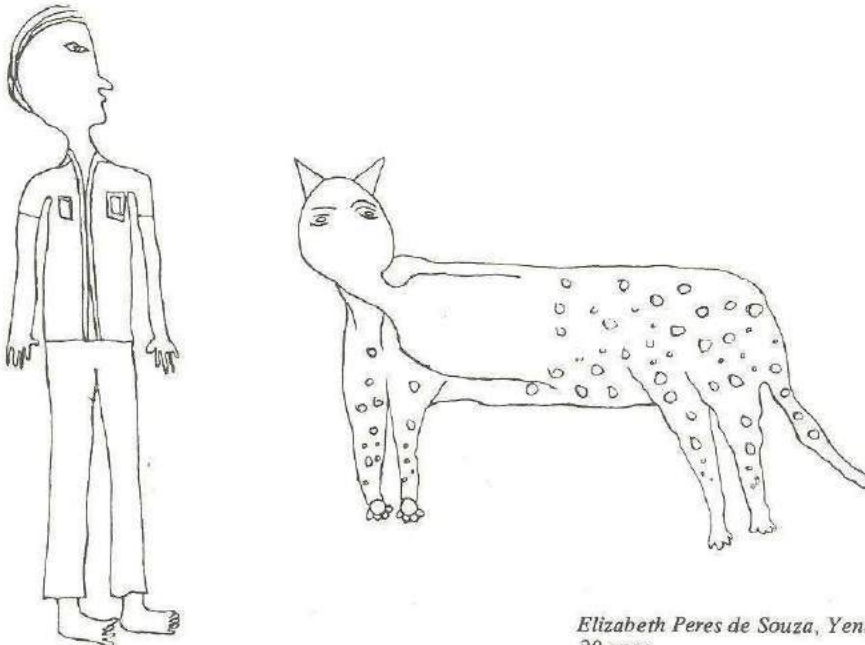
Yoi concordou e eles chamaram o Cawa. Este Cawa é uma pessoa e quer dizer ‘gente gulosa’. Ele chegou e foi chupando a água. Foi chupando, chupando até encher as orelhas e os cabelos. Assim conseguiu secar o rio.

— Meus netos, agora podem descer e procurar sua irmã. Depressa! — disse o Cawa.

Então eles desceram até a boca do rio e lá encontraram o jacaré descansando. Conseguiram tirar a onça da sua boca e neste momento o jacaré se transformou outra vez em gente. Voltaram para cima com Aicüna e também com a onça. Chegando lá, o Cawa falou:

— Já, meus netos?

Então ele vomitou toda a água que tinha chupado e o rio tornou a encher. Só aí puderam tirar Ngutapa de dentro da onça. Pegaram todos os pedacinhos de carne, juntaram de novo e Ngutapa se levantou falando: —Eh! Vocês me assustaram!



*Elizabeth Peres de Souza, Yena
20 anos
Bom Caminho*

Como apareceu o dia

Agora nós vamos ver a história da samaumeira.

Naquele tempo não existia o dia. Era sempre noite. Os galhos da samaumeira eram muito grandes e cobriam o mundo, escurecendo tudo.

Um dia, Ipi falou a Yoi:

— Irmão, irmão, o que nós vamos fazer para clarear o dia?

Resolveram então procurar um caroço de araraticupi, para ver se conseguiam abrir um buraco na samaumeira. Logo que acharam Ipi jogou o caroço na samaumeira, fazendo um barulho: Fűrürürü! ēēēē!

Mas nem um pouquinho de luz apareceu. Ipi, então, falou para o irmão fazer o mesmo. Yoi jogou o caroço e se ouviu um outro barulho: ngune, ngune, ngune! Desta vez se abriu um pequeno buraco e se pôde ver um pouco de luz. Mas essa luz logo desapareceu, porque os galhos da samaumeira eram vivos e se fecharam.

Ipi falou: — Irmão, irmão, o que nós vamos fazer agora?

Ficaram pensando em algum animal que pudesse derrubar a árvore. De repente ouviram a voz do pinica-pau: pururu, pururu. Yoi, então, convidou este passarinho. Quando o pinica-pau chegou, tentou cortar a árvore com seu bico, mas não conseguiu e foi embora.

Yoi e Ipi ficaram pensando, pensando... Aí ouviram no buraco de um pau uma voz que fazia: tu, tu, tu, tu, tu.

— É uma cotia. Vamos chamá-la — disse Yoi.

— É uma cotia mesmo. Ela tem um machado — disse Ipi.

Ipi se interessou por este machado e queria matar a cotia para ficar com ele. Mas Yoi alertou:

— Cuidado! Pensar assim é errado.

Ipi insistiu e foi até o caminho da cotia. Mas antes fez um disfarcé: pintou o corpo e botou penas por todo ele. E desse jeito foi esperar a cotia. Yoi sabia por que o irmão estava com essa roupa, mas nada falou.

Ipi ficou deitado e só as penas apareciam. Fingiu que estava dormindo, mas sua boca ficou aberta.

A cotia veio batendo nos paus com o machado dela: tu, tu, tu, tu, tu.

Olhou e viu aquelas penas de passarinho e por três vezes perguntou:

— O que está fazendo aí?

Ipi nada respondia. Ele pensava: “Se sou só pena de passarinho, então não posso falar”.

A cotia disse:

— O que é isso?! Se não me responder, eu vou mijar na sua boca.

Ele continuou sem responder e a cotia pensou: “Nem responde... É

mesmo que morto”. E ameaçou:

— Cuidado que eu vou arrancar a sua língua.

Ipi, mesmo com medo, falou:

— Pode arrancar, pode meter a mão na minha boca.

Quando ela se aproximou, Ipi aproveitou e lhe arrancou a paleta. Essa paleta era o machado. Depois disso, a cotia saiu mancando, sem a perna de trás.

Ipi fugiu com o machado, mas a cotia o perseguiu gritando:

— Olhe, Ipi, quando você fizer roça, não fale no meu nome. Você tomou o meu machado, por isso daqui pra frente eu vou roubar a roça de vocês.

A cotia, para cobrar esse roubo, até agora gosta de roubar as roças. Foi da perna dela que os Ticuna conseguiram o machado. Agora, essa cotia não pode mais plantar. Só a cotia pequena é que ainda tem o machado.

Ipi voltou e disse para Yoi:

— Irmão, irmão, irmão, agora eu já tenho o machado. Estou pronto para derrubar a samaumeira.

E começou a trabalhar. Fazia: tu, tu, tu, tu, mas nada de derrubar.

Continuou, continuou até cansar e o buraco não aumentava. Abria um pouco e tornava a fechar. Chamou Yoi para que ele tentasse também.

Então Yoi veio e cortou, cortou, e o lugar onde o machado batia foi se abrindo. Ipi viu o trabalho do irmão e perguntou:

— Por que o meu não dá certo?

— Cuidado! Não fale desse jeito — disse Yoi.

Quando se cansou, Yoi entregou o machado para Ipi e este continuou a derrubar a samaumeira. Desta vez o corte não se fechou.

Continuaram derrubando, um pouco um, um pouco o outro, mas a árvore não caía. Yoi olhou e pensou: “Já está tão fininho, por que não cai?”. Aí os irmãos olharam para cima e viram a preguiça real, lá no alto, segurando a árvore. Pensaram: “O que podemos fazer para ela largar?”. Falaram entre eles, mas um quatipuru estava perto e ouviu. Disse-lhes que teria coragem para tirar a mão da preguiça lá do galho. Yoi aceitou e o quatipuru subiu só até a metade: trrrrrrr. Desceu sem coragem, porque achou muito alto.

Então Yoi resolveu buscar um bocado de formiga de fogo para jogar no olho da preguiça. Deu as formigas para um quatipuru pequeno que apareceu. Este disse que teria coragem para fazer o trabalho. E foi até lá só para experimentar: tauripiririrrrrr. Voltou e falou que dava certo jogar as formigas. Subiu novamente e atirou as formigas no olho da preguiça e depois deu um pulo para trás. Quando ele pulou, o machado lhe machucou o rabo. Por isso este quatipuruzinho tem o rabo dobrado nas costas.

Enfim, a samaumeira caiu e o dia começou a clarear. Aí puderam ver o sol, o céu, as estrelas. Ficaram animados.

Depois disso, o dia amanhecia sempre da mesma maneira.

Yoi e Ipi entregaram sua irmã Mowatcha para se casar com o quatipuruzinho, porque ele era corajoso.



*Lucimar Moçambique Almeida
34 anos
Porto Cordeirinho*

O coração da samaumeira

Depois de passado um tempo da derrubada da samaumeira, Ipi foi até lá para ver se a árvore já tinha apodrecido. Mas ela continuava viva, o pau começou a brotar de novo.

“O que tem essa árvore que não quer morrer?”, pensou Ipi. Foi ver de perto e escutou um barulho: tu, tu, tu. Aí disse para Yoi:

— Essa árvore tem coração, está viva. O que podemos fazer?

E continuou:

— Eu mesmo vou tirar esse coração com o machado.

Ipi começou a cavar. Yoi logo tomou seu machado e quis também cortar. Ipi, como sempre, queria ser o primeiro, ser dono de tudo, e quis pegar de novo o machado. E assim os dois ficaram disputando todo o tempo.

Por fim, Yoi conseguiu cortar com força e o coração pulou.

Ipi disse:

— Maninho, eu mesmo vou pegar.

Porém, um calango estava perto, cuidando, e acabou comendo o coração.

Mas não conseguiu engolir e o coração ficou parado em sua garganta.

Vendo isso, Ipi preparou um tição de fogo e botou na garganta do

calango. Ele gritou e o coração pulou para fora. Então, uma grande borboleta azul engoliu o coração. E Ipi, com aquele mesmo fogo, queimou a asa da borboleta e ela vomitou tudo. Por isso, a borboleta azul tem manchas na asa.

Depois, o coração entrou num buraco de pedra muito pequeno. Dali era difícil de tirar. Yoi, então, chamou a cotia e falou:

— Vá lá e roa o coração pelo lado direito. Depois traga o caroço e plante lá no nosso terreiro.

Esse coração era como uma semente.

A cotia fez o que Yoi pediu.

Ipi não sabia onde a cotia tinha plantado o caroço do coração. Começou a varrer o terreiro, procurando o lugar onde ele estava enterrado. Varreu durante dias e dias. Ele sabia que essa planta iria servir para alguma coisa. Passado um tempo, começou a nascer uma árvore de umari.

História de Tetchi arü ngu ü

Passou um ano. A árvore já estava em tempo de botar flor e fruto. Ipi cuidava muito dela, varria, capinava, deixava tudo limpo.

Um dia, Ipi foi ver e disse para Yoi:

— Veja, começou a florir o primeiro olho.

— Não se preocupe tanto com essa fruta do umari — disse Yoi.

Quando Ipi olhou outra vez, o umari já tinha nascido.

— Esse umari vai ser meu — disse ele.

— Não se preocupe tanto. Cale a boca — falou Yoi.

A primeira fruta já estava amarelando, uma só.

Ipi ficava todo tempo olhando aquele umari. Nem dormia, só olhava, olhava. Ele sempre dizia:

— Esse vai ser meu.

— Pode ficar — respondia Yoi.

Depois de vários dias esperando que o umari caísse na sua mão, Ipi começou a ter fome, sono e sede. Um dia não agüentou e disse para Yoi:

— Maninho, acho que vou caçar, porque tenho fome. Quando cair a fruta, você não pega. Deixe aí que eu volto.

Yoi estava se embalando na maqueira e de repente o umari caiu. Ipi ainda estava no mato caçando.

Quando Yoi foi ver, esse umari era uma moça. Ele foi conversar com ela. Era bonita e nova. Chamava-se Tetchi arü ngu ü, que quer dizer: “moça do umari”.

Yoi pegou a moça e levou para casa para ser sua mulher. Lá diminuiu Tetchi arü ngu ü e escondeu-a numa flauta de osso.

Quando Ipi chegou do mato já era tarde. Começou a arrumar a zarabatana e foi logo olhar o umari. Ele viu que a fruta não estava mais lá e perguntou para Yoi:

— Irmão, você viu o umari cair? Ele não está mais aqui. Não foi você que tirou?

— Eu não sei de nada. Alguém deve ter achado — respondeu o outro, tentando enganar o irmão.

Anoiteceu e Ipi não conseguia dormir. Ele sabia que o umari era uma moça e estava desconfiado que Yoi tinha guardado ela. A moça e Yoi estavam conversando e rindo. Ipi ouviu e perguntou com quem ele estava:

— É com a vassoura que eu estou rindo, não estou com sono e peguei uma vassoura — disse Yoi.

Ipi então foi pegar uma vassoura, mas a sua não ria. A moça achou graça disso e Ipi tornou a perguntar:

— Quem está aí?

— É um banco que está aqui e eu estou brincando com ele — respondeu Yoi.

Aí Ipi foi pegar um banco, mas não aconteceu nada. Ele continuou intrigado. Yoi disse outra vez que estava brincando com o quiricá. Mas Ipi experimentou e de novo não aconteceu nada. O quiricá não riu. A moça tornou a rir e Yoi também. Ipi ficou muito intrigado.

Um dia, Yoi foi caçar e Ipi ficou em casa para procurar a moça. Yoi sabia o que o irmão pensava. Ipi achou que ela ia aparecer para ele. Esperou e nada. Resolveu fazer alguma coisa para atrair Tetchi arü ngu ü. Trouxe peixinhos lá do porto e botou-os no forno quente. Os peixinhos pulavam e ele dizia:

— Tchautaracunhe, tchautaracunhe, tchautaracunhe!

A mulher de Yoi achou graça e Ipi ouviu sua risada, mas não a encontrou. Ele repetiu essa brincadeira por quatro vezes, assando mais peixinhos, mas não encontrava a moça. Desconfiou que ela deveria estar na flauta. Procurou por duas vezes. Na segunda vez, encontrou a flauta e a sacudiu até que Tetchi arü ngu ü saiu. Logo Ipi beijou a moça e habitou com ela. Na mesma hora sua barriga encheu. Ipi tentou diminuir a moça para colocá-la dentro da flauta, mas não deu, porque ela já estava barriguda. Aí, ele ficou com medo do irmão, que já estava para chegar. Resolveu sair de casa para encontrar Yoi. No caminho, viu a fruta de paxiúba e pegou o pó para encher a sua pica. E pensou: "Agora Yoi não vai saber que habitei com a mulher dele".

Quando eles se encontraram, Ipi disse:

— Irmão, irmão, irmão. Olhe minha pica, está bem cheinha!

De repente, o pó da fruta de paxiúba caiu. Yoi não gostou disso e falou:

— Olhe, você está doido mesmo.

— Mas, maninho, eu não fiz nada para sua mulher.

Yoi ficou zangado com essa história, porque já sabia o que o irmão tinha feito.

Quando chegaram em casa, Yoi viu a mulher já barriguda. Ipi ficou com vergonha e perguntou:

— O que vamos fazer agora? Sua mulher já está barriguda.

— Eu não sei, agora é você quem sabe.

Quando estava quase na hora de nascer a criança, Ipi quis saber o que fazer. E Yoi falou:

— Agora você é quem sabe. Vá apanhar fruta de jenipapo e depois rale e pinte seu filho. Se o filho fosse meu, não seria assim. Tetchi arü ngu ü não iria sofrer tanto, não derramaria tanto sangue, não doeria. Mas você é doido, por isso nosso povo vai sofrer dor. Agora vai ser tudo diferente.

Aí o menino nasceu. Ipi foi procurar jenipapo para pintar o corpo da criança.

Para castigar o irmão, Yoi mandou os jenipapos para longe. Ipi andou muito e sua mulher ficou em casa passando fome. Yoi não lhe deu nada para comer e beber. Quando Ipi chegou sem as frutas, perguntou a Yoi onde encontrá-las:

— Vá lá na nossa capoeira que tem muito — disse Yoi.

Mas Ipi encontrou só árvore sem fruta. Quando contou isso para o irmão, este mandou Ipi voltar e subir na árvore bem no alto. Subiu, mas só viu dois frutos. Perguntou a Yoi:

— Chega esses?

— Quantas vezes você fica me perguntando coisas? Não lhe disse que o filho não é meu? Vá lá e pegue uma fruta só — respondeu Yoi.

Mas toda vez que Ipi tentava alcançar a fruta, Yoi fazia a árvore crescer mais e mais. Cresceu até passar das nuvens e ele subindo atrás. O pé de jenipapo quase que chega na outra terra, no outro mundo.

Para impedir que Ipi subisse, Yoi mandou crescer uma orelha-de-pau ao redor do tronco. Aí Ipi resolveu se transformar em formiga para poder passar pela orelha-de-pau. Conseguiu passar e lá em cima ele enxergou o rio e viu os Cambewa (Awane). E disse para Yoi:

— Meu irmão, no rio tem muito Awane. É bom a gente ter cuidado com eles.

Finalmente, Ipi conseguiu pegar o jenipapo.

Yoi não gostou do que Ipi tinha falado e fez crescer a orelha-de-pau outra vez.

Ipi ficou pensando o que fazer: “Vou virar uma tucandeira para descer e também vou diminuir esse jenipapo”. Pegou o jenipapo na boca e desceu. Lá embaixo se transformou em gente de novo.

Yoi queria castigar o irmão e pensou que ele não ia conseguir trazer a fruta. Mas, chegando em casa, Ipi disse:

— Eu sou homem mesmo, porque agüentei esse trabalho todo. Sou homem corajoso.

Ipi, então, quis saber onde ralar o jenipapo.

— Eu não sei, você é quem sabe.

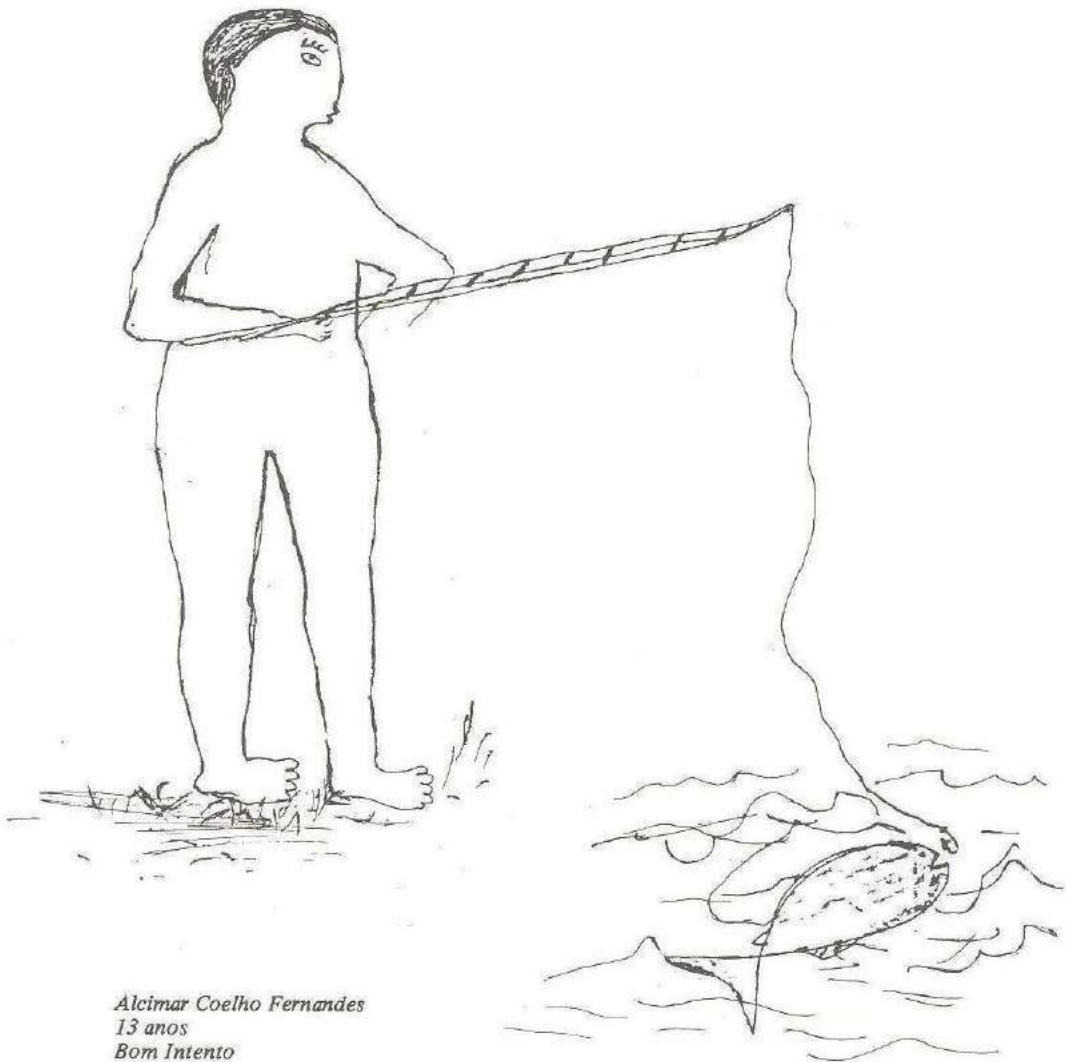
Mas mandou Ipi buscar folha de *ngu* para ralar o jenipapo em cima dela. Três vezes Ipi perguntou se precisava ralar mais. Yoi respondia sempre que sim. Na quarta vez, ele já estava ralando o braço dele mesmo. O jenipapo tinha acabado. Aí perguntou para Yoi:

— Irmão, irmão, onde eu vou parar?

— Ainda tem. Pode ralar com força — disse Yoi.

Então Ipi gritou de dor e ralou todo seu corpo. Aí, Yoi mandou Tetchi arü ngu ü preparar a massa do jenipapo e botar no *bure* (cesto), sem perder nem um pedacinho. Com esse jenipapo ela pintou o filho e depois foi até o porto para jogar a borra na água.

— Tudo isso é pedaço do Ipi que você jogou na água — disse Yoi para a mulher.



Alcimar Coelho Fernandes
13 anos
Bom Intento

O povo pescado por Yoi

Tetchi arü ngu ü jogou a borra do jenipapo no igarapé Evare. Depois essa borra apareceu transformada em piracema. Yoi tinha feito um cercado no igarapé, para esperar a piracema. Ele sabia que Ipi iria aparecer também e queria pescá-lo. E ficava todos os dias sentado no porto à espera do Ipi. Em casa, Tetchi arü ngu ü sempre se lamentava com seu filho:

— Tenho muita saudade de seu tio Ipi. Quando ele estava vivo nada nos faltava. Sempre tinha comida em casa. Yoi nunca traz nada para a gente comer.

Yoi, quando ia para casa, se disfarçava, ficava bem pequeno e por isso escutava tudo o que a mulher dizia. Então, resolveu perguntar a ela:

— Você tem muita saudade de Ipi? Você estava falando o nome dele.

— Eu não falei o nome de Ipi. Falei que queria cantar o seu nome, Yoi — disse Tetchi arü ngu ü.

— Nada, você falou o nome do Ipi — continuou Yoi — Se você falou mesmo o nome dele, amanhã nós vamos pegar uma vara de anzol para pescá-lo.

No dia seguinte, foi até o igarapé para ver se os peixinhos já tinham aparecido. Viu muitos peixes. Tetchi arü ngu ü também estava ali.

Yoi queria pescar aqueles peixes para que eles se transformassem em gente. Queria pescar o seu povo. Foi então buscar uma fruta de tucumã para usar como isca. Mas com a fruta de tucumã ele não conseguiu pescar gente. Os peixes se transformavam em animais. Pegou queixada, porco do mato, todos com seu par, sempre macho e fêmea. Vieram muitos animais. Então Yoi pensou que para pescar gente ele precisaria arranjar uma outra isca. Aí experimentou com macaxeira e os peixes que saíam logo se transformavam em gente. Assim pescou muita, muita gente.

Seu irmão, porém, não apareceu entre esse pessoal.

Foi então que ele viu um peixinho com uma mancha de ouro no nariz. Sabia que aquele era Ipi. Tentou pescá-lo, mas Ipi não pegava sua isca. Aí disse Yoi para Tetchi arü ngu ü:

— Tome o anzol. Venha pegar o seu macho.

Antes de Tetchi arü ngu ü encostar o anzol na água, o peixinho pulou e pegou a isca. Saltou para terra e virou gente. Era Ipi. Ele falou:

— Lá embaixo de onde eu venho tem muita mina, muito ouro. Eu quero voltar para lá.

— Está bem, mas agora você vai pescar o seu povo — disse Yoi.

Ipi pescou muita gente, mas eram todos peruanos.

E aqueles que Yoi tinha pescado eram os Ticuna mesmo. Eram o povo Magüta.

Do resto da borra do jenipapo, Yoi pescou os negros.

Depois da pescaria estavam todos juntos.

Yoi, então, resolveu virar o mundo, porque ele queria ficar para baixo, para o lado em que o sol nasce.

Ipi não viu a hora em que o irmão fez essa virada. Se foi, pensando que seguia para baixo. Quando viu que estava no lado de cima, já não podia mais voltar.

Eles só foram embora mesmo depois da festa.

O pessoal da festa disse:

— Agora já não tem mais Yoi nem Ipi no Evare.

Um dia, Yoi pensou como poderia fazer para que cada pessoa tivesse sua nação. Até aquele dia só existia uma única nação e as pessoas não podiam se casar entre elas. Ele já sabia como deveria fazer, mas perguntou a Ipi. Ipi também já sabia e logo foi dizendo:

— Então, meu irmão, vamos matar uma jacarerana para conhecer a nação do pessoal?

Florinda Manoel Ramos, Tchitanena
22 anos
Campo Alegre



Yoi concordou e eles logo acharam e mataram uma jacarerana. Cortaram o animal em pedacinhos e colocaram num pote bem grande para ferver. Quando já estava cozido, chamaram o pessoal para beber.

Numa colher de pau, Yoi dava a cada pessoa um pouco daquele caldo. Os primeiros que tomaram receberam a nação de onça.

Cada pessoa que bebia ia embora, ficava longe dos outros.

Depois da nação de onça, veio a de saúba.

O pessoal bebia e logo sabia sua nação.

— Ah! Esse caldo está azedo, é da nação de mutum — falou uma das pessoas.

Beberam até que se criaram todas as nações que existem hoje.

HISTÓRIA DO MATCHI'I

No tempo de Magüta ninguém podia falar com o irmão, ou com a irmã. Matchi'i aparecia, ferrava e matava as pessoas que faziam isso. Matchi'i é uma caba, mas é encantada, também pode ser gente. Ele é muito perigoso. Nessa época de Magüta, o igarapé era cercado. Mas, certa vez, ele começou a aparecer aberto.

Um dia, Yoi e Ipi escutaram a voz do pássaro Pupunari: pu, pu, pu. A voz vinha lá do cercado. Ipi falou:

— Irmão, irmão, vamos ver aquele pássaro que está gritando pra lá.

Foram e o pássaro estava lá, num canto, do lado de fora da cerca. Este pássaro andava de canoa, mas ninguém via a canoa: ela era invisível.

Ele sempre abria o cercado para passar, mas passava escondido, ninguém sabia.

Quando viram o pássaro, Ipi falou:

— É aquele pássaro que abre nosso cercado. Vamos pegá-lo para matar.

— Não fale assim! Você está falando coisa errada — disse Yoi. Ele não queria matar o pássaro.

Aí Pupunari falou:

— Por que vocês estão querendo me matar? É aquele seu inimigo que está falando de vocês. É o Matchi'i. Por que vocês não o matam? Prestem atenção, escutem ele cantando.

Matchi'i ficava todo o tempo cantando, falando mal de Yoi e Ipi, de Aicüna e Mowatcha. Mas Yoi não conseguia ouvir o canto de Matchi'i.

Então, o Pupunari saiu da canoa e foi para a terra. Lá olhou os ouvidos de Yoi e Ipi. Viu que os ouvidos dos dois irmãos estavam cheios, com muitas penas de gavião real como se fossem algodão. Pupunari falou:

— Fechem os olhos e só abram quando eu limpar bem os seus ouvidos. Aí vocês vão ouvir o canto de Matchi'i.

Quando os ouvidos ficaram limpinhos, Yoi e Ipi viram que era verdade.

Eles escutaram Matchi'i cantando e falando de Aicüna, a irmã de Ipi. Ele cantava e batia num pau: tü, tü, tü, tü.

Aí Pupunari falou:

— Agora, meus netos, vamos subir lá com ele.

Yoi e Ipi se transformaram em passarinhos para poderem voar até Matchi'i.

Quando chegaram lá, caiu uma chuva bem forte. Matchi'i viu aquela vovó Pupunari e falou com ela:

— Vovó, eu sei que esses dois passarinhos são Yoi e Ipi.

Aí Pupunari disse:

— Não, estes não são Yoi e Ipi. São só os filhos da pomba que eu trouxe comigo.

Matchi'i não quis receber os dois porque sabia que eram Yoi e Ipi. Então

Pupunari pegou os passarinhos e os colocou dentro de uma panelinha, em cima do fogo, porque eles estavam com frio. Tinham pegado muita chuva até chegarem na casa do Matchi'i.

Matchi'i repetiu:

— Eles não são passarinhos. Eles são Yoi e Ipi.

Foi então para um outro canto trabalhar, fazer comida. Ele batia numa árvore, ambaúba, para as folhas caírem.

Ele falava cantando:

— Podem cair, podem cair!

E as folhas caíam. Ele pegava as folhas e amassava para fazer sua comida.



*Lucila Pedro Coelho
8 anos
Bom Intento*

Não ligou mais para a vovó Pupunari e seus passarinhos.

Passou um dia e na outra manhã Matchi'i começou a trabalhar novamente. Então falava, sempre cantando:

— Cai, folha de ambaúba! Cai, folha de ambaúba! Vem pra cá.

Mas desta vez as folhas não caíram porque Yoi e Ipi não deixaram.

Matchi'i precisava muito dessas folhas, porque eram a sua comida.

Resolveu subir na árvore para alcançar as folhas, mas não conseguiu. Por isso ficou com muita fome. Quando já estava quase morrendo, começou a pensar o que poderia fazer: "Ah! que bom se tivesse um abiu lá no meu terreiro para eu comer!"

Aí ele foi no seu terreiro e viu um abiu bem madurinho. Estava bem baixinho. Quando ele foi pegar, o abiu começou a subir e subir e Matchi'i não conseguiu alcançar. Então voltou para dentro de casa. De lá olhou para o terreiro e outra vez viu o abiu baixinho. Matchi'i voltou. Quando pegou, o abiu se transformou numa casa de cabas. Essas cabas ferraram todo Matchi'i e ele saiu correndo. Ele caía, ficava se virando, querendo fugir, mas as cabas não deixavam. Quando ele já estava muito cansado, caído, vieram Yoi e Ipi e mataram esse Matchi'i. Eles se transformaram de novo em gente, fizeram um fogo e queimaram o Matchi'i. Aí ele terminou.

HISTÓRIA DO UCAE

Os dois irmãos Yoi e Ipi foram caçar. Quando chegaram no mato, encontraram a armadilha que Ucae tinha feito para pegar cotia. Ipi chutou a armadilha e falou com raiva:

— Quem meteu isso aqui?

Quando chutou, a corda da armadilha prendeu no seu pescoço e ele se transformou num veado e morreu.

Yoi deixou o irmão por lá e falou:

— Assim você aprende!

E voltou para casa.

Ucae veio olhar sua armadilha e viu que já tinha um veado dependurado. Aí gritou:

— Olha, peguei um veado!

Ucae pegou o veado, mas não conseguiu tirar a corda do pescoço dele.

Aí resolveu procurar uma envira para carregar o veado. Quando tentou puxar o matamatá fez errado, pois puxou de baixo para cima. Os galhos da árvore se mexiam, se abriam, e a envira enroscava neles. Estava difícil de tirar.

— Vou fazer bastante força para ver se arranco essa corda — falou Ucae. A envira saiu. Mas nessa hora o veado ressuscitou e saiu correndo. Ucae ainda saiu atrás, mas o veado desapareceu ligeiro.

No outro dia, Yoi e Ipi foram de novo caçar e encontraram aquela mesma armadilha no caminho.

Ipi reclamou:

— Pôxa, quem foi doido de colocar esta armadilha bem aqui?

Aí Ipi virou a bunda e deu um peido na armadilha. E a corda outra vez prendeu no seu pescoço e ele virou um veado e ficou preso. Yoi deixou ele lá e voltou para casa.

Ucae veio ver sua armadilha. Desta vez trouxe um cacete para bater no veado. Quando bateu, o veado se transformou numa folha de patauá e ficou parecendo um aturá. Logo depois tornou a ficar veado e correu. Na terceira vez que Yoi e Ipi saíram para caçar, Ucae pegou o veado novamente. Matou e carregou para casa.

Na casa de Ucae moravam dois bichos: Deatchametü (“cara amarela”) e Ngetacatchi. Ucae começou a tratar o veado. Tirou o bucho e cortou tudo em pedacinhos. Começou a comer.

Aí Ucae falou com Deatchametü:

— Vamos comer.

— Não quero comer porque tenho medo do irmão dele. Ele pode estar por aí — respondeu o bicho.

Depois Ucae perguntou para Ngetacatchi:

— Por que você não come?

— Não quero comer porque tenho medo do Yatatchiwe, irmão deste veado. Ele pode estar por aí mesmo — disse o bicho. Além de Ngetacatchi e de Deatchametü, outros bichos moravam na casa de Ucae. Esse bichos comeram um pouco do veado, mas pegaram só os intestinos. Ucae ficou com o resto da carne. Enquanto ele estava preparando esta carne, Yoi ficou bem atrás dele. Bateu com um pau nas costas de Ucae e o matou.

Os bichos estavam todos lá fora, não viram Yoi fazer isso. Eles pensavam que Ucae não aparecia porque estava no mato tirando olho de paxiúba. Mas quando se deram conta de que Ucae tinha morrido, fugiram espantados.

Yoi juntou a carne do veado, mais os intestinos, e fez o Ipi viver de novo.

— Irmão, irmão, você me acordou! Eu estava dormindo! — exclamou Ipi. Yoi e Ipi voltaram para o lugar onde moravam.

Um dia, Ipi escutou uma flauta, mas não sabia quem tocava. Yoi escutou também e logo soube que era o tatu-canastra.

Ipi falou:

— Vou fazer uma armadilha para pegar esta vovó tatu-canastra.

Foi na direção daquela voz e encontrou o caminho do tatu-canastra.

Pegou patauá e fez uma armadilha. Mas não conseguiu pegar o tatu.

Aí o tatu-canastra cantou com a flauta:

— Você tem de fazer armadilha com tronco de anajá! Só com esse eu posso morrer!

Ipi então derrubou esse pau e colocou no caminho do tatu.

De noite escutaram um barulho: tcheruru! O pau caiu sobre o tatu.

Ipi foi ver e ele estava morto.

Começou a partir o tatu e viu que ele tinha muita banha. Foram fazer moqueado. A banha pingava no fogo e o fogo ficou bem alto.

— Irmão, irmão, será que eu vou me queimar? — disse Ipi para Yoi.

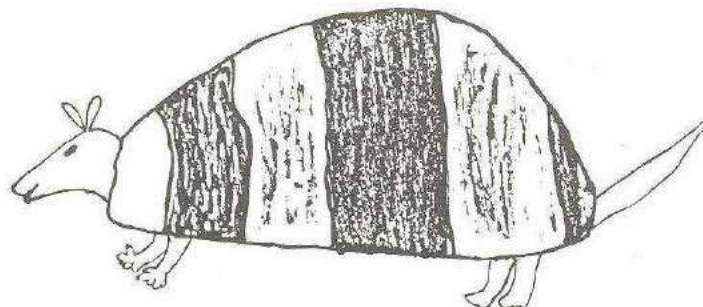
Quando falou assim, o moqueado queimou todo e Ipi se queimou junto, até acabar.

Só ficou a cinza. Então Yoi chutou aquele lugar e Ipi ressuscitou novamente.

Esta foi a quarta vez que o Ipi morreu.

Aqui acaba a história do Ucae.

Erigueta Firmino, Tchotchiana
15 anos
Campo Alegre



HISTÓRIA DO MOE

Um dia Moe foi caçar. Quando chegou no mato ouviu uma voz. Era voz do pinica-pau. Aí pensou: “Era bom que esse pássaro se transformasse em gente e falasse comigo”.

De repente, o passarinho apareceu em forma de moça. E perguntou:

— O que você quer? Por que me chamou?

— Eu quero me casar com você — respondeu Moe.

Ela achou bom e já ficou com ele. Quando chegaram na casa de Moe, a mãe dele perguntou:

— De onde vem essa minha nora?

Moe respondeu:

— Trouxe lá do mato.

No outro dia de manhã, a mãe de Moe falou:

— O pé dela é chato.

A moça ouviu e não gostou. Foi embora.

Sempre que Moe saía para caçar, ele passava por um buraco que era o buraco do sapo. Lá ele mijava. E num certo dia, quando ele estava mijando, o sapo se transformou numa moça. A moça já estava barriguda.

Moe levou a moça para casa e lá a mãe dele perguntou:

— Onde foi que você se casou outra vez?

— Eu casei por aí. — respondeu Moe.

Moe nunca explicava bem.

Num outro dia, a mãe falou:

— Essa minha nora é muito bonita, por isso eu gosto dela. As pernas dela são bonitas!

Moe saiu para caçar e na volta trouxe um passarinho para sua mulher preparar. Ela trabalhou e moqueou, mas quando a sogra chamou-a para comer, ela não quis. Aí a sogra pensou: “Por que será que a minha nora não quer comer?”. Misturou o beiju com tucupi e botou pimenta. Muita pimenta.

De tarde, ela chamou de novo a nora para comer. Mas ela repetiu que não queria comer o moqueado. Ela queria comer o beiju. Quando provou o beiju, comeu também a pimenta e gritando muito fugiu para o rio. Pulou na água e se transformou novamente num sapo.

O rato, que cuidava do filho desta mulher, ficou em casa com a criança.

Aí o sapo lá no rio falou:

— Rato, rato! Pode trazer o meu filho!

O rato levou o menino para o sapo e voltou para casa. E depois deste dia, ninguém viu mais essa mulher.

Outra vez Moe foi no mato e viu uma lombriga andando na terra. Aí ouviu uma voz:

— Tchutchá, tchutchá.

Era a voz da lombriga.

E Moe pensou: “Ah! Se você pudesse virar gente...”. A lombriga, então se transformou numa moça bonita. Moe levou essa moça para casa e lá a mãe dele falou:

— De onde você trouxe essa moça?

— Eu trouxe de lá — respondeu Moe.

Desta vez também não explicou bem.

A mãe falou:

— Por que casou de novo? Você é bonito, por isso toda moça quer casar com você.

Depois de uns dias, a sogra mandou que ela fosse capinar a roça. Lá, a moça se transformou em lombriga de novo e fez o seu trabalho. Quando a sogra foi até a roça não viu a nora, mas de tarde a moça chegou em casa em forma de gente.

No outro dia, aconteceu a mesma coisa. Quando a sogra chegou na roça, só estava a enxada e o lugar estava bem capinado.

Para experimentar, resolveu pegar a enxada e capinar um pouco. Aí a enxada cortou a boca da lombriga. Neste dia, a moça só voltou mais tarde e lá do terreiro pediu para o rato:

— Rato, rato, rato. Pode trazer o meu filho para eu dar de mamar para ele?

Mas a voz dela não saía bem, porque sua boca estava cortada. Aí foi embora com o filho e nunca mais voltou.

Outra vez Moe saiu e no caminho viu um maracanã. E falou:

— Ah! Se você virasse gente para casar comigo! Você sabe fazer chicha sem usar muito milho. Só com uma espiga enche uma igaçaba.

Aí, o maracanã virou moça e ele a levou para casa.

Depois de uns dias, antes de sair para o trabalho, a sogra falou com a moça.

— Minha nora, agora você vai fazer bebida. Está lá o milho.

Quase de noite a sogra voltou. Estava escuro dentro da casa, ela não viu o milho e pisou nele. Escorregou e caiu.

— Essa minha nora é preguiçosa. Está aí o monte de milho e ela nem mexeu! — reclamou a mulher.

Mas a moça já tinha feito a bebida com uma espiga só e não gostou da sogra ter reclamado. Por isso, transformou-se de novo em maracanã. Saiu de casa e se sentou lá num galho.

Quando a sogra viu duas igaçabas cheias de bebida, falou:

— Volte, minha nora! O seu trabalho foi bom!

Aí o maracanã cantava:

— Só você que vai tomar! Só você que vai tomar!

E depois falou para Moe, cantando:

— Agora, eu vou embora. Se tiver saudade de mim, você vai precisar fazer uma canoa para me encontrar. Para fazer a canoa, você tem que procurar o pau *arupane*.

Moe por muito tempo procurou esse pau, até que achou na beira do

igarapé. Começou a derrubar. Cada lasca que caía se transformava num peixe. Moe trabalhava todo dia naquela canoa. O cunhado dele ficou curioso para saber o que Moe fazia. Ele não contava nada. Aí, o cunhado resolveu se esconder atrás de uma árvore e viu que Moe estava fazendo uma canoa.

Moe sempre voltava pra casa trazendo muitos peixes. E o cunhado ficou pensando como ele conseguia aquilo. Moe não levava nem arpão, nem anzol, nem flecha para pescar. Novamente esse cunhado foi atrás para ver o que estava acontecendo. Mas quando olhou, os pedacinhos de pau não mais se transformaram em peixes. Então, ele não descobriu nada.

Moe quando viu o cunhado escondido, espiando o que ele estava fazendo, resolveu lhe dar um castigo. Chamou o cunhado para lhe ajudar e virou a canoa em cima dele. O cunhado começou a gritar:

— Moe, Moe, me tire daqui!

— Não vou tirar. Agora você vai aguentar o castigo — respondeu Moe.

O cunhado pediu de novo para sair, mas Moe não deixou. O cunhado então se transformou em cobra grande. E gritou lá de dentro:

— Wô, wô, wô.

Estava preso.



Sildo Guedes do Carmo
16 anos
Belém do Solimões

Aí Moe falou para sua mãe:

— Se você tiver saudade de mim, pode se encontrar comigo.

Ele contou que ia ou para o Parü ou para o Cuyaru.

Moe saiu com sua canoa. Construiu um mastro e ficou lá em cima transformado num passarinho, *munane*. Fez isso, porque Yewae estava dentro de sua canoa.

Foram com a canoa até o lago Cuyaru. Yewae fazia a canoa andar como se ele fosse um motor. Lá, a canoa se transformou de novo num pau, numa árvore. Dessa árvore saía muito peixe. Por isso no lago Cuyaru nunca faltou peixe.

Depois Moe seguiu para o Parü e lá virou passarinho e sentou no ombro de sua mulher.

Um dia Moe casou de novo. Sua mulher se chamava Paicüre. Ela era gente e era bicho.

Paicüre sempre se dividia ao meio para poder pegar os peixes. Não tinha anzol, arpão, nem feclha. Ficava lá no igarapé, o corpo dentro da água e as pernas fora, na beira.

O corpo ficava assim partido e saía sangue. Por isso os peixes vinham e comiam a carne e tomavam o sangue de Paicüre. Enquanto comiam o corpo dela, ela aproveitava, pegava esses peixes e levava para casa. Mas Paicüre tinha nojo de dar esses peixes para o marido comer.

Amacü, irmão de Moe, ficava pensando como Paicüre fazia para conseguir tanto peixe. Um dia, ele foi atrás e ficou espiando. Viu Paicüre partida ao meio, com a cabeça e o bucho na água. Ela pegava muitos peixes. Jogava uns na beira e outros comia lá mesmo. O cunhado ficou espantado e foi contar para o irmão, que estava fazendo uma canoa.

Falou:

— Sua mulher não é gente. Um pedaço dela estava na água e outro na terra.

Moe foi até lá e resolveu tirar a espinha da parte do corpo que estava em terra. Quando a parte de cima de Paicüre saiu da água, não conseguiu mais se grudar no pedaço de baixo. Então, essa parte de baixo se transformou em veado e fugiu correndo. A parte de cima ficou lá mesmo, viva. Depois de ter visto tudo isso, Moe voltou para casa.

Mais tarde, o pedaço de cima de Paicüre foi pulando como um sapo até perto da casa. Sentou numa árvore para esperar Moe e gritou:

— Moe, pode vir me buscar aqui. Já está escuro e eu não posso andar até em casa.

Moe pegou uma tocha de fogo (*tchare*) e foi até lá. Quando Moe passou debaixo da árvore onde Paicüre estava escondida, ela pulou em suas costas e grudou. Ficou assim grudada. Moe sempre a carregava por onde ia.

Um dia, Moe foi para perto de uma árvore chamada *gotüne*. Ficou andando em volta dela para que as pernas de Paicüre se formassem de novo. Mas o irmão dele foi espiar e na mesma hora as pernas pararam de crescer. Só quando o cunhado de Paicüre foi embora é que as pernas acabaram de se formar.

Mesmo assim, a mulher continuava grudada em Moe. As costas dele já estavam sujas com a merda da mulher. Ele não aguentava mais carregá-la. Aí, Moe pulou na água e afundou para ver se Paicüre saía, mas não adiantou. Voltou para terra. Ele então se transformou numa onça e correu, correu. O corpo de Paicüre batia nas árvores, mas não caía. Ainda como onça, Moe pulou de novo na água. Lá no fundo, Paicüre batia nos paus, mas se aguentava ali. Moe foi para a terra e voltou a ser gente. Ele estava triste. Já fazia muito tempo que carregava Paicüre.



Anísio da Silva, *Mepicü*
13 anos
Belém do Solimões

Quando chegou em casa, o irmão lhe deu um dente de piranha e falou: Vá lá no fundo do igarapé e meta esse dente na cara de Paicüre. Por duas vezes ele meteu o dente na cara de Paicüre. Ela pensou que fosse piranha mesmo. Mas só na segunda vez, ela desgrudou das costas de Moe e ficou na terra para fugir das piranhas. Moe foi buscar peixe para Paicüre e na volta lhe disse: — Agora, eu vou lá no fundo, vou demorar mais. Aí Moe pulou na água e foi sair bem longe. Voltou para casa. Paicüre ficou lá onde estava. Depois de um tempo, ela subiu numa árvore e esperou Moe. Um dia, Moe voltou para ver Paicüre e ela estava transformada em ovo de passarinho. Numa outra vez que foi olhar ela já era um papagaio, *powarü*. Estava num ninho, bem branquinho como algodão. Depois de um tempo, Moe chegou lá e o papagaio já tinha crescido. Tinha pena verde e amarela. Numa última vez, Moe voltou e viu o papagaio voando.

HISTÓRIA DO METARE

Tinha um homem que também era bicho. Chamava-se Witchicü. Ele matava todos os homens que se casavam com sua filha. Matou cinco genros.

Um deles Witchicü chamou para comer beiju que a filha tinha feito. Mas antes do genro comer, Witchicü mandou ele pegar uma corda e subir numa árvore de bacaba. Witchicü disse para ele levar a corda enrolada no pescoço. Quando o genro estava lá em cima, ele puxou a corda. O genro caiu e morreu. Ali mesmo Witchicü comeu o genro com beiju.

O último genro de Witchicü chamava-se Metare.

Metare pensou: “Agora é minha vez. Eu vou me casar com a filha de Witchicü”.

Foi falar com o sogro:

— Quero casar com sua filha.

— Está aqui minha filha, quem quiser pode se casar com ela — respondeu Witchicü.

Metare se casou e Witchicü logo mandou que a filha fizesse pamonha. E chamou o genro para ir no mato pegar bacaba. Chegando lá, Witchicü mandou o genro tirar cipó. Falou que não fosse para o outro lado, porque ali tinha muitas formigas de fogo. Metare, enganando o sogro, deu a volta e foi para esse lado proibido. Quando chegou, viu os ossos dos outros genros que Witchicü tinha comido.

Ele voltou e Witchicü mandou que prendesse o cipó no pescoço para pegar a fruta. Metare, porém, só colocou o cipó nos ombros. Witchicü viu e mandou novamente pôr no pescoço. Então Metare se transformou num japó e cantou:

— Tu `ê, tu `ê, tu `ê!

Ficou sentado num galho de árvore.

Witchicü pensou: “Perdi minha comida. O que vou comer com a pamonha agora?”.

Aí o japó cantou:

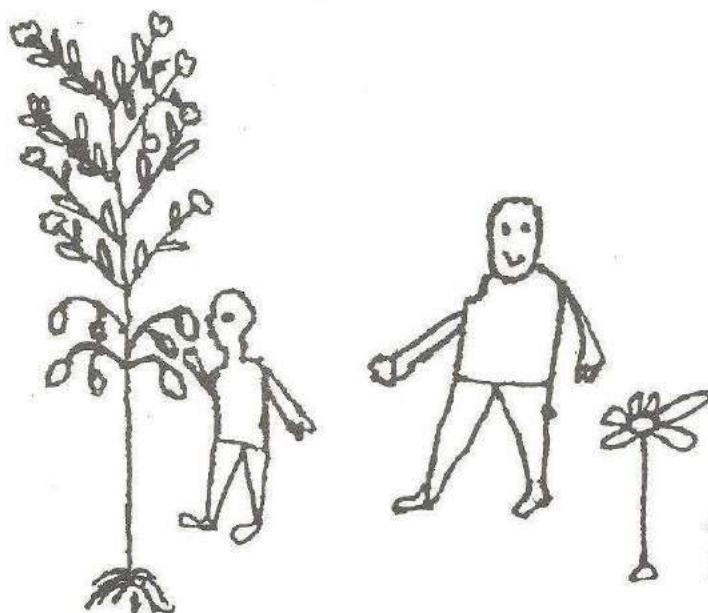
— *Bururu, türürü, nügü na ngêcü'ü nügü nangê cü-ü.*

Quando ouviu o canto, Witchicü comeu a carne de uma de suas pernas. Ele não percebeu que estava comendo o seu próprio corpo. O japó cantou de novo e Witchicü comeu a outra perna. Na terceira vez, comeu a parte de cima da perna. Na vez seguinte, comeu o resto da outra perna. Depois comeu sua barriga. Na última vez que o japó cantou, Witchicü comeu seus braços. Ficou só com os ossos, a cabeça e o coração. Mas estava vivo ainda.

Aí o japó jogou fogo em cima de Witchicü e acabou tudo.

WÛCÛTCHA

WÛcÛtcha sempre levava ovos de tartaruga para sua avó. Depois esses ovos se transformavam em crianças. Para fazer isso, WÛcÛtcha matava o pai e a mãe das crianças. Ele matava a mãe ainda grávida e tirava a criança. Essa criança depois se transformava em ovo de tartaruga. Um dia WÛcÛtcha levou sete ovos para sua avó. Dos ovos saíram quatro meninos e três meninas. Quando cresceram, as crianças falaram: — Agora nós vamos matar a vovó do WÛcÛtcha, porque ele matou nossos pais.



*Edilberto Severiano
10 anos
Belém do Solimões*

Mataram a avó e separaram o corpo da velha em pedaços. Aí jogaram os pedaços pelo caminho onde WÛcÛtcha passava.

Depois disso, as crianças se transformaram em passarinhos e ficaram num galho de árvore esperando WÛcÛtcha.

Quando voltou da caça, WÛcÛtcha não encontrou sua avó e foi procurá-la. Ele gritou:

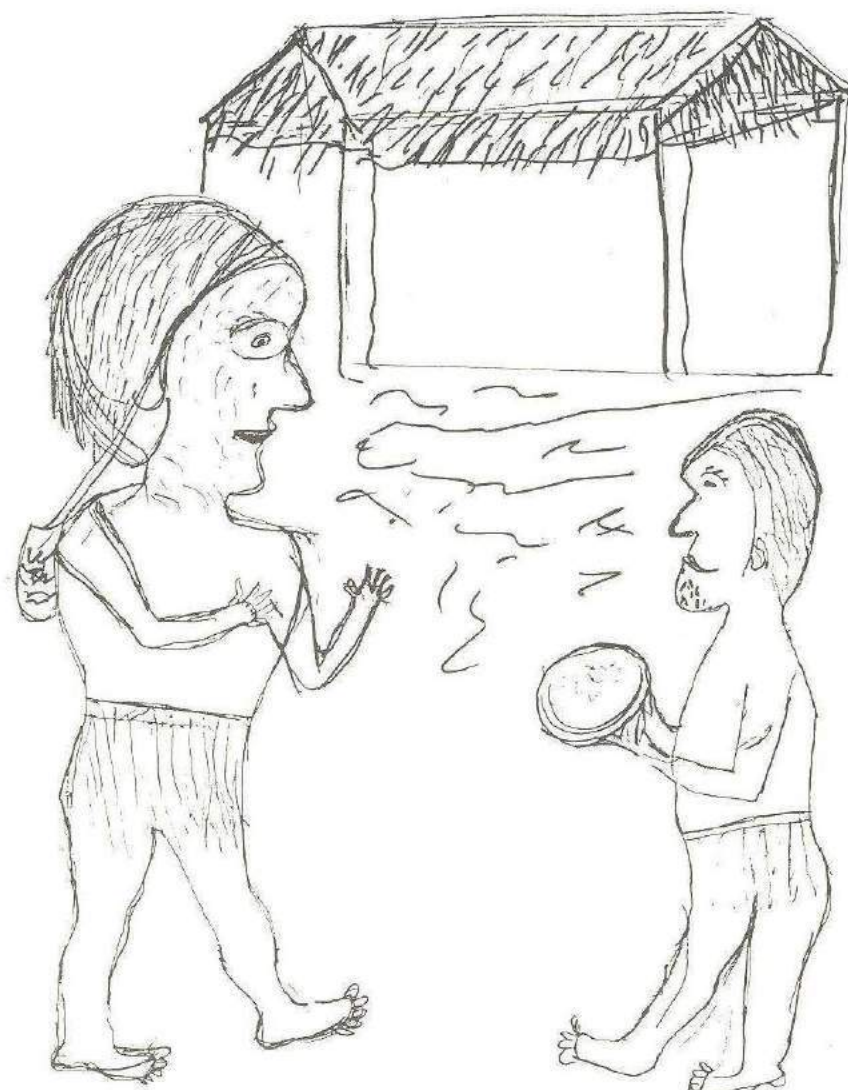
— Êi, vovó! Onde você está?

E os pedaços que estavam espalhados pelo caminho responderam:

— Eh! Eh!

WÛcÛtcha procurou e não viu nada. Só ouvia a voz.

Por duas vezes ele voltou no lugar de onde vinha a voz, mas nada viu. Na



Adércio Custódio, Meta'nucü
46 anos
Campo Alegre

terceira vez, ele ouviu o canto dos sete passarinhos:

— Agora você está pagando pelo que fez, Wüçütcha! Está pagando pela morte de nossos pais e de nossas mães!

Aí Wüçütcha se espantou e disse:

— Ah! Minha vovó já morreu.

Depois pensou: “Foram essas crianças que mataram a vovó”.

Foi em casa, pegou sua zarabatana e pensou: “Vou matar tudinho...”

Começou a flechar, mas não acertava. Ficou fazendo mais flechas o dia inteiro. E continuou a flechar. Mas não acertava nunca. Durante cinco dias ele fez flechinhas para pegar os passarinhos.

Wüçütcha não queria mais comer. Estava muito fraco. Quase morrendo.

Na sua casa tinha um caititu morto e ele deixou apodrecer. Não tinha mais forças para comer.

Enquanto isso, os passarinhos tinham virado gente de novo. Mas cresceram, ficaram moços. Aí mataram Wücütcha e tiraram os ossos de seu braço direito. Pegaram os ossos e foram para a beira do rio. Chegando lá viram um jacaré muito grande.

O rio estava muito cheio e os sete irmãos não conseguiam atravessar porque não tinham canoa.

Um deles falou:

— Tenham cuidado, não podemos falar mal do jacaré porque ele é gente também. Vamos ver se ele dá uma carona para nós.

— Vovô jacaré, venha cá!

— Está bem — disse o jacaré.

Ele parecia um navio. Chegou mais perto e se encostou na beira.

— Vovô jacaré, será que pode nos levar lá para o outro lado? — perguntaram os sete irmãos.

— Posso, meus netos. Podem embarcar.

Embarcaram. Quando chegou no meio do rio, o jacaré peidou e perguntou:

— Será que está podre o meu peido?

— Não! Tá cheiroso — responderam.

Mais pra frente peidou de novo. Fez a mesma pergunta e os irmãos responderam a mesma coisa.

Quando já estavam quase chegando, um dos irmãos perguntou para o outro:

— No que você vai se transformar?

— Vou ser um beija-flor, *moü* — respondeu um dos dois homens.

Em seguida, o outro homem também respondeu:

— Vou me transformar num gavião, *tetenü*.

As três mulheres, por sua vez, falaram:

— Eu em pássaro *purünü*.

— Eu, em inambu, *nguga*.

— Eu, em pássaro *munanë*.

Os dois homens que sobraram não disseram o nome.

Quando já estavam quase na beira, o jacaré tornou a peidar e perguntou sobre o cheiro. Eles então responderam:

— Agora está podre.

O jacaré com isso virou o corpo e foi para o fundo do rio. Mas todos já tinham se transformado em pássaros e voaram.

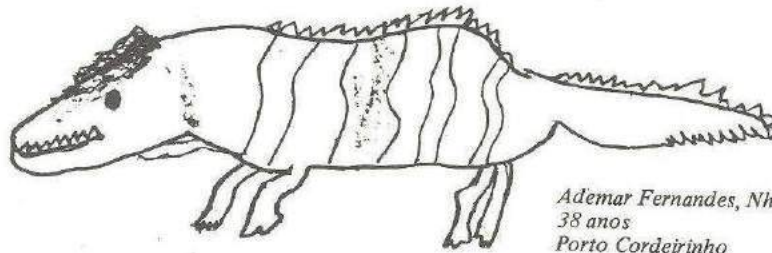
Só a *purünü* caiu na água. Não conseguiu voar. O jacaré pegou-a e engoliu.

Então um dos irmãos falou:

— Como vamos tirar a *purünü* de dentro do jacaré?

— Vamos convidar o Cawa para chupar a água e secar o rio. Assim podemos ver por onde anda o jacaré.

O Cawa veio e chupou, chupou. Secou tudo.
Aí eles foram procurar a irmã que estava na boca do jacaré. Mataram o animal e pegaram a irmã. Aproveitaram e tiraram o queixo do jacaré. Quando já estavam do outro lado, um deles atirou uma flecha para o céu. A flecha ficou lá, grudada. Os pássaros voaram atrás e se transformaram em sete estrelas.
O queixo do jacaré também virou estrela. E aqueles ossos do braço de Wücutcha também ficaram lá no céu, junto com as sete estrelas.



*Ademar Fernandes, Nhatchiäcü
38 anos
Porto Cordeirinho*

Impresso nas oficinas da
EDITORA PARMA LTDA.
Fones: 66-3095 - 912-0790 - 912-0802 - 912-0819
Av. Antônio Bardela, 180
Guarulhos - São Paulo - Brasil
Com filmes fornecidos pelo Editor

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T653 Torü duũ'ügü=nosso povo / [narração oral de João Laurentino Souza [Naĩtanüçü] e Ernesto Manoel Santiago [Tchüüreüçü]; transcrição e tradução de Lucinda Manoel Santiago [Canagüna], Miguel Avelino Firmino [Peguçu], Quintino Emílio Marques [Bewenecü] e Reinaldo Otaviano do Carmo [Mapewecü]; ilustrações pelos habitantes das aldeias Ticuna, Alto Solimões, AM]. — Rio de Janeiro : Memórias Futuras Edições: Museu Nacional da UFRJ; Brasília : Secretaria da Cultura do MEC : Secretaria de Ensino de Primeiro e Segundo Graus-SPES : Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE, 1985.

1. Índios Ticuna — História 2. Índios Ticuna — Religião e mitologia.

85-0273

CDD — 980.3
299.81